UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE

TRAVESTILIDADES, MARCADORES ÉTNICOS E DOCÊNCIA: um estudo com base em narrativas de uma travesti professora do interior baiano

DANILO DIAS

JEQUIÉ/BA
Março - 2017

DANILO DIAS

TRAVESTILIDADES, MARCADORES ÉTNICOS E DOCÊNCIA: um estudo com base em narrativas de uma travesti professora do interior baiano

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação, em Nível de Mestrado Acadêmico, em Relações Étnicas e Contemporaneidade – PPGREC, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia/UESB, Campus de Jequié.
Linha de pesquisa 2: **Etnias, Gênero e Diversidade sexual.**

Orientador: Prof. Dr. Marcos Lopes de Souza

JEQUIÉ/BA
Março – 2017

Dias, Danilo.
D531 Travestilidades, marcadores étnicos e docência: um estudo com base em narrativas de uma travesti professora do interior baiano/Danilo Dias.- Jequié, UESB, 2017.
109 f: il.; 30cm. (Anexos)

Dissertação de Mestrado (Pós-graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade)-Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2017. Orientador: Profº. Drº. Marcos Lopes de Souza.

1. Travestilidades e exercício da docência 2. Gênero - Marcadores 3. Marcadores étnicos 4. Sexualidade – Travestilidades, marcadores étnicos e docência I. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia II. Título.

CDD – 305.235

DANILO DIAS

TRAVESTILIDADES, MARCADORES ÉTNICOS E DOCÊNCIA: UM ESTUDO COM BASE EM NARRATIVAS DE UMA TRAVESTI PROFESSORA DO INTERIOR BAIANO.

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação, em Nível de Mestrado Acadêmico, em Relações Étnicas e Contemporaneidade- PPGREC, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia/UESB, Campus de Jequié.
Linha de Pesquisa 2: **Etnias, Gênero e Diversidade Sexual.**

Aprovada em: 16 de março de 2017.

BANCA EXAMINADORA

Marcos Lopes de Souza

Prof. Dr. Marcos Lopes de Souza- UESB **(Orientador)**

Prof. Dr. Leandro Colling- UFBA
Examinador

Adriana Maria de Abreu Barbosa

Profª. Drª. Adriana Maria de Abreu Barbosa- UESB
Examinadora

JEQUIÉ
2017

AGRADECIMENTOS

Inicio os meus agradecimentos direcionando-os para a espiritualidade e a ancestralidade que em alguma medida sempre se fizeram presentes comigo ajudando-me a buscar a serenidade e a sabedoria para lidar com as mais diversas situações no decorrer da realização deste trabalho.

Agradeço a todxs xs colegas da turma 2015.1 do Mestrado em Relações Étnicas e Contemporaneidade que de acordo com as suas possibilidades, contribuíram para que eu buscasse cada vez mais o aperfeiçoamento e o amadurecimento tanto na realização da pesquisa como nas relações interpessoais. Foram momentos de muitas conversas, pensamentos, análises e aprendizados compartilhados durante todo o ano de 2015.

Agradeço ainda ao meu companheiro Edicarlos Santos, pela companhia e pela compreensão, bem como pela disponibilidade em ouvir todas as minhas mazelas de pós-graduando com tanta paciência e atenção e ainda buscar meios para que eu mantivesse a calma em todos os momentos e etapas da escrita e a me desesperar também quando fosse preciso.

Gratidão à Marise de Santana, Benedito Gonçalves Eugênio e a todxs xs professorxs do programa e também aos visitantes que ministraram aulas tão importantes e que serviram como embasamento para a iniciação a este campo temático de pesquisa tão diverso. Não poderia deixar de mencionar meus agradecimentos à todxs xs colaboradorxs atuantes no Órgão de Educação para as Relações Étnicas – ODEERE que com empenho e dedicação fazem as atividades acontecerem. Sinto-me imensamente agradecido pelo carinho dxs amigxs Pedro Paulo de Deus Lima, Germano Silva e Maria Senhora de Jesus Brito que em especial atenção e com suas particularidades me fizeram perceber que a distância não apaga e nem enfraquece uma sólida amizade. Muito obrigado por tudo!

Agradeço especialmente à participante da pesquisa Louranya Capetiny pelo empenho e disponibilidade em colaborar com o desenvolvimento e progressão do trabalho de pesquisa, por meio das conversas, visitas às escolas e gestorxs, no interesse em conceder informações a todo tempo. Foram vários os momentos de socialização e de fortalecimento das relações que se manterão vivas.

Muito obrigado também às travestis Bilú, Natasha, Gerusa, Celina, Beatriz e a tantas outras que contribuíram por meio do registro de suas vivências e também pela convivência que tive com algumas para o enriquecimento da experiência na construção do trabalho.

Agradeço ainda aos meus familiares: à minha irmã Anália Dias e ao meu irmão Osmar Dias pela cumplicidade, união, amor e afeto trocados, continuamente. Às mães que tive o privilégio de possuir no decorrer da minha vida e formação, inclusive aquela que se tornou estrela e cintila lá no céu. Aos meus primos e primas, especialmente à Jocilene Dias que foi mãe, irmã e prima de acordo as minhas necessidades. Aos colegas que de algum modo se fizeram presentes em vários momentos e discussões e que indiretamente também dedicaram importantes contribuições a este trabalho. Ao grupo de Pesquisa em Gênero e Diversidade sexual da UESB pelos encontros, discussões e estudos realizados que propiciaram excelentes reflexões e questionamentos que levarei para além da pesquisa realizada neste trabalho.

Meus agradecimentos à Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia pela concessão de bolsa de estudos durante toda a realização da presente pesquisa sem a qual as coisas ficariam bem mais difíceis de serem concretizadas.

Agradeço especialmente ao meu orientador Marcos Lopes pelas importantes inquietações despertadas em mim durante as conversas e orientações, bem como a buscar sempre manter uma relação harmoniosa, pacífica e de respeito entre orientador e orientando. Sua paz de espírito me contagiou fortemente e por isso sou ainda mais agradecido. Muito obrigado.

Por fim agradeço a todas e todos, inclusive aquelxs que por conta do instante e de serem muitxs foram momentaneamente esquecidxs, MUITO OBRIGADO!

RESUMO

O presente trabalho de pesquisa buscou analisar as limitações e potencialidades existentes ao se pensar sobre as travestilidades, o exercício da docência e a influência desses marcadores na construção de possíveis identidades para este corpo. Como pressupostos teóricos foram utilizados os referenciais pós-estruturalistas, sobretudo os trabalhos de Marcos Renato Benedetti, Berenice Bento, Guacira Lopes Louro, Michel Foucault, Judith Butler, Hélio Silva, Philippe Poutignat, Jocelyne Streiff-Fenart, Aílton Santos, Rafael França Gonçalves dos Santos, Marina Reidel, Luma Nogueira de Andrade, Tomaz Tadeu da Silva, entre outrxs, lançando mão de discussões em torno de alguns marcadores de gênero como identidade de gênero e cisnormatividade, além de sexualidade e orientação sexual, bem como de alguns marcadores étnicos como ser nordestinx e de comunidade periférica. Todo o percurso do trabalho se deu por meio da aproximação do pesquisador com a participante da pesquisa seguido das visitas à comunidade em que mora e a algumas das comunidades escolares na qual trabalhou. Para a produção de dados foram utilizados o diário de campo, a entrevista narrativa com a travesti professora e a semiestruturada com a mãe dela, a diretora escolar, a coordenadora pedagógica, uma mãe de aluno e algumas pessoas da comunidade em que ela mora. Formada em Pedagogia pela UNIFACS, Louranya possui cerca de doze anos de experiência docente na educação básica pública firmada por meio de aprovações em processos seletivos simplificados além de muitos relatos de acontecimentos importantes no decorrer de toda essa trajetória que nos permite pensar sobre os assujeitamentos e as resistências construídas no decorrer do percurso profissional. A pesquisa trouxe questionamentos como: por que Louranya causou rejeição de várixs dxs professorxs quando foi lecionar para os anos iniciais do ensino fundamental? Umx professorx cisgênero é questionadx como ela foi? Quando as professoras dizem que ela poderá trazer sérios problemas para a escola nos questionamos quais são esses problemas? Quiçá, a travesti desloca a figura da professora tradicional para uma professora que tem uma corporalidade, em especial pelos atributos de gênero e sexualidade. Louranya perturba continuamente este lugar da norma e inquieta xs colegas de trabalho. Para ela, ser travesti não é uma tarefa fácil em nossa sociedade por conta, principalmente do preconceito que se desenvolve em toda parte, mas que por outro lado se trata de poder viver os seus desejos e aspirações nos mais variados campos e segmentos sociais, reconhecendo a importância de fazê-lo como requisito básico para viver em plenitude e que por isso vale a pena lutar. Os marcadores étnicos também interferem em sua produção identitária no sentido de que em meio às suas vivências e no contato com outros grupos e lugares ela se percebe mais fortemente em um sentimento de pertencimento, transformando em elogio e motivo de orgulho o que a cidade, em certa medida, procura desdenhar e isso é possível no estabelecimento de uma relação sua com xs outrxs. Louranya é perseguida e cobrada continuamente na escola para que seja a melhor profissional e dê o melhor de si para continuar no emprego. Mais do que uma profissional ela busca mostrar que o lugar tido como marginal que a querem colocar serve como mola propulsora para o seu fortalecimento e que em muitos casos, esse lugar para ela é justamente o contrário daquilo que ideias e definições comuns tendem a mostrar. Em síntese, investimentos em pesquisas como esta podem ser feitos com o intuito de romper com práticas sutis e limitadoras que evidenciam processos discriminatórios em relação àquelas/es que ousam transgredir as normas.

Palavras-chave: Travestilidades; docência; gênero; sexualidade; marcadores étnicos.

ABSTRACT

This research aimed to analyze the limitations and potentialities of thinking about travestilities, the exercise of teaching and the influence of these markers in the construction of possible identities for this body. As theoretical presuppositions, post-structuralist references were used, especially the work of Marcos Renato Benedetti, Berenice Bento, Guacira Lopes Louro, Michel Foucault, Judith Butler, Hélio Silva, Philippe Poutignat, Jocelyne Streiff-Fenart, Aílton Santos, Rafael França Gonçalves dos Santos, Marina Reidel, Luma Nogueira de Andrade, Tomaz Tadeu da Silva, Stuart Hall among others, making use of discussions around some gender markers such as gender identity and cisnormativity, besides sexuality and sexual orientation, as well as some ethnic markers such as northeastern and peripheral community. The whole course of the work was done by approaching the researcher with the research participant followed by the visits to the community where she lives and to some of the school communities in which she worked. For the production of data was used the field diary, the narrative interview with the transvestite teacher and the semistructured one with her mother, the school director, the pedagogical coordinator, a student´s mother and some people from the community in which she lives. Graduated in Pedagogy from UNIFACS, Louranya has approximately twelve years of teaching experience in public basic education, signed by means of approvals in simplified selective processes, as well as many reports of important events in the course of all this trajectory that allows us to think about the subjection and the resistances built during the professional course. The research has raised questions such as: why did Louranya cause rejection of several teachers when she went to teach in the early years of elementary school? Is a cisgender teacher questioned as she was? When the teachers say that she can bring serious problems to the school we ask ourselves what are these problems? Perhaps, the transvestite shifts the figure of the traditional teacher to a teacher who has a corporality, especially by the attributes of gender and sexuality. Louranya continually disrupts this place of the norm and unsettles co-workers. For her, being a transvestite is not an easy task in our society because of the prejudgment that develops everywhere, but on the other hand it is about being able to live her desires and aspirations in the most varied fields and social segments, recognizing the importance of doing it as a basic requirement to live in fullness and that is why it is worth fighting. The ethnic markers also interfere in her identity production in the sense that in the midst of her experiences and in the contact with other groups and places she perceives herself more strongly in a wave of belonging and this is possible for her in the establishment of a relation the others. Louranya is pursued and charged continuously at school to be the best professional and do her best to continue her job. More than a professional she seeks to show that the place considered as marginal that wants to put her serves as a driving force for its strengthening and that in many cases, this place for her is just the opposite of what common ideas and definitions tend to show. In summary, investments in research such as this can be done with the intention of breaking with subtle and limiting practices that evidence discriminatory processes in relation to those who dare to transgress the norms.

Keywords: Travestilities; teaching; genre; sexuality; ethnic markers.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **10**

1. CAMINHANDO, CONSTRUINDO E (DES) CONSTRUINDO – O PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO **17**

1.1. As vivências do pesquisador e o interesse pela temática **19**
1.2. De que lugar eu falo na construção deste trabalho? **23**
1.3 A aproximação ao campo **28**
1.4 O processo de construção dos dados da pesquisa **31**

2. TRAVESTILIDADES E MARCADORES ÉTNICOS: UM OLHAR SOBRE AS INSTABILIDADES **36**
2.1. Quem é essa travesti professora? **44**
2.2 "*Travesti é isso mesmo e ponto! "* Por que insistimos no consenso? **50**
2.3 "*Parece uma mulher, mas é um traveco*": sobre os usos e atribuições de uma categoria pouco pensada **55**
2.4 *"Eu tive um filho homem e ele tinha que ser homem"*: a cisnormatividade como norma e suas implicações para a compreensão das fobias **58**
2.5 *"Eles diziam: já sei que você é do Nordeste, pois a sua cara não nega":* Ser travesti nordestina e da periferia na relação com a etnicidade **62**

3 VIVÊNCIAS EXPERIENCIADAS NO EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA: LECIONANDO PARA AS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL **75**
3.1 *"Aí a gente veio trabalhando, veio conquistando porque assim a gente tem que conquistar o aluno, tem que conquistar as pessoas pra dar confiança, né":* Sobre os modos de lidar com as situações e exigências normativo-institucionais **75**
3.2. Nem tudo é intimidação: sobre as resistências à ordem normativa **94**

PARA NÃO CONCLUIR **99**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS **101**

APÊNDICES **106**

Apêndice A **106**

Apêndice B **107**

Apêndice C **109**

INTRODUÇÃO

A gênese deste estudo encontra-se vinculada à minha experiência em um projeto realizado na graduação e que me permitiu conhecer, acompanhar e observar um grupo de travestis em suas atividades cotidianas no município de Poções, interior da Bahia, lugar em que nasci e me construí enquanto pessoa que observa e que quer conhecer mais sobre as possibilidades que o mundo oferece.

Em relação a se pensar sobre as travestilidades, foram fundamentais para este trabalho as vivências que antecederam a essa pesquisa e que foram oportunizadas a mim por meio do ensaio etnográfico que realizei no último período do curso na universidade. Percebi empiricamente as dificuldades, os desafios propostos, a "batalha" diária para o exercício de suas atividades e a falta de compreensão, os processos de violência dos mais diversos, como também as táticas de resistência a essas imposições, vivenciadas pelas travestis profissionais do sexo e observadas por mim durante o período de realização da atividade e que, em certa medida, serviram como mola propulsora para o meu interesse em me debruçar sobre a temática.

Com a intenção de saber como andam as produções acadêmicas envolvendo travestis e transexuais professoras e como a temática vem sendo discutida no país, foi realizada uma investigação no banco de teses e dissertações da CAPES, bem como na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD). Os descritores utilizados na busca foram: "Travestilidades", "Educadora Travesti", "Transexualidade" e "Educadora Trans". Na CAPES, ao inserir o descritor "Travestilidade", três registros foram encontrados; com o descritor "Educadora travesti" nenhum registro foi encontrado; com "Transexualidade" onze registros foram encontrados e com o descritor "Educadora Trans" nenhum registro foi encontrado.

Foram inseridos estes mesmos descritores na BDTD e os números encontrados foram: 9 pesquisas apareceram com o termo "Travestilidade"; nenhum trabalho publicado com a utilização do termo "Educadora Travesti"; com o termo "transexualidade" 27 pesquisas foram identificadas e com o descritor "Educadora trans" também nenhuma pesquisa foi encontrada.

Foi realizada, ainda, uma busca de pesquisas que abrangessem o tema utilizando os descritores: "travestis", "transexuais", "professora trans" e "professora travesti". No banco de dados da CAPES, 53 registros foram encontrados com o vocábulo travestis; 33 pesquisas para o termo "transexuais" e nenhum registro encontrado através dos

descritores “ “professora trans” e “professora travesti”. Na BDTD, utilizando os mesmos descritores foram encontrados: 99 registros, entre teses e dissertações com o vocábulo “travestis”; 28 registros para “transexuais”; 1 registro foi encontrado com o vocábulo “ professora trans” e 2 registros para o vocábulo “professora travesti”.

Quando a tentativa foi de realizar uma busca de pesquisas que discutissem sobre as travestilidades e a construção de uma identidade étnica, não houve nenhum registro disponibilizado em nenhum dos bancos de dados consultados. Sobre estes dois trabalhos encontrados que versam sobre professoras trans e professoras travestis, consideramos importante mostrar aqui, em resumo, o objetivo de suas escritas.

A tese intitulada “Professoras trans brasileiras: ressignificações de gênero e de sexualidades no contexto escolar” de autoria de Neil Franco, da Universidade Federal de Uberlândia, objetiva identificar e problematizar indícios de desestabilização que a presença de professoras travestis, transexuais e transgêneros provocam na escola na qual atuam, além de buscar verificar em que medida essas professoras geram o questionamento de normatizações culturalmente estabelecidas e de que maneira isso repercute em suas práticas docentes no que se refere às discussões sobre gênero e sexualidades na escola.

O trabalho conclui que a presença das professoras trans na escola desestabiliza os princípios hegemônicos da heteronormatividade. Isso ocorre, ainda que em alguns momentos, a presença desses sujeitos possa representar uma conformação às normas de gênero no sentido de ‘traírem’ as diretrizes que reorganizam suas localizações de sujeito, fazendo de suas vivências trans uma dimensão invisibilizada pela estruturação de zonas de conforto da feminilidade.

O pesquisador em questão afirma que mesmo com os diversos obstáculos, as professoras trans desencadeiam novos padrões de aprendizagem, convivência, produções diferenciadas de conhecimento, estabelecimentos de vínculo e, especialmente, perspectivas de que o respeito à diferença esteja cotidianamente me pauta. (FRANCO, 2014).

Já a dissertação intitulada “A pedagogia do salto alto: histórias de professoras transexuais e travestis na educação brasileira” de autoria de Marina Reidel, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, traz as histórias de vida de professoras transexuais e travestis atuantes na educação brasileira buscando nortear o campo da educação, transversalizando com outros temas como sexualidade, gênero, violência e preconceito na busca de uma educação possível a partir desses novos sujeitos.

Reidel conclui o seu trabalho de pesquisa afirmando que a pedagogia do salto alto trazida por essas personagens travestis e trans na escola oportuniza que se traduzam novas linguagens em sala de aula, além de demonstrarem, tranquilamente, vencer os obstáculos, de modo a aproximar mundos tão distantes e diferentes (REIDEL, 2013). Será mesmo que é tranquilo vencer os obstáculos? Talvez essa colocação feita pela autora de que a superação dos desafios de suas pesquisadas tenha sido demonstrada tranquilamente seja uma tentativa de mostrar que as dificuldades e empecilhos encontrados só serviram para fortalecê-las a andarem cada vez melhor com os saltos altos, sendo estes comparados à plenitude da realização e das conquistas alcançadas com a utilização de uma importante pedagogia que as represente.

Tem ainda a tese intitulada "travestis na escola: assujeitamento e resistência à ordem normativa" de autoria de Luma Nogueira de Andrade na Universidade Federal do Ceará que contribuiu fortemente para pensarmos sobre modos de operacionalização das relações das travestis no espaço escolar. A citada pesquisa objetivou desvendar as resistências e assujeitamentos de jovens travestis na escola, evidenciando as táticas utilizadas pelas jovens para burlar a disciplina e o controle e produzir linhas de fuga para o acesso e a permanência no espaço escolar. (ANDRADE, 2012).

A negação das travestis no espaço da sala de aula resulta no confinamento e na exclusão, que as transformam em desviantes e indesejadas. Quando isso ocorre no ambiente escolar, a pressão normalmente é tão intensa que impele as travestis a abandonarem os estudos, sendo disseminada a ideia de que foi sua própria escolha. Esta justificativa tenta mascarar o fracasso da escola em lidar com as diferenças, camuflando o processo de evasão involuntária induzido pela escola. Andrade (2012) conclui afirmando que as travestis pesquisadas se assujeitam e resistem para poder sobreviver; em alguns momentos, elas sucumbiram "ao peso de forças adversas", mas também conseguiram gozar "as alegrias da solidariedade".

Diante da escassez de investigações que abordem sobre as travestis que exercem o ofício de professoras e que são nordestinas e de periferia e sobre como elas se veem e lidam com as situações cotidianas e como são vistas no que se refere à identidade de gênero e identidade étnica, torna-se imprescindível que busquemos tomar conhecimento e nos debruçarmos sobre a temática.

Parto assim de um objetivo inicial na produção deste trabalho para que possamos pensar sobre as possibilidades e desdobramentos no decorrer da escrita. Esse objetivo busca compreender como se configuram as travestilidades nas vivências da professora

travesti e como a sua identidade étnica pode ser percebida a partir de alguns marcadores étnicos como ser nordestina e da periferia. Alinhados a esse objetivo principal procuro buscar entender como se configuram os processos institucionais e sociais de discriminação por meio de atos de transfobia e como a travesti professora resiste a esses processos, além de pensar sobre elementos intersubjetivos que influenciam nas vivências da travesti que, de algum modo coadunam para a construção de uma identidade étnica e de pertencimento.

Deste modo o presente trabalho busca trazer maior compreensão sobre como se configuram e se constroem as travestilidades e a identidade étnica nas relações entre a travesti professora, comunidade escolar e de moradores do bairro em que vive, com base em narrativas próprias e da percepção externa de quem convive com ela no cotidiano escolar – no caso alunxs, professorxs e gestorxs e também os familiares e moradorxs da comunidade a que pertence. Em meio ao olhar interno (interlocutora) e ao externo (segmentos) intercruzados com as análises, busco pensar como a professora travesti, nordestina, moradora de periferia desde que nasceu, se transforma e resiste no contexto escolar e social.

Pensar em como ela é vista por esses grupos sociais e como ela se vê e lida com essas questões permite uma maior aproximação em torno dessa identidade travesti e desse pertencimento que se opera sob múltiplas formas, pois se trata de uma travesti que é professora, nordestina, vive no interior da Bahia e que mora em um bairro de periferia.

A pesquisa teve início com a aproximação e conhecimento da travesti, das comunidades escolares pelas quais passou e da comunidade periférica que vive para em seguida dar seguimento à coleta de dados por meio da utilização de entrevistas e diário de campo. O aprofundamento desta pesquisa foi realizado com a travesti professora e com alguns membros de seu convívio profissional.

Utilizo a metodologia de investigação fundamentada na abordagem qualitativa, já que esta pesquisa trata da sujeita, levando em conta seus traços subjetivos, intersubjetivos e suas particularidades. Portanto, a pesquisa qualitativa parece ser a mais adequada para prestar a devida contribuição.

A produção da maior parte do material empírico se deu por meio da entrevista narrativa por defender que esta seja uma opção que preserva “perspectivas particulares de uma forma mais autêntica” (BAUER; JOVCHELOVITCH, 2014, p. 91). Por meio das narrativas “histórias são escritas e identidades são discursivamente produzidas”. (SANTOS ANDRADE, 2014, p. 182).

A entrevista narrativa é uma ferramenta da pesquisa qualitativa; uma forma de entrevista não estruturada, de profundidade, com características específicas, e sua conceituação decorre de uma espécie de crítica ao esquema impositivo de pergunta-resposta da maioria das entrevistas (BRITO, 2016).

A travesti professora em questão revela uma ruptura com os estereótipos de travesti imobilizada pela sociedade; ela, em certa medida borra com este ideal de travesti no singular para fazer eclodir formas de travestilidades diversas. Ás vezes ela é colocada à margem em alguns contextos de sua vida simplesmente pelo fato de buscar viver plenamente as suas relações afetivas e sexuais, por exemplo, quando buscava nas experiências propiciadas pela prostituição, uma forma de buscar prazer, satisfação e divertimento, afinal para ela isso em determinados momentos servia como uma importante maneira para se divertir, se sentir bem e desejada e ainda ganhar algum dinheiro com isso. Por outro lado há uma constante busca por meio do exercício da docência, de uma forma de realização profissional que sempre almejou alcançar, nem que para isso precisasse partir para o enfrentamento das adversidades advindas do lugar que assume para viver plenamente.

A compreensão sobre travestilidades tem tomado alguns importantes direcionamentos no processo de construir e desconstruir caminhos que se devem crer múltiplos e de diversas perspectivas, mesmo que algumas tentativas tendem a colocar as travestis, de modo geral, no lugar marginal, principalmente quando relacionadas com atividades profissionais envolvendo sexo. Esse modelo, obviamente, não deixou de existir, mas as travestis não estão encarceradas a este destino, até porque acredito que pensar o lugar da prostituição na contemporaneidade deve levar em conta que se trata de mais uma forma de expressão de vivência do sexo dentre tantas outras existentes e que ainda essa questão de estarem encarceradas se fragiliza quando pensamos, por exemplo, que a busca por este ofício em muitos casos se faz por desejo, por prazer, por sentirem-se realizadas em seu sexo e em sua sexualidade, independentemente de que necessitem ou não financeiramente e não necessariamente porque estão condenadas a essa situação.

Talvez o estigma ainda exista por conta de uma denotação negativa e marginal que se construiu sócio culturalmente ao longo dos tempos para as palavras prostituta e prostituição e que foram reforçadas, diariamente. Ao pensar, por exemplo, em termos como acompanhantes de luxo, parece que o significado e as formas de olhar para a questão se deslocam para outro campo semântico em que o uso da linguagem, por meio de outras terminologias tende a produzir outros lugares para essa personagem.

É preciso reconhecer e enfatizar que a realidade atual de muitas travestis e transexuais traz mudanças alcançadas por meio das resistências, dos enfrentamentos e das lutas travadas por muitas delas, no decorrer dos tempos e, principalmente na contemporaneidade.

A construção deste trabalho busca suporte nos estudos culturais e na perspectiva pós-estruturalista, afastando-se dos estudos essencialistas, em virtude de desejar novas formas de análise acerca das identidades travestis, por compreendê-las como vivências que borram as fronteiras de gênero.

Estabeleço um diálogo com autorxs como Marcos Renato Benedetti, Berenice Bento, Guacira Lopes Louro, Michel Foucault, Judith Butler, Hélio Silva, Philippe Poutignat, Jocelyne Streiff-Fenart, Aílton Santos, Rafael França Gonçalves dos Santos, Marina Reidel, Luma Nogueira de Andrade, Tomaz Tadeu da Silva, Stuart Hall entre outrxs. Buscamos evidenciar que é preciso compreender que não podemos universalizar e nem padronizar as formas de estar no mundo, pois as subjetividades, as particularidades estão para além das normatizações e das normalizações e que as coisas escapam o tempo todo. A realização deste trabalho se concretiza por meio da produção de três capítulos e que estão organizados do seguinte modo:

Capítulo 1 – Caminhando, construindo e (des)construindo – o percurso teórico-metodológico – No primeiro capítulo, apresento um pouco das minhas vivências com o intuito de contextualizar o meu interesse pelo tema, bem como do surgimento da oportunidade de pesquisar sobre um grupo de travestis, além do percurso metodológico, incluindo a busca da interlocutora para depois me aproximar das comunidades escolares e do bairro em que ela mora, bem como os processos para chegar às fontes, os contratempos na abordagem das escolas, as transcrições, o diário de campo etc. A utilização de metodologia qualitativa, de vertente pós-estruturalista ajudou na interpretação das representações simbólicas percebidas em campo.

Capítulo 2 – Travestilidades e marcadores étnicos: um olhar sobre as instabilidades – Neste segundo capítulo trazemos alguns estudos sobre travestilidades que foram feitos por pesquisadorxs que se debruçam sobre o tema, com o intuito de evidenciar e questionar algumas das possibilidades de compreensão das travestilidades e de que como opera a cisnormatividade nesse processo, permitindo um maior entendimento de que não é possível perceber uma fixidez, um consenso quanto à compreensão das identificações de ser travesti na contemporaneidade. Apresentamos ainda a discussão sobre alguns marcadores étnicos que de algum modo influenciam os

modos de ser e as vivências da travesti professora como, por exemplo, ser nordestinx e de periferia.

Capítulo 3 – Vivências experienciadas no exercício da docência: lecionando para as séries iniciais do ensino fundamental – Neste terceiro capítulo objetivamos enfatizar as experiências profissionais da pesquisada para que seja possível pensarmos e analisarmos os processos envolvidos e as construções discursivas que norteiam as relações entre a travesti professora e os demais segmentos da escola. A proposta ainda é buscar evidenciar os assujeitamentos e as resistências vivenciadas por esta e a importância de se pensar sobre alguns lugares e sobre algumas compreensões que comumente somos trabalhados a adquirir de determinada forma e que os relatos apresentados nos apontam para outras possibilidades.

Capítulo 1. CAMINHANDO, CONSTRUINDO E DESCONSTRUINDO – O PERCURSO TEÓRICO METODOLÓGICO.

A construção deste trabalho buscou apoio na vertente pós-estruturalista, sobretudo nos estudos *queer*, afastando-se dos estudos essencialistas, em virtude de desejar novas formas de abordagem e de análise acerca das travestilidades, por compreendê-las como vivências que estão para além das fronteiras de gênero.

> Há muitas definições sobre o que seriam a teoria, os estudos, para não falar da política *queer*. O próprio termo queer não tem um único significado em inglês. Poderia ser traduzido como esquisito, estranho, excêntrico, anormal, como também por uma série de xingamentos dirigidos àqueles e àquelas que transgridem convenções de sexualidade e de gênero – expressões da linguagem comum que, conotando desonra, degeneração, pecado, perversão, delimitam o lugar social estigmatizado da homossexualidade e, por extensão, de tudo que venha representar alguma forma de desvio e ameaça à ordem social estabelecida. Se a linguagem do sexo é especialmente poderosa para expressar hierarquias e desigualdades sociais, essa força deve se tornar bem mais complexa e diversificada no cenário contemporâneo de "dispersão de sexualidades" de que fala Foucault. Desse modo, queer pode também designar alguém ou algo desestabilizador, num sentido mais amplo (MISKOLCI; SIMÕES, 2007, p. 9).

A política *queer* supera a ideia de movimentação contestatória na qual ela é frequentemente inserida quando percebemos que ela está relacionada com a produção de intelectuais que, na década de 1990, passaram a fazer utilização do termo na descrição dos seus trabalhos e das suas perspectivas teóricas Brito (2016). Apesar de ser um grupo de estudiosos/as, em muitos casos, com grandes divergências de ideias e posicionamentos, os/as teóricos/as *queer* aproximam-se em pontos significativos, como, por exemplo, na adoção da teoria pós-estruturalista de linha francesa e do método da desconstrução (SEIDMAN, 1995, p. 125 apud LOURO, 2001, p. 548).

De acordo com Lincoln e Denzin (2006) uma das estratégias da teoria consiste em pautar-se na velha tradição de transformar a própria identidade em campo de pesquisa de modo a fazer com que se integrem simultaneamente as instabilidades, multiplicidades e parcialidades das identidades dentro do programa e da análise da pesquisa.

Devemos observar que há toda uma idealização e produção ocidental organizada tradicionalmente por meio de conceitos binários e de oposição nos quais se têm como central (superior) uma ideia, entidade ou sujeito e a partir desse lugar é que se posiciona o 'outro' como seu oposto subalternizado (inferior). Derrida (2004), ao propor o método

da desconstrução, afirma que essa lógica poderia ser desestabilizada a partir do desordenamento desses pares. Desse modo, ao elegermos como procedimento metodológico a desconstrução, buscamos questionar e desestabilizar binarismos conceituais e linguísticos, ainda que profundamente enraizados como feminilidade/masculinidade (BRITO, 2016).

De acordo com a perspectiva pós-crítica, o método científico compreende que o processo de construção do objeto de investigação e da construção do próprio pesquisador ocorre no percurso decorrido da realização da pesquisa (COSTA; GRÜN, 2007), não sendo possível, segundo Corazza (2007), nos caminhos e (des) caminhos desse tipo de trabalho, eleger ou descartar quaisquer procedimentos metodológicos antecipadamente, pois partimos do pressuposto de que não é por um método em particular que devemos fazer a opção, mas sim por uma prática de pesquisa que nos é significativa (BRITO, 2016).

> A "escolha" de uma prática de pesquisa, entre outras, diz respeito ao modo como fomos e estamos subjetivadas/os, como entramos no jogo dos saberes e como nos relacionamos com o poder. Por isso, não escolhemos, de um arsenal de métodos, aquele que melhor nos atende, mas somos "escolhidas/os" (esta expressão tem, na maioria das vezes, um sabor amargo) pelo que foi historicamente possível de ser enunciado; que para nós adquiriu sentidos; e que também nos significou, nos subjetivou, nos (as)sujeitou (CORAZZA, 2007, p. 121).

Ao assumir tal caminho nos processos investigativos, percebo o quanto este campo pode provocar incômodos por conta principalmente de que se trata de um rompimento, em certa medida, com aquilo que denominamos como sendo “os cânones da pesquisa acadêmica" (CORAZZA, 2007, p. 119). Por isso, destacamos que o presente trabalho pauta-se num referencial teórico metodológico e em ferramentas que deslocam as certezas e operam com as provisoriedades e assim admitimos que os procedimentos e o trilhar metodológicos aqui apresentados não foram realizados com passos rígidos e engessados, pois compreendemos que a tessitura metodológica é quem deve se adequar às necessidades da investigação (BRITO, 2016) e que isso só é possível com o contato e com as experiências encontradas no caminho.

1.1 As vivências do pesquisador e o interesse pela temática

Considero relevante registrar nesse momento que a construção deste trabalho se pauta em uma relação responsável entre orientador e orientando em que é possível encontrar a parceria, colaboração e participação em todos os momentos da produção de modo a que nos permita assumir o trabalho, em certa medida, como algo produzido conjuntamente e este é um dos motivos pelos quais ao escrever busco a substituição de um eu por um nós nos processos que se formam no texto.

E nesse momento abro espaço para que o 'eu' do pesquisador primário, por assim dizer, possa falar de momentos e vivências que ajudem na compreensão de minha aproximação com o tema. Desse modo, na condição de pesquisador que aqui assumo, considero de fundamental importância falar, ainda que brevemente, sobre estes aspectos e como estas experiências contribuíram de alguma maneira para a formação da pessoa que hoje aqui vos fala; pessoa esta que vive em um constante processo de construção, desconstrução e reconstrução de sua forma de estar no mundo e que isso, talvez, seja um fator importante a se considerar na construção deste trabalho.

Digo construção, desconstrução e reconstrução porque acredito que, em certa medida, a partir do momento em que me percebo como ser que interage e tem convívio social, foram necessárias as experiências vivenciadas por mim de todas essas etapas, em vários momentos da minha vida até o momento atual para que eu pudesse me constituir e continuar me constituindo e chegar até o momento de realizar a presente pesquisa com as impressões e compreensões que aqui tento passar a todas as pessoas que estão lendo este trabalho.

Considero importante para a composição deste trabalho, apresentar alguns momentos de minha vida para que vocês, carxs leitorxs possam entender melhor o motivo e o meu interesse em realizar uma pesquisa com a temática da diversidade de gênero e sexual, bem como sobre a questão étnica e que vem enfrentando barreiras, inclusive no próprio espaço acadêmico, mas que em certa medida articuladas tanto teórico-conceitualmente quanto voltadas para as militâncias, muitas dessas pesquisas e pesquisadorxs têm escapado a essa regra.

Mas cabe inicialmente dizer como foi e como têm sido as minhas experiências e como tenho visto as coisas ao meu redor e como eu me vejo diante de tudo isso. Sou de

família muito pobre, financeiramente falando e que sempre buscou priorizar e valorizar, até pela necessidade contextual, o trabalho e o ganho do salário para a sobrevivência como meios de edificar e dignificar a pessoa humana.

Talvez por essa necessidade e valorização do trabalho como meio para garantir a comida na mesa todos os dias fui constantemente rodeado de pessoas que, mesmo falando da importância dos estudos para o crescimento e mudança de vida, nunca incentivaram na prática para que eu estudasse desde cedo e começasse a criar gosto pelo conhecimento que se obtinha nas escolas e nos livros e que isso poderia ajudar-me a pensar sobre os conhecimentos que aprendi e aprendo com a vida, fora dos espaços institucionais de educação.

Apesar de as condições financeiras serem bem precárias, essas não foram as maiores barreiras enfrentadas por mim nas vivências educacionais, até porque ou bem ou mal nunca faltou comida na mesa, nem roupas para vestir e o principal de tudo para mim, que era um lar, em alguma medida eu sempre o tive. Fui uma criança que, na maior parte do tempo, em alguma medida, tinha vontades, gostos e interesses que se distanciavam daqueles que a maioria dos garotos da escola buscava e ansiava todos os dias.

Eu optava sempre por ficar com as meninas, seja para brincar ou conversar. Isso foi tão intenso que minhas amizades de turma, praticamente durante toda a minha educação básica, foram compostas por meninas. E isso continuou na universidade. Por conta de todas essas questões e por sempre querer estar com as meninas e não gostar de determinadas formas de falar e de brincar dos meninos, comecei a sofrer violências verbais com certa frequência por parte destes.

Neste momento percebo que a minha figura de menino afeminado, corroborando com as discussões de Sedgwick (1993 [2007]) e Cornejo (2011) tende a manter “uma enfática concentração virulenta de patologização da homossexualidade” o que de certo autorizaria uma psicóloga, caso eu tivesse acesso na época, a declarar que eu teria um possível transtorno de identidade de gênero. “A categoria “mulher” é reiterada uma e outra vez nestas intervenções disciplinares sobre meu corpo de uma maneira heteronormativa e misógina” (CORNEJO, 2011, p. 15).

As pessoas diziam assim: "*ele parece uma mulherzinha ui ui ui*" e "*só anda com as meninas*". Foi a partir daí que eu comecei a perceber que era diferente e que essa mulherzinha dita pelos colegas talvez fizesse algum sentido. Como em casa eu não sofria nenhum tipo de represália por conta dos meus interesses e diversões e sempre podia brincar de coisas que eu adorava como bonecas, casinha e de fazer comidinhas com minhas primas, nunca havia pensado que, por conta disso eu poderia ser uma mulherzinha.

Havia, por parte da maioria dos meninos da minha classe, e também por parte de várixs professorxs, a prática do controle quanto ao nível de afeminamento em que eu me encontrava, tornando, segundo Cornejo (2011, p. 12) "inevitável e óbvia a patologização do meu corpo como das minhas performances de gênero" e isso era reiterado constantemente no espaço escolar por meio do processo de vigília e de chamada de atenção para as práticas vigentes e que caberiam no espaço da escola para um menino.

Por diversos momentos de minha infância eu me reconhecia nesse lugar do feminino e me sentia bem por isso. O encenar ser uma mulher, por meio das brincadeiras, junto às minhas colegas, me possibilitava experimentar sensações agradáveis de certa liberdade nunca antes experienciada e que acima de tudo era possível eu me expressar como queria, nem que fosse apenas entre o pequeno grupo de meninas que eu tinha como colegas. Por este motivo é importante pensar que as vigilâncias e as interdições construídas culturalmente não são tão potentes o quanto se pensa, pois não dão conta de demarcar limites entre eu e as demais pessoas, por exemplo.

No meio social em que convivi na infância e adolescência, toda essa questão do ter que ser menino-homem sempre se impunha para mim de modo muito contundente. Acredito que boa parte do isolamento que buscava em alguns momentos de minha infância se deu, em grande parte, por ser apontado como mulherzinha, viadinho, bichinha, pois todo o tempo, em vários acontecimentos ao meu redor eu sempre fui bombardeado com normas, prescrições e modos de ser e agir que não eram desejados por mim, mas que era o que eu precisava seguir e ser.

Assim como Cornejo, eu me questionava sobre de que modo teria alguma serventia ser um menino, se as minhas vivências na infância eram pensadas como um processo de transição inacabado e movediço em um espaço e um nome que não se podia habitar?

Inquietavam-me as posições limites nas quais eu poderia circular nas relações sociais e nas subjetividades. Deste modo, corroboro da pergunta “por que este menino não podia ter outros futuros?”.

Tudo que me censurava me interditava e me apontava como algo fora do contexto desejado e esperado estava pautado em uma condição socioculturalmente construída em uma perspectiva biológica de que um menino como eu deveria agir estava pautado em um padrão heteronormativo imposto socialmente que quer ditar a ‘normalidade’ de como devemos ser, como devemos nos comportar e o que podemos ou não ter como objeto de desejo. Miskolci (2003, p. 110) questiona:

> O que é normal? O que é desvio? A resposta a estas duas questões intercambiáveis não pode ser encontrada nas ciências naturais. O que se qualifica de normal não é um dado natural e evidente, antes o resultado de discursos e práticas sociais.

Por conta de processos e definições possíveis de enquadramentos das pessoas, pautados em padrões heteronormativos e cristãos de normatizações e normalizações é que por muito tempo me vi como um ser desviante e excluído dos demais por trazer comigo alguns traços e características que destoassem da regra ou que me distanciavam do esperado pela maioria das pessoas.

A partir do momento em que passei a observar de modo mais crítico o espaço em que vivia, surgiu a oportunidade de conhecer outras pessoas de vários lugares e que têm as mais variadas formas de estar no convívio social. Lembro-me, especialmente de meu primeiro contato com uma travesti no município em que nasci. Ela era bastante conhecida no bairro por ser uma das primeiras travestis com grande dose de silicone nos seios e isso produzia uma imagem na comunidade de que ela fosse bem de vida, no sentido financeiro. Suas roupas curtas, justas e seios enormes a tornavam uma mulher cobiçada por vários homens da cidade.

Foi a partir daquela proximidade e da busca por tentar conhecê-la um pouco mais para saber como eram as suas vivências que eu comecei a perceber que existem várias possibilidades para estar e viver no mundo que escapam ao que, geralmente é visto como o modelo a ser seguido, como a norma a ser adotada por todas as pessoas. Em Natasha, nome social da travesti em questão, as definições de masculinidades e feminilidades não pareciam tão delimitadas.

Havia ali, segundo Santos (2015, p. 45) uma espécie de "desestruturação nas teorizações pautadas em uma concepção biológica das sexualidades, que pretende relacionar a identificação masculina ou feminina aos atributos biológicos".

Observando a diversidade nos seus mais variados aspectos sociais e culturais é que comecei a questionar sobre como as coisas nos são apresentadas e impostas como modelos exemplares a serem seguidos e que tudo isso só reforçava a ideia de que existe a forma "correta" de ser e de estar no mundo e que isso deveria ser seguido de modo rigoroso por todas as pessoas, inclusive por mim.

Nesse momento percebi que as coisas como nos são apresentadas podem e devem ser questionadas e problematizadas e que elas não são dadas a priori, pois compreendo o social como um processo constitutivo de subjetividades que construo e vivencio por meio das relações e interações sociais mais amplas. Entendo que este é um modo de produzir ciência que se constrói de acordo com o que as vivências, os contextos e as várias formas de captação e percepção propiciam e que explicam o mundo de uma determinada maneira.

Haraway (1995 b) em seu texto sobre os saberes localizados e a questão da ciência, questiona que não deve, ou pelo menos não deveria ser satisfatório para xs cientistas mostrarem o contingenciamento da história radical e os processos subjacentes na construção de tudo, mas que é necessário unir "ao discurso de várixs cientistas praticantes os quais, uma vez tudo dito e feito, acreditam principalmente que estão descrevendo e descobrindo coisas através de sua construção e de sua argumentação" (p.15).

Quero dizer com isso que busco compreender todos os processos sociais que vivencio a partir da visão de que estes estão em constante transformação e que é preciso considerá-los como saberes situados em algum momento e contexto favorável ao seu surgimento.

1.2 De que lugar eu falo na construção deste trabalho?

Pensar sobre a questão das travestilidades, independentemente do grau de entendimento e profundidade sobre a categoria, em alguma medida sempre foi algo com o

qual me deparava e pelo qual a minha curiosidade em conhecer cada vez mais começou a tomar maiores proporções no decorrer do tempo. A convivência com algumas travestis na comunidade em que morava quando criança serviu como mola propulsora para aguçar a busca por maior compreensão das práticas que ali se inseriam e que naquele contexto eram tidas como práticas ilegítimas e que por conta disso provocavam a maior reviravolta nas relações sociais e comunitárias.

Desde a infância eu sentia uma grande identificação e empatia para com as travestis que ali conviviam e parecia que toda a forma de desrespeito ou de maus tratos direcionados para qualquer uma delas produzia em mim certo sofrimento, mal estar e desconforto, mesmo que aquilo não fosse diretamente para me atingir, mas era como se eu estivesse sendo agredido também em alguma medida. Acredito que essa sensibilização para com as travestis se deve ainda pelo fato de que eu via nelas outras possibilidades de se pensar as vivências para si e que para mim essas vivências eram mais interessantes e produziam um lugar em que eu sentia maior conforto e maior liberdade de expressão.

Esse lugar me parecia possível. Era um lugar em que eu poderia ser e sentir-me da maneira que quisesse sem que precisasse ficar na autovigilância ou nas censuras que geralmente nos rodeiam e que acabam por atrapalhar e querer impedir que nos expressemos de determinados modos. E para mim algo que muito chamou a atenção e que isso se desdobra até os dias de hoje nas vivências de muitas travestis, inclusive daquelas que tive o prazer de conviver por um tempo é a maleabilidade com que lidam com várias compreensões sobre gênero e sexualidade que para a maioria das pessoas são definições bastante engessadas.

Em alguma medida me autoidentifico como uma pessoa que possui certa variável travesti no sentido de que partilho de muitos dos desejos, da flexibilidade com que vivem os gêneros, as dificuldades pelas quais as travestis, via de regra encontram em suas trajetórias, além do que defendo incansavelmente a busca por mais conhecimento sobre esse universo travesti que muito tem a contribuir para pensarmos sobre as pluralidades existentes no tocante às vivências dos gêneros e das sexualidades, bem como a compreendermos sentimentos relativos a nós mesmos.

Ao mencionar que me identifico como uma pessoa que possui certa variável travesti, ouso a colocar-me como mais uma possibilidade de vivência da travestilidade,

visto que esta mantém sua existência nos mais variados formatos, aspectos e multiplicidades de entendimento e por este motivo acredito que a minha auto-compreensão encontra espaço nessa pluralidade para poder tomar existência.

Por diversos momentos em minha vida senti-me como pertencente ao gênero feminino por mais que portasse uma genitália tida como masculina. Eu gostava de me sentir feminino em algumas situações, compartilhando com as amigas do modo que me sentia e como isso me fazia bem. Em outros momentos, pertencer ao gênero que me foi imposto no nascimento também era muito agradável e confortável, pois permitia que eu passasse por experiências contextuais que produzissem novos sentimentos, sensações e aprendizagens.

Uma diferença básica entre eu e as travestis que conheci por meio de vivências e das leituras que tratam sobre as travestilidades e essa se refere à questão de que não faço uso das tecnologias disponíveis no mercado para a construção de um feminino no meu corpo de modo a que essas características se tornem marcas cotidianas em minha vida. Mas acredito que mesmo não desejando fazer uso de hormônios, implantes de próteses ou aplicação de silicone industrial e todos os demais tratamentos cirúrgicos, hormonais e estéticos dos quais as travestis lançam mão, compartilho de muitos dos anseios e muito me identifico com os processos que configuram as vivências, afetividades e desejos de muitas delas.

Esse compartilhamento e essa identificação se repetiram de modo intenso no processo de construção desse trabalho, pois eu conheci me aproximei e, em certa medida, passei a fazer parte das vivências de uma pessoa travesti que trabalha na área da educação e que muito tem a contribuir para pensarmos sobre a questão, ainda que amparada na provisoriedade.

Essa travesti professora como assim deseja ser identificada não se reconhece apenas em um lugar de identificação, mas em vários lugares, buscando superar os limites que são socialmente impostos para determinado sexo/gênero. Por isso e por outras questões que venham a surgir, reitero que em certa medida me vejo nessa travesti.

Há várias discussões desde tempos mais antigos e se desdobrando na contemporaneidade sobre o lugar de fala dxs pesquisadorxs na construção dos trabalhos e desenvolvimento das pesquisas. Há, inclusive, certa problemática no sentido de que

muitas das discussões questionam sobre quem está autorizado a falar em relação a determinado segmento, quem pode pesquisar sobre um grupo específico ou sobre um indivíduo desse grupo.

Uma das possibilidades para se pensar a questão talvez seja aquela em que as estratégias discursivas de um lugar de fala obedecem a determinadas regras para serem autorizadas e legitimadas. Afinal, “ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo" (FOUCAULT, 1999, s/p). É fundamental que se pense criticamente sobre o que é estar qualificadx para falar de algo no sentido de que devemos evitar que essa compreensão seja reducionista.

Digo isso porque em algumas perspectivas talvez eu não pudesse estar pesquisando e falando sobre travestis porque eu não seria do grupo. Há ainda um grande desafio para analisar essas questões, pois é muito complicado afirmar que para falar de travestis só sendo uma travesti dentro dos moldes preestabelecidos, ou que para falar sobre negros, gays, índios entre outrxs eu deva necessariamente ser de um grupo específico.

Braga (2000) acredita que o lugar de fala não é inteiramente pré-existente, mas que é construído na relação entre a situação concreta e a fala referencial, a associação disponível com outros elementos e a própria fala como dinâmica selecionadora e atualizadora de posicionamentos e construtora da situação interpretada. Desse modo é insuficiente buscar sentido só em sua estrutura formal, nas inserções interdiscursivas ou nas circunstâncias do contexto, pois os lugares de fala transcendem o discurso.

Minha identificação com o objeto pesquisado se construiu e se constrói em um emaranhado de relações intersubjetivas e interdiscursivas em que há uma capacidade de traduzir, de interpretar conhecimentos entre comunidades e indivíduos diferentes e diferenciadxs e que está para além da estrutura formal da fala. O campo semântico dos lugares de fala, das percepções, das identificações e (des) identificações vivenciadas na construção do presente trabalho trata-se de um conceito nem estritamente linguístico, nem exclusivamente sociológico, mas do jogo destes com os contextos e suas possibilidades e provisoriedades construídas.

Certamente é de se considerar que nem todas as pessoas falam do mesmo lugar ou compreendem a percepção dos lugares de fala de modo uníssono, até porque as relações

com as estruturas de poder entre opressor/oprimido interferirão na compreensão e na possível determinação dos lugares. Não se pode negar a existência do lugar de fala, mas é fundamental que se pense em uma perspectiva de que existem lugares de fala, sempre no plural para que assim seja possível observarmos e reconhecermos esses lugares de modo mais amplo e que tenham maiores possibilidades de conexão.

Ao dizer, por um lado, que me reconheço, em certa medida, na travesti pesquisada, por outro lado compreendo que esse reconhecer-se em tal pessoa está envolto de certa fragilidade e de limites que, incontestavelmente encontram respaldos quando falamos, por exemplo, de processos de violência pelos quais estas pessoas passam, cotidianamente.

Borrando com o binarismo sexo/gênero e suas relações com a sexualidade humana e, por conseguinte, rompendo com os padrões heteronormativos vigentes, as travestis e transexuais, acabam por tornarem-se alvo de processos de violência.

E isso vai de um 'simples' comentário proferido, sendo caracterizado como insulto, passando pelas formas de impedir o acesso e o direito dessas pessoas como qualquer outra pessoa cidadã a produtos e serviços, bem como à socialização e interação entre as pessoas nos mais variados espaços, até chegar, em muitos casos, à agressão física e psicológica denominando o que compreendemos aqui como um ato transfóbico.

A transfobia pode ser compreendida como uma aversão e repulsa, ódio e preconceito contra essas pessoas e/ou grupos que não estão em conformidade com a norma de gênero social e institucionalmente aceita pela sociedade dentro de padrões que se querem universalizantes no que se entende por ser homem e ser mulher. É a cisnormatividade aparecendo com discursos que desumanizam e patologizam as vivências travestis. Lanço mão, assim, de uma compreensão de transfobia de modo a abranger os mais variados aspectos das relações entre a comunidade e a travesti inserida no espaço social e institucional.

Desse modo, compreendo que a transfobia é um significativo exemplo de um processo discriminatório pelo qual a maioria das travestis passa em suas vivências e que eu como pesquisadorx das travestilidades não sou alvo e nem nunca passei por esse tipo específico de discriminação em minhas vivências. Mas isso não significa que eu não tenha vivenciado outro processo discriminatório e não menos importante em minhas

vivências que é a homofobia. Isso também não me impede de discutir sobre os ataques lançados contra as travestis, porém ressaltando que ao falar sobre transfobia, e mesmo sobre outros aspectos de suas vivências, nessa perspectiva, assumo o lugar de quem fala com a travesti buscando por meio de suas narrativas, construir os lugares de fala.

Há muitos exemplos e maneiras de manifestação da transfobia por parte da sociedade e isso envolve os mais variados processos sociais e hierárquicos de relações de poder.

1.3 A aproximação ao campo

Anterior à entrada ao campo, eu tinha informações prévias de que na cidade de Jequié - Bahia, lugar em que me ingressei no curso em nível de Mestrado acadêmico em Relações Étnicas e Contemporaneidade, possivelmente eu encontraria uma pessoa travesti e que exercesse o ofício de professora, pois estes eram os critérios iniciais para a busca da participante da pesquisa.

Deste modo, como já tinha conhecimento de algumas atividades e do envolvimento de uma ONG do município com as questões da diversidade, busquei informações sobre a probabilidade de encontrar travestis que trabalham ou já tenham trabalhado como professoras.

Acabei conhecendo Camila, uma colega de curso e que por trabalharmos, de certo modo, com a mesma temática de pesquisa, conversávamos brevemente sobre os processos adotados para a realização da pesquisa. Ao falar sobre a minha proposta, a colega logo me indicou uma travesti com a qual havia tido contato anteriormente e que era professora na rede municipal. Não hesitei em localizar a pessoa indicada e, imediatamente busquei meios para me aproximar.

O primeiro contato com Louranya, nome social da travesti participante da pesquisa, se deu por meio de uma ligação feita por mim para agendarmos alguns encontros de acordo com a disponibilidade dela. Logo pelo telefone, mesmo sem conhecê-la pessoalmente, já senti, da parte dela, uma boa receptividade em me ouvir e em aceitar um encontro para conversarmos.

Lembro-me que logo no nosso primeiro encontro, quando fui visitá-la para falar de modo mais explicitado e detalhado sobre a pesquisa, sobre como seria sua colaboração e contribuição e se teria interesse em participar, ela se encontrava com a perna direita enfaixada por conta de uma lesão sofrida em um acidente jogando voleibol. Porém isso não foi motivo suficiente para impedir que o nosso encontro fosse bem amistoso e agradável. A partir daquele primeiro contato, pude perceber sua total disposição e disponibilidade para contribuir na realização da pesquisa.

A pesquisa de campo foi realizada na comunidade em que Louranya mora e em algumas das escolas em que ela trabalhou nos bairros Km 03 e Km 04, da periferia de Jequié – Bahia. Segundo Gonçalves (2001, p.67)

> A pesquisa de campo é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas [...].

Busquei então, me aproximar cada vez mais dela para que pudéssemos ter momentos de conversas em que ela apresentasse possíveis discussões que abordassem as questões de ser educadora, ser travesti, nordestina e viver em uma comunidade periférica no município de Jequié. As incitações às conversas e narrativas foram organizadas por mim de modo a fazer com que essas questões de como ela se vê e de como ela é vista por algumas pessoas no que diz respeito à questão de gênero e à questão étnica vivenciadas no espaço escolar fossem elucidadas por ela de acordo com o registro que fazia de suas vivências e de suas experiências.

Todo esse processo de aproximação inicial ocorreu de modo aparentemente tranquilo e sem maiores barreiras. A disponibilidade para os encontros era constante e as nossas conversas e as indicações de outras pessoas que fazem ou fizeram parte de suas vivências educacionais eram feitas pela própria Louranya. As situações adversas e atípicas para o bom andamento da pesquisa e da realização dos encontros e conversas foram aparecendo de modo sutil. Como comecei a frequentar, quase que regularmente o bairro e a casa em que a travesti mora, percebi olhares mais atentos e vigilantes que se incidiam sobre mim por parte de membros da comunidade.

Algumas pessoas da referida comunidade começaram a ficar curiosas para saberem sobre quem era aquele moço (no caso eu) que frequentemente aparecia no bairro e se

direcionava para a casa da travesti e o que ele queria com aquelazinha. Falo isso porque de acordo com algumas pessoas curiosas e moradoras do bairro que chegaram próximas a mim, acabavam me relatando isso dizendo que a curiosidade era de outras pessoas e não delas. Busquei formas de lidar com essas pessoas de modo que se sentissem suficientemente a vontade comigo para que pudessem trazer mais informações sobre as impressões que carregavam sobre Louranya, pois isso poderia ajudar no trabalho.

Continuando os contatos e a aproximação para melhor entrosamento no espaço de vivência da comunidade em que ela morava, sempre agendava uma visita em que poderíamos conversar um pouco mais sobre as situações que mais a permitissem pensar sobre os processos de violência e de fuga aos conceitos e normas do padrão ainda utilizado como modelo social. Utilizo do termo travesti professora sem com isso querer fixar um modelo de ordem para essas palavras e sem querer limitá-las a algum entendimento único e preciso, mas considero importante que essa espécie de jogo com as palavras possibilitará uma maior aproximação com as discussões e problematizações.

Mas de qualquer forma explico que utilizei o termo na presente ordem acreditando que desta maneira, e com as discussões colocadas aqui neste trabalho, o leitor poderá perceber melhor que a categoria travesti está em certa medida, em primeira ordem para que possamos, partindo desse entendimento, notar que todas as demais questões e problematizações que ocorrem, sejam no espaço escolar ou na comunidade, decorrerão dessa máxima das travestilidades e do pertencimento aqui discutidas e que repercutem fortemente nos espaços institucionais.

Então, a partir dessa aproximação com o campo de pesquisa e com a pesquisada em questão, pude conhecê-la melhor e com isso nossa aproximação se tornou cada vez mais intensa. Depois de alguns encontros foi possível fazer com que ela pudesse me levar ao encontro de algumas pessoas que convivem ou que conviveram com ela em suas vivências nos espaços da escola. Foi muito importante esta aproximação, pois permitiu que, posteriormente, eu pudesse continuar mantendo contato para futuras contribuições destas pessoas à pesquisa.

Consegui me aproximar de uma pessoa querida por Louranya e que foi diretora na escola em que ela trabalhou durante quatro anos. Aproximei-me ainda, de uma coordenadora pedagógica de outra escola em que atuou como professora por dois anos,

além de poder ter um papo com estudantes que foram alunos e alunas dela durante todo esse período e etapas das vivências como professora/professor travesti.

Contatei, ainda, algumas pessoas da comunidade em que ela mora, como já dito anteriormente e ainda tive a oportunidade de conversar com uma mãe de um aluno com o qual Louranya passou por grandes dificuldades e desafios e que espero trazer um pouco dessas experiências e vivências no decorrer do trabalho.

1.4 O processo de construção dos dados da pesquisa

A produção do material empírico se deu, em sua maioria, por meio da entrevista narrativa, por compreender que esta seja uma opção que preserva "perspectivas particulares de uma forma mais autêntica" (BAUER; JOVCHELOVITCH, 2014, p. 91). Por meio das narrativas "histórias são escritas e identidades são discursivamente produzidas" (SANTOS ANDRADE, 2014, p. 182).

Trata-se de um contar histórias que, de certa forma segue um esquema de autogeração das características principais que envolvem o processo construtivo da narrativa em que se busca o detalhamento da informação para que seja possível a associação entre os acontecimentos, além do que a pessoa narrará os aspectos que considerar mais relevantes no momento de sua produção de acordo com a sua inserção em determinado contexto social e sua perspectiva de mundo. Segundo Jovchelovitch e Bauer (2014), os pontos mais centrais da produção narrativa devem ser contados ao máximo em sua cobertura e extensão para que seja possível uma maior sistematização e sequenciamento dos acontecimentos.

A entrevista narrativa é utilizada aqui como ferramenta metodológica de abordagem qualitativa e que por conta disso, de certa forma, possibilita uma leitura da realidade, pois, segundo Chizzotti (1995, p. 79),

> A abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. O conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado. O objeto não é um dado inerte e neutro, está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações.

Nessa perspectiva de abordagem, a entrevista narrativa vem como uma forma de entrevista não estruturada, de profundidade, com características específicas e sua conceituação decorrem de uma espécie de crítica ao esquema impositivo de pergunta-resposta atribuído à maioria das entrevistas. (BRITO, 2016).

Desse modo, para se conseguir uma versão da narrativa de modo menos tendencioso e impositivo e, por conseguinte mais espontâneo e enriquecedor da perspectiva apresentada pela pessoa entrevistada, é importante que se reduza a interferência por parte do entrevistador e do espaço que se utiliza para a realização da entrevista.

As regras para execução desse tipo de entrevista restringem o entrevistador, pois ela em certa medida, vai mais além do que outros métodos de entrevista ao se evitar que seja realizada uma estruturação prévia para sua aplicação. Compreendemos que nessa perspectiva, a entrevista narrativa traz significativas colaborações para a construção dos dados no sentido de que é um empreendimento mais notável para fugir do tipo de entrevista baseado em pergunta-resposta (BRITO, 2016).

Ela emprega um tipo específico de comunicação cotidiana, o contar e escutar história, para conseguir este objetivo. O pressuposto que se subjaz nessa colocação é que o panorama se revela melhor nas histórias onde a pessoa informante está fazendo uso da linguagem de modo mais espontâneo e de acordo com suas expectativas na narração dos acontecimentos (BAUER; JOVCHELOVITCH, 2014).

Segundo Andrade (2014, p. 181), as narrativas são posicionadas como uma "produção cultural, social, política e histórica, e não como um dado fixo, estável, igual a todos os outros e ancorado em práticas sociais e culturais que se querem mais ou menos precisas e iguais", sendo, portanto, uma opção possível para que a travesti professora/professor narre suas histórias de vida escolar e, desse modo, signifique "os processos de exclusão e inclusão escolares vividos" (SANTOS ANDRADE, 2014, p. 175).

A entrevista narrativa consiste em uma série de princípios voltados para ativar o esquema da história, provocar e conservar a narração da/o informante por meio da mobilização do esquema autogerador. Sua preparação envolve tempo de aproximação e familiaridade com o campo a ser estudado para que se elaborem questões por meio dos

acontecimentos externos vivenciados em determinados contextos, que são as perguntas que refletem o interesse, as formulações e a linguagem do/a pesquisador/a (BAUER; JOVCHELOVITCH, 2014).

Nesta pesquisa, ao escolher trabalhar a maior parte do material com a entrevista narrativa não foi elaborado um roteiro de questões. Destaquei apenas o tópico central da entrevista: as práticas discriminatórias vivenciadas pela entrevistada, no que concerne à identidade de gênero (identificação como travesti professora/professor) e a identidade étnica (identificação como nordestina, do interior e da periferia), durante a sua trajetória profissional, incluindo a relação com colegas, docentes e alunas/os. A partir desse tópico, pedi que a entrevistada narrasse como foi essa vivência para ela.

Utilizei com o consentimento da travesti professora e com algumas das pessoas entrevistadas que fizeram parte do mesmo espaço de trabalho, recursos de gravação de áudio, o que facilitou o registro das entrevistas e a posterior transcrição. Segundo Bauer e Jovchelovitch (2014), a transcrição, ainda que seja um processo exaustivo e repetitivo, deve ser o primeiro passo na análise de narrativas, pois é extremamente útil na apreensão do material e para a interpretação dos dados.

A realização da transcrição não se encerra na fala crua das participantes, é preciso que se observem também as possíveis entonações da voz, as pausas, dentre outras características não meramente linguísticas, para que estudemos as histórias não apenas no que se refere ao seu conteúdo, mas também quanto à sua forma (Brito, 2016).

As transcrições foram reunidas com as anotações feitas durante as entrevistas e posteriormente analisadas com o instrumental teórico, com o objetivo de suscitar o debate acerca das travestilidades, das relações étnicas e da educação vivenciadas pela pessoa entrevistada.

Com as demais pessoas que colaboraram com a presente pesquisa foi feita a entrevista semiestruturada em que foram colocadas algumas perguntas de modo mais pontual e sequencial para que fosse possível traçar um *modus operandi* que interferisse minimamente na contextualização e na espontaneidade dos relatos.

Trivinos (1987, p.146) esclarece que entre as principais características de uma entrevista semiestruturada, estão:

> Apoiar-se em teorias e hipóteses que se relacionam o tema da pesquisa; descrever e explicar os fenômenos analisados para sua melhor compreensão; que o aluno/pesquisador seja atuante no processo de coleta de informações. É importante ainda destacar o roteiro de entrevista, que deve ser enxuto: contar com 5 perguntas e que sejam aplicadas, no máximo, a 8 participantes.

Manzini (1990/1991, p. 154) destaca ser importante que o roteiro de entrevista seja organizado de maneira básica e com perguntas simples e principais para a pessoa entrevistada de modo a permitir que sejam "complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista". Para o autor, esse tipo de entrevista pode fazer emergir informações de forma mais livre, desvinculadas de alternativas que possam ser sugeridas pelo roteiro utilizado, permitindo que os entrevistados sejam mais espontâneos.

Os dados construídos foram interpretados com base nos discursos presentes nos materiais, tendo como referencial de análise, os estudos foucaultianos que tem por pressuposto o entendimento de que o discurso é uma prática produtiva que fabrica verdades, saberes, sentidos, subjetividades (SALES, 2014).

Para Foucault (2004), o discurso é “a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos” (p. 49). Os discursos, para o referido autor, “devem ser tratados como práticas descontínuas, que se cruzam por vezes, mas também se ignoram ou se excluem” (FOUCAULT, 2004, p. 52-53).

Fischer (2001) pontua a existência de inúmeras vozes falando num mesmo discurso, “seja porque o destinatário está ali também presente, seja porque aquele discurso está referido a muitos outros” (p. 207), a isso a/o analista deve estar atenta/o, bem como ao fato de que “nos discursos sempre se fala de algum lugar, o qual não permanece idêntico: falo e, ao mesmo tempo, sou falado” (p. 208).

Segundo a perspectiva foucaultiana, analisar os discursos exige a recusa de explicações universalizantes e unívocas, de fáceis interpretações, e da busca do sentido último ou do sentido oculto. A/o analista do discurso deve se manter no nível de existência das palavras, das coisas ditas.

> Isso significa que é preciso trabalhar arduamente com o próprio discurso, deixando-o aparecer na complexidade que lhe é peculiar. E a primeira tarefa para chegar a isso é tentar desprender-se de um longo e eficaz aprendizado

> que ainda nos faz olhar os discursos apenas como um conjunto de signos, como significantes que se referem a determinados conteúdos, carregando tal ou qual significado, quase sempre oculto, dissimulado, distorcido, intencionalmente deturpado, cheio de "reais" intenções, conteúdos e representações, escondidos nos e pelos textos, não imediatamente visíveis. É como se no interior de cada discurso, ou num tempo anterior a ele, se pudesse encontrar, intocada, a verdade, desperta então pelo estudioso. Para Foucault, nada há por trás das cortinas, nem sob o chão que pisamos. Há enunciados e relações, que o próprio discurso põe em funcionamento. Analisar o discurso seria dar conta exatamente disso: de relações históricas, de práticas muito concretas, que estão "vivas" nos discursos (FISCHER, 2001, p. 198-199).

Ao coadunarmos com a ideia de que o enunciado não está oculto, não queremos com isso dizer que ele está facilmente visível. É preciso um esforço para interrogar a linguagem, para pensar de que modo ela é produzida e o que determina a sua existência. "É perguntar: por que isso é dito aqui, deste modo, nesta situação, e não em outro tempo e lugar, de forma diferente? É investigar sobre as posições necessárias ao falante, para que ele efetivamente possa ser sujeito daquele enunciado" (FISCHER, 2001, p. 205).

Como contribuição da Análise do discurso, questionei ao texto o porquê de algo ter sido dito (daquela forma e não de outra) por aquela pessoa, em que tempo e local o discurso se localiza, quais os discursos jurídicos, médicos, religiosos que permeiam os discursos que estão presentes nas narrativas, entendendo as pessoas entrevistadas como efeitos desses discursos e não como suas produtoras originárias. "O sujeito da linguagem não é um sujeito em si, idealizado, essencial, origem inarredável do sentido: ele é ao mesmo tempo falante e falado, porque através dele outros ditos se dizem" (FISCHER, 2001, p. 207).

Capítulo 2. TRAVESTILIDADES E MARCADORES ÉTNICOS: UM OLHAR SOBRE AS INSTABILIDADES

Busco discutir um pouco mais sobre como vêm sendo abordadas, em alguns trabalhos, as compreensões em torno do que é ser travesti. Para isso trago algumas possibilidades pensadas de acordo com autorxs que pesquisaram e que ainda pesquisam sobre esta temática com o esforço de, a partir de diversas leituras e algumas vivências propiciadas pelo campo de pesquisa, traçar reflexões teóricas sobre as características que, de algum modo são associadas às identidades e às vivências das travestis, além de traçar um paralelo com alguns marcadores étnicos como ser nordestinx e da periferia que de algum modo estão interseccionadas com as demais questões discutidas. Propomo-nos a pensar sobre como as relações com os segmentos externos interferem na construção de uma identificação travesti e como ela lida com isso para que assim possamos pensar em um pertencimento travesti. Para isso trazemos discussões em torno das identidades, como por exemplo, o que vem a ser a identidade étnica. Problematizamos a fixidez do conceito de identidade em contraposição ao conceito de identificação.

Ao propor uma discussão sobre questões identitárias e de gênero, é preciso que se tenha em mente que este é um campo em que sempre corremos riscos e que de acordo com as colocações de Santos (2014) há sempre o perigo de ao tentarmos fazer abordagens no tocante às identidades, de limitarmos ou reduzirmos a potencialidade presente nas mais diversas expressões de gênero que nos aparecem e nos mais variados contextos e nas experiências e vivências no decorrer das relações e interações com o meio social. Há, portanto, nesse primeiro capítulo, a tentativa de problematizar por meio de algumas compreensões de pesquisadorxs da área e por meio de alguns dados obtidos em campo, os limites advindos de uma espécie de engessamento das classificações identitárias pautadas em um referente cisheteronormativo.

O termo “identidade” nos últimos anos, tem sido constantemente colocado sob questionamento no sentido de que a sua definição primeira, por assim dizer, está em certa medida, atrelada por conceitos e explicações que a tratam como algo voltado para a “essência” que se acredita existir nas pessoas. Contudo compreendemos que discutir e analisar questões da identidade se faz necessário para se perceber por meio da própria problematização do termo que não podemos mais trabalhar com uma fixidez, nem uma essencialização, mas sim com provisoriedades e instabilidades.

> O processo de produção da identidade oscila entre dois movimentos: de um lado, estão aqueles processos que tendem a fixar e a estabilizar a identidade; de outro, os processos que tendem a subvertê-la e desestabilizá-la. É um processo semelhante ao que ocorre com os mecanismos discursivos e linguísticos nos quais se sustentam a produção da identidade. Tal como a linguagem, a tendência da identidade é para a fixação. Entretanto, tal como ocorre com a linguagem, a identidade está sempre escapando. A fixação é uma tendência e, ao mesmo tempo, uma impossibilidade (SILVA, 2014, p. 84).

Pensar sobre a identidade aqui neste trabalho é compreendê-la como algo que mais do que apresentar características e definições precisas sobre determinada pessoa ou grupo, ela possibilita pensarmos que a experiência humana, no tocante às suas constituições no mundo social, perpassa por processos vários e construções e desconstruções diversas de modo a que percebamos que a questão da identidade irá mostrar justamente que esta não deve dividir espaço com termos e expressões como 'verdadeira e única'. Ela não pode ser pensada como algo que é dado a priori, mas que é construído por meio do contexto sociocultural e histórico no qual as pessoas se inserem e mantêm relações intersubjetivas.

Nesta pesquisa buscamos não limitar a pessoa "englobada" em uma única categoria, seja ela trans ou travesti, pois compreendemos que transgêneros/as são todos/as aqueles/as que se declaram como tal, corroborando com o que Judith Butler (2009) intitula de autodeterminação de gênero ou transautonomia.

Pensar em identidade sob questionamento, nessa perspectiva, nos remete a buscar transformações e perca de rigidez na utilização de determinados conceitos. Temos, por exemplo, o sinal de rasura (X) indicando que o conceito não é mais pensado em sua forma original, mas que por outro lado a sua superação ainda não foi possível, apontando a emergência do surgimento de um novo conceito. Essa abordagem é descrita por Derrida (1981 apud HALL, 2014) como "pensamento no limite" ou "pensamento no intervalo".

Um conceito que surge e que possibilitamos o diálogo é o de "identificação" em contraposição ao de identidade como majoritariamente foi consolidado ao longo dos anos. A identificação entra como uma construção, um processo inacabado. Hall (2014) nos dirá que embora esse seja um conceito preferível, ainda assim não nos traz garantias contra as dificuldades conceituais que têm assolado o de "identidade". Portanto, esse termo também é utilizado no decorrer do texto com o objetivo de reforçar que nos alinhamos com as perspectivas de Stuart Hall e Tomaz Tadeu da Silva (2014) sobre a

identidade – ou identificação - enquanto algo fluido, instável, contraditório, fragmentado, inconsistente, inacabado, como posições assumidas pelos sujeitos, temporariamente.

Há uma instabilidade das demarcações quando falamos de identidade e isso se evidencia por meio das linhas de fronteira, que trazem a tona a problematização de oposições binárias, como homem/mulher, masculino/feminino, heterossexual/homossexual. O cruzar, o manter-se ou mesmo o borrar a fronteira, que são acontecimentos reais e constantes nas vivências de muitas travestis, por exemplo, servem como fortes demonstrações da fragilidade das identidades fixas que nos são apresentadas e impostas, constantemente.

Sabemos que, apesar de haver um considerável surgimento de pesquisas sobre travestis no Brasil nos últimos tempos, ainda tem muito do que se discutir, abordar e problematizar sobre as possíveis compreensões que observamos, pois é necessário que nos atentemos para os mais variados modos de captação do ser travesti, da maneira como são vistas e de como se veem e se compreendem no decorrer das experiências de vida. Pensar sobre travesti e travestilidade na contemporaneidade requer proximidade com as vivências e sensibilidade para se perceber por meio das particularidades e individualidades como se configuram e se constroem as identidades travestis.

Ao perguntar para algumas pessoas que conhecem e tem certa convivência com travestis em uma determinada comunidade, na aproximação ao campo de pesquisa, como definem uma travesti, deparei com a ideia de *"que se trata de um gay que faz modificações no corpo e que se veste e usa maquiagem para parecer uma mulher, mas que continua com o bilau entre as pernas".* Seguindo a lógica do grupo estudado por Benedetti (2005), percebo que há proximidades de compreensão inicialmente voltadas para as configurações corporais e de aproximação do gênero feminino.

Na literatura contemporânea que versa sobre travestis e transexuais encontramos, via de regra, uma constante de que as características básicas de identificação de uma travesti em nossa sociedade brasileira remetem ao "viver como mulher" ou "passar batida por mulher" como é perceptível até mesmo na fala de muitas travestis. Aparece ainda nos estudos sobre a temática a característica de que para serem identificadas como travestis, muitas não desejam realizar cirurgia de transgenitalização por afirmarem manter uma relação de harmonia entre o corpo e o órgão sexual que possuem, compreendendo que este órgão, tido como do sexo masculino, tem muito a contribuir para as suas vidas afetivo- sexuais e de obtenção de prazer.

Em sua pesquisa etnográfica, o historiador Rafael França Gonçalves dos Santos traz alguns relatos sobre as experiências e vivências com as travestis profissionais do sexo daquela região. Ao discutir sobre as travestilidades possíveis, apresenta uma reiteração das concepções de ser travesti aqui brevemente apresentadas, mas considerando que as formas e identificações e autoidentificações são dotadas de uma plasticidade bem maior e que a potencialidade do tornar-se travesti está para além da hipersexualização atribuída às travestis de modo geral.

As pesquisas realizadas por alguns estudiosos trazem a guisa das discussões, uma constatação de que o feminino buscado por boa parte das travestis não é consensual e unívoco nas suas visões e que ainda não se trata do mesmo feminino das demais mulheres, mas que é antes um feminino "tipicamente travesti, sempre negociado, reconstruído, ressignificado, fluido. Um feminino que se quer evidente, mas também confuso e borrado, às vezes apenas esboçado" (BENEDETTI, 2005, p. 96).

Pensar sobre as identidades travestis no século XXI requer o entendimento de que as questões de autoatribuição por parte das sujeitas devem ser de fator fundamental na construção das relações entre as travestis e os demais segmentos da sociedade. Talvez esse seja um dos grandes desafios quando falamos das relações intersubjetivas entre as travestis e outras identificações, pois a ideia e a reiteração de que existe uma univocidade e uma essencialidade do ser, principalmente quando se discute questões em torno do gênero e das sexualidades ainda é fortemente disseminada nos espaços sociais e institucionais em geral.

Por meio de algumas leituras e contribuições em torno da temática como as de Larissa Pelúcio, Aílton Santos, Marcos Renato Benedetti, Tiago Duque entre outros e de dados empíricos construídos ao longo das aproximações e interações com algumas travestis e das idas a campo, percebo uma gama de possibilidades para o entender-se como uma travesti e dentre essas observamos que existem aquelas que, por algum grau de incompatibilidade ou de incômodo com a genitália, anseiam pelo processo de realização de cirurgia para sentirem-se plenamente realizadas e assim permanecem lançando mão de uma autoidentificação como travesti. Os motivos pelos quais a identidade travesti quer ser preservada ou, em certa medida camuflada e até negada se for o caso, abarcam várias possibilidades, interesses e contextos.

É perceptível ainda a existência grupos de travestis ou mesmo casos isolados em que elas se percebem como do gênero feminino sem que para isso leve em consideração a genitália. Outras se percebem como travestis, independentemente da quantidade de

atributos femininos que estejam demarcadamente presentes ou não em seus corpos. Ao conhecer uma travesti na comunidade em que morei quando criança, essa se autonomeava dessa forma apenas quando utilizava um batom, um salto alto e se depilava. Enquanto que para umas o ser travesti está, necessariamente atrelado aos investimentos corporais na construção de um feminino, para outras parece que essa autoidentificação é algo mais da subjetividade e da essência que acreditam possuir e que apenas um detalhe feminino pode dar conta de suas plenitudes, como um simples uso de batom.

As questões identitárias, principalmente quando se remetem às travestis, não podem ser resumidas a viverem ou não como mulheres e se optam ou não pelo processo cirúrgico de transgenitalização, pois é perceptível em muitas das suas vivências que as questões de serem ou estarem travestis estão para além de algumas atribuições que acabam por produzir compreensões engessadas. É preciso levar em conta o dinamismo e a plasticidade presente nas identificações das travestilidades, inclusive nas diversas nomeações que são referidas a elas e que assim percebemos e assumimos a dificuldade no estudo com travestis e no cuidado que devemos ter ao adentrar a este campo heterogêneo e multifacetado.

Deste modo, corroboro com Pelúcio (2009, p. 27) que levou a adotar o conceito de *travestilidades* por considerar "que ele alarga aspectos de categorização identitária do termo 'travesti' que pode ser bastante simplificador quando busca contemplar a gama de possibilidades dessa experiência".

O ser, ou estar ou sentir-se travesti em muitos dos contextos nos quais são apresentados tratam-se de estratégias para a utilização de suas transidentidades em prol de objetivos e propósitos pessoais, sociais e políticos e de obtenção de determinadas assistências e benefícios. Pode-se entender que:

> "em certos contextos e espaços, é mais proveitoso ser vista como transexual; em outros, ser travesti pode lhe trazer mais inserção social. Isso vai depender dos ganhos e perdas subjacentes à assunção política e social de determinada identidade de gênero" (SANTOS, 2014, p. 85).

Para efeitos de esclarecimento no presente trabalho, salientamos que não é intenção aqui traçar diferenças entre travestis e transexuais, até porque as diferenças são de inúmeras ordens e não se resumem a um ou outro componente. Mas para fins de explicação da questão de ser vista como transexual aqui neste trabalho, corroboramos com a ideia de que esta refere-se mais a uma busca pela adequação do corpo ao gênero

estabelecido fixamente com o qual se identificam, com ou sem processo de cirurgia na região genital. O gênero busca nessa classificação uma rigidez e pouca ou nenhuma mobilidade. (Benedetti, 2005).

Ocorrem situações em que, por exemplo, muitas delas reforçam as suas identidades travestis em contraposição às identidades trans por acreditarem que estas últimas provocam, em certa medida, a invisibilização daquelas e a depender das relações e do contexto no momento, isso pode não ser interessante para a realização de seus propósitos. A utilização da identidade de gênero como estratégica nas suas ações do dia a dia também é um fator relevante.

Realizarei uma maior discussão em torno dessa questão da identidade de gênero em momento mais oportuno, mas não podemos deixar de dar ênfase a essa questão quando se trata das travestilidades. É importante saber que, ainda pensando sobre as instabilidades das demarcações aqui suscitadas, ao pensarmos na identidade de gênero como uma arma política e de militância no espaço das travestis estamos, de certa forma, desestabilizando as relações que insistem em manter certa univocidade entre esta e a orientação sexual.

Existem travestis que buscam manter essa associação entre as duas concepções como uma norma a ser seguida para as suas vivências e sociabilidades, ou seja, há uma busca pela configuração e transformação dos corpos para a construção de um feminino, no sentido de que este alcance de um ideal de feminilidade propiciará maiores chances de conquista do homem ideal que desejam para se relacionarem e que estes as vejam como mulheres.

Estas travestis buscam, em certa medida, organizarem suas vidas afetivo-sexuais em conformidade com as práticas e vivências determinadas pela heterossexualidade. O ‘homem’ desejado por grande parte das travestis como parceiro ideal, não basta que seja uma pessoa do sexo masculino, mas tem que se aproximar também das práticas sexuais “condizentes com o seu gênero” como nos aponta Benedetti (2005) esse homem tem que ser construído a se aproximar de acordo com os interesses das travestis, do mais masculinizado possível: “tem que ser homem”. “A oposição ativo/passivo, equiparada à oposição masculino/feminino, é estruturante dos valores atribuídos ao universo *trans*” (BENEDETTI, 2005, p. 119).

No sentido aqui apresentado, homem ideal trata-se daquele que mantêm uma conduta que valoriza o padrão heteronormativo de ser, reforçando a ideia de que homem para ser homem tem que ser macho no sentido de permanecer na afirmação do órgão

sexual de acordo com a biologia. Pelúcio (2009, p. 167) diz: “Por isso, marcar no corpo, nas falas e nos atos esse valor moral maior, torna-se uma estratégia que assegura o capital simbólico da masculinidade”.

Nessa busca por este homem pelas travestis, há um estreitamento da relação entre identidade de gênero em consonância com a orientação sexual para que assim possam estar em certa medida, independentemente da genitália que portem, mantendo a linearidade entre sexo e gênero (Butler, 2010) como propõe a heteronormatividade.

Por outro lado, há aquelas em que as duas concepções mantêm distâncias significativas permitindo uma ruptura, um descolamento dos ideais de que uma esteja necessariamente atrelada à outra, como por exemplo, encontramos casos de travestis que investem pesadamente em suas transformações e construções corporais do feminino que desejam para si, mas sem que isso tenha relação direta com aquilo que tem como foco para relacionamento e para prática sexual, ou seja, elas podem ter como alvo para suas conquistas os rapazes gays mais femininos ou mesmo outras travestis e transexuais bem como com mulheres cis.

Não é proposta deste trabalho a de realizar uma catalogação minuciosa das possíveis identidades sociais que podem ser percebidas nas vivências das travestilidades, mas considero importante que algumas dessas possibilidades sejam aqui apresentadas no sentido de corroborar com a ideia de que há uma instabilidade instaurada nas relações e compreensões das vivências entre grupos de travestis e mesmo entre as individualidades e particularidades de reconhecimento de si em relação aos demais e para com o mundo.

É importante compreendermos que uma pessoa pode se identificar com as várias categorizações existentes ou com nenhuma delas. Não podemos afirmar que exista um ou alguns padrões que, necessariamente sejam precisos nessas identificações e classificações das pessoas, mesmo porque não perseguimos tal precisão.

Santos (2014, p. 85) defende que “não existe consenso nessas questões, o que confirma que a travestilidade é uma vivência singular, única, cuja experiência é intransferível e não moldável”. É importante frisar ainda que para muitas travestis a questão de serem vistas ou de se sentirem como mulheres é apenas uma possibilidade de vivência e não, necessariamente a possibilidade única de captação de inteligibilidade de sua forma de ser e estar no mundo.

Acredito que as travestis, na perspectiva que aqui assumo como traço de uma travestilidade possível vai mais de acordo com a não preocupação em estabelecer uma

fixidez nas formas de se ver e de que também as outras pessoas as vejam, mas que sejam suas experiências e seus contextos que permitam que elas apareçam se construam e se inscrevam por meio do enfrentamento e da resistência às normatizações e normalizações.

Peres (2012, p. 540) ao citar Foucault (1988, s/p) busca expor que as travestis são pessoas que de algum modo em suas vivências:

> Constituem-se através de processos de subjetivação que oscilam entre discursos e figurações normatizadores que tentam disciplinar seus corpos e regular seus prazeres, inaugurando um novo campo por meio de movimentos de resistências e de enfrentamento ao biopoder. Essa emergência geopolítica de resistência trazida pelas travestis reflete as lutas e as conquistas políticas presentes no movimento social emancipatório, no qual travestis e transexuais de diversas partes do Brasil têm se tornado protagonistas.

Essa discussão nos faz pensar sobre a necessidade de se evidenciar o protagonismo das travestis e transexuais que ocorre em diversas partes do país e do mundo, pois em meio a todas essas discussões e problematizações em torno das vivências travestis é importante que se perceba uma movimentação contrária ao que é cultural e socialmente imposto pela sociedade.

Não dá pra dizer que tudo está sob controle. As formas e os desejos de ser ou estar travesti passam por processos vários na sua construção, inclusive o de protagonizar os escapes às normas de gênero e de não ficarem no lugar de vítimas, todo o tempo. Esclarecemos que, apesar de não haver uma uniformidade teórico-conceitual e empírica na atribuição do gênero gramatical feminino para caracterizar as travestis, nem no próprio círculo delas e entre elas, além do que em vários momentos e lugares a travesti pesquisada utiliza-se do artigo masculino para falar de si, busco empregar o substantivo mencionado em sua forma feminina quando nos referirmos às travestis em geral e também para a participante da pesquisa, pois compartilho da justificativa de Benedetti (2005, p. 19) quando diz:

> Há uma justificativa política. O respeito e a garantia à sua construção feminina estão entre as principais reivindicações do movimento organizado das travestis e transexuais. Quero que meu trabalho contribua com esse objetivo, valorizando e afirmando o gênero feminino – cultural e gramatical – das travestis.

Desse modo, tomo como minha as palavras de Benedetti, pois acredito que a utilização de termos e palavras que mais se adequem ao desejo e a identificação das

pessoas, sejam elas travestis, transexuais, gays, lésbicas, cis ou não, torna o trabalho de discussão e questionamento das normalizações mais próximo aos seus propósitos de desestabilizar e fazer pensar mais criticamente e de modo analítico sobre determinadas definições estabelecidas como "verdades" inquestionáveis pela maioria das pessoas.

Nessa perspectiva podemos refletir mais sobre o processo de normalização de modo a vê-lo como um dos processos de manifestação do poder que dita modelos e padrões estabelecidos como positivos em detrimento de outrxs, reforçando a ideia de que aquelas pessoas que não se enquadram nesses moldes só possam ser vistas de forma negativa.

A pesquisa se detém desta forma, a observar e analisar a travesti em suas vivências tomando como formas de atribuição as suas identificações e (des) identificações no decorrer das suas narrativas, bem como com as conversas realizadas com alguns membros da comunidade escolar em que trabalhou ou trabalha. Um dos motivos que consideramos relevante também na escolha de pesquisar as travestis professoras é que, em certa medida, temos o anseio de que essas vivências das travestilidades e essas práticas utilizadas por essa pessoa participante da pesquisa possam trazer ensinamentos importantes e grandes contribuições para pensarmos sobre travestilidades, identidades e educação.

2.1 Quem é essa travesti professora?

É de se considerar que para Louranya, o fato de ser nomeada por outras pessoas no masculino ou no feminino pode ser encarado como possibilidades tranquilamente aceitas, mas, por outro lado, ela reconhece que gosta de estar no feminino a maior parte do tempo e que se for tratada da mesma maneira melhor será. Desse modo, fizemos uma negociação para a escrita do seu nome e a menção à sua pessoa aqui neste trabalho nas formas femininas e por conta desse acordo utilizarei o nome social que possui: Louranya Capetiny.

Falarei, brevemente, sobre quem é esta pessoa, de acordo com o que ela mesma coloca sobre si, acrescido daquilo que vejo, percebo e contextualizo por meio das observações nos modos em como ela trata e lida com as suas vivências nos espaços sociais, sem querer fixar um lugar e uma definição de maneira definitiva, mas com o

intuito de evidenciar as possibilidades que mais falam de acordo com os contextos apresentados e com os momentos selecionados das vivências.

Louranya é uma pessoa que se autoidentifica como travesti na maioria do tempo durante as suas experiências cotidianas por meio do carregamento e reforço de traços físico-corporais que mais se aproximam das características que damos inteligibilidade como sendo do gênero feminino. Nasceu e criou-se na comunidade do Km 04, bairro da periferia de Jequié no interior da Bahia. De família pobre, era designada a ajudar nos afazeres e nos trabalhos que a família tinha para ganhar o seu sustento como ela própria relata:

> *"Quando criança eu tinha que ajudar o meu avô na pesca e venda de peixes que ele realizava. Eu odiava ter que ir para a feira carregando aquelas bacias de peixe para serem vendidas. Eu fugia dessa atividade para poder ir para a escola. Eu ia caminhando daqui do Km 04 até o IERP[1] só de vontade de estudar e buscar coisa melhor pra mim".*

Ao acompanhar o avô em suas atividades de pescaria e de comercialização dos peixes ela percebeu mais fortemente que não se identificava com aquilo e que precisava buscar meios para a realização profissional alcançando a profissão desejada. Nas conversas que tivemos, ela constantemente afirmava que a vontade de ser professora sempre foi muito forte e que esse buscar coisa melhor para si se efetivaria na concretização desse objetivo.

Os esforços para a realização desse sonho foram inúmeros na vida de Louranya, a começar pela distância significativa que separa o bairro em que mora KM 04 da escola em que cursou os anos finais da educação básica. Fazer esse trajeto caminhando diariamente era uma tarefa desafiadora que demandava disposição, propósito e muita força de vontade.

Compreendo que o tornar-se travesti na vida de Louranya foi um processo pelo qual ela passou durante um longo tempo em sua vida, pois em seus relatos de vivências ela me faz pensar que fazer-se travesti do modo como hoje ela se percebe foi uma construção que passou por diferentes fases que contribuíram para as transformações, apesar de que estas são constantes também nos dias atuais. Há momentos na construção

[1] Escola Estadual localizada no centro da cidade

de suas narrativas e vivências anteriores que nos possibilita questionar: ela, em algum momento já se viu como uma pessoa gay? Um homem gay? Caso sim, ela se compreendia assim ou porque o momento exigia que assim o fosse?

Há momentos em que as marcas do feminino e do masculino se misturam na fala e nas colocações que faz sobre si mesma, pois é perceptível a utilização e a identificação como Louranya e como Binho (nome atribuído pelos moradores da comunidade e por pessoas mais íntimas), simultaneamente. De acordo com o momento, com o contexto no qual ela está inserida e os grupos aos quais ela está interagindo, as marcas do feminino e masculino mantêm um diálogo próximo, assim como em outros momentos as marcas do feminino sobressaem às do masculino. Louro (2007, p. 23) diz que:

> O conceito passa a exigir que se pense de modo plural, acentuando que os projetos e as representações sobre mulheres e homens são diversos. Observa-se que as concepções de gênero diferem não apenas entre as sociedades ou os momentos históricos, mas no interior de uma dada sociedade, ao se considerar os diversos grupos (étnicos, religiosos, raciais, de classe) que a constituem.

Quando ela aborda um pouco sobre as suas experiências e as suas vivências como professora, há a utilização, no mesmo foco de uma conversa, da presença de termos que carregam uma representação tanto do masculino quanto do feminino aqui discutido em que ela se compreende como professor e como professora. Estas características são socialmente construídas e dependem de um ponto relacional para a sua construção e desconstrução. Isso ocorre durante todo o processo que envolve as suas relações sociais e profissionais.

Ao abordar brevemente, por exemplo, sobre a experiência que teve com a mãe no dia de sua formatura, há indícios dessa identificação no momento em que a mãe, percebendo o jeito de ser do filho, o chama para uma conversa no quintal da casa a sós no momento em que todas as pessoas convidadas estão no interior da residência:

> *Em questão da minha família foi muito difícil porque minha mãe não aceitava de maneira nenhuma* ***que eu me assumisse como gay que na época era gay não era travesti ainda****.* ***Até se assumir gay pra depois se assumir como travestis aí são meios de caminho bem complicados****. Pra ela me aceitar como gay, ela veio até a mim, me chamou pra conversar e eu inocente sem saber de nada fui. Todo mundo dentro de casa só ficou eu e ela no quintal e* ***ela veio pra cima de mim com uma faca e me perguntou o que eu era e eu respondi pra ela que eu era homem.*** *Ela voltou a fazer a pergunta o que eu era? E eu*

> *respondi que era homem.* ***Se ela tivesse me perguntado qual era a minha opção sexual, o que eu desejo, falava pra ela que gostava de homem, mas ela me perguntou o que eu era e no momento eu era homem, né, no caso eu sou homem****. Se ela me perguntasse do que eu gostava eu ia dizer que gostava de outro homem. Quando eu falei pra ela: a senhora quer saber do que eu gosto? É de outro homem. Ela veio com a faca pra me agredir pra me matar porque ela não aceitava ela disse em bom tom pra todo mundo ouvir tanto da minha família como da comunidade onde eu moro aqui no km 04 que ela não aceitava filho gay.*

O núcleo familiar, em alguma medida, tende a produzir comportamentos e a inserir caracteres na formação, no modo de ser e de agir de algumas das pessoas que a compõem e que isso pode ocasionar tanto o acolhimento e o bem estar quanto a rejeição. Mas é preciso compreender ainda que parte das violências e dos ataques destinados às travestis, por exemplo, em meio familiar, advém em grande parte justamente de uma concepção de família nuclear e burguesa que determina os moldes pelos quais a composição familiar deve se pautar para que se constitua enquanto exemplo e ideal de família a ser seguido.

Segundo a definição de Ferreira (1986, p. 755), Em seus vários significados a família aparece como "pessoas aparentadas que vivem, em geral, na mesma casa, particularmente o pai, a mãe e os filhos". "Pessoas do mesmo sangue". "Ascendência, linhagem, estirpe". Ou ainda segundo Campos (2011, p. 63) ao falar sobre as configurações familiares tradicionais traz, em uma visão sociológica apresenta a concepção de família como "comunidade constituída por um homem e uma mulher, unidos por um laço matrimonial, e pelos filhos nascidos dessa união".

Ainda segundo Campos (2011, p. 63) "essa concepção de família foi marcante e bastante difundida paralela aos ideais de uma sociedade moderna cujo um dos objetivos era normatizar e disciplinar a civilização ocidental". Acontece desse modo, o cair em uma onda de discursos conservadora sobre a família produzindo uma reificação da família idealizada e, consequentemente aumentando o desrespeito a qualquer outro tipo de constituição familiar que saia minimamente do padrão.

Lembrando que famílias do modo como a trato aqui nas discussões do trabalho não se refere unicamente ao modelo que temos padronizado do que vem a ser uma família

ideal, mas família nesse contexto é antes a existência de pessoas que têm alguma ligação e que convivem entre si e contribuem para o desenvolvimento de ambas e que estão em certa medida, sob os cuidados umas das outras.

O caso aqui em específico, tem nos possibilitado a pensar sobre os impactos e as resistências de alguns grupos familiares para lidarem com pessoas que não se adequam às normas de gênero que são impostas na maioria dos lares pelo mundo. Há uma dificuldade em buscar conhecer e compreender sobre as possibilidades existentes no tocante às vivências das pessoas que, em maior ou menor grau, são constituídas de múltiplas e variadas formas de ser. Digo isso porque é preciso que tenhamos consciência de que não há nenhuma garantia de causa e efeito nessas discussões e compreensões sobre o tema. Não podemos afirmar que determinada constituição familiar vá, necessariamente produzir esta ou aquela pessoa.

Uma das maiores dificuldades que as famílias encontram em lidar com essa diversidade dentro do próprio lar está relacionada a não inteligibilidade do gênero como uma produção social, uma subjetividade que não se vincula obrigatoriamente ao desejo sexual. Somos a todo tempo, social e culturalmente, estimulados a essencializar as relações entre gênero e sexo como se neste encontrássemos toda a composição de como deve ser aquele e que tudo isso tem de ser apoiado no sexo como algo natural. Talvez isso se repercuta não só nas famílias, mas em vários outros espaços sociais e institucionais.

É preciso que pensemos em noções de família visto que o leque de possibilidades apresentadas na contemporaneidade é inúmero.

> Essa complexidade em denominar ou conceituar o que vem a ser uma família se relaciona com as uniões conjugais cada vez mais heterogêneas e instáveis, com o aumento das uniões informais, o adiamento dos casamentos entre os jovens, as uniões homossexuais com ou sem adoção de filhos, o aumento do número de divórcios, a alteração dos papéis femininos e masculinos nas tarefas domésticas. Diante deste cenário tão diversificado é possível afirmar que a família nuclear moderna se encontra em um processo de "desinstitucionalização" (CAMPOS, 2011, p. 61-62).

Mesmo que hoje Louranya afirma não ter problema com os rótulos e enquadramentos e que esteja bem mais próxima do que compreende como travestilidade, torna-se importante o fato de que esses acontecimentos permitem pensar que ela vem se construindo e se desconstruindo ao longo de suas experiências por meio das desestabilizações das posições de gênero e de acordo com as necessidades

contextuais que a levam a assumir determinado posicionamento, lembrando que o que interessa aqui é a maneira como ela se vê e é vista pela comunidade escolar para pensarmos sobre como os direcionamentos são construídos e contextualizados.

Sempre se mostrando muito decidida, ela conta que foi o desejo em estudar e tornar-se professora que a motivou a fugir do trabalho com os peixes junto ao avô e ir para escola, pois sempre acreditou que sendo professora teria condições de ajudar de maneira mais eficiente e produtiva a comunidade. Sem muitos detalhes ela conta que foi assim que conseguiu estudar, fazer faculdade de pedagogia e tornar-se finalmente uma professora. Claro que os desafios foram inúmeros e continuam sendo. Após terminar a graduação, ela começou a procurar trabalho e as primeiras oportunidades foram para lecionar em creches e turmas do 1º ao 6º anos.

Sobre a vida como estudante nas escolas por onde passou, Louranya afirma que de algum modo sempre soube lidar com as situações de adversidade e de desrespeito, por ser uma criança afeminada dentro do espaço escolar. Assim como a experiência e vivência de muitas crianças e adolescentes afeminados nos espaços escolares, ela possuía maior amizade e proximidade com as meninas da turma e algumas inimizades e distanciamentos com boa parte dos meninos, mas que segundo ela, sempre havia meios de lidar com as situações de modo a não permitir com que elas se tornassem empecilhos para se buscar viver bem.

De modo geral, ela acrescenta que tinha o apoio das meninas colegas da escola e que partia para o enfrentamento ou ignorava as provocações dos meninos de acordo com o estado emocional que se encontrasse no momento, mas que sempre evitava as brigas. Sobre a relação com xs professorxs, ela pontua que não acontecia nada fora do comum nas relações com as demais colegas e que considera que mesmo sendo apontado, às vezes, como o viadinho, a mulherzinha por algumas pessoas da escola, diz que isso nunca foi motivo para que se sentisse mal ou inferior a alguém.

Na época, mesmo sendo um menino gay na época, não sentia tão contundentemente os efeitos da violência simbólica perpetrada pelas pessoas e pelas instituições porque se encontrava em alguma medida com os traços e com as vestimentas esperadas para um garoto e que só mais tarde é que percebeu que o desafio maior estava por vir ao borrar com esse perfil construído e idealizado de ser homem e ser mulher, passando a conhecer e a vivenciar a transfobia.

Louranya se formou em pedagogia pela Unifacs, que é uma faculdade particular com sede na capital baiana e que possui pólos em várias regiões do interior do estado por meio da modalidade de ensino à distância e semipresencial. O curso teve a duração de quatro anos sendo que as aulas aconteciam uma vez por semana. Louranya relata que não encontrou maiores problemas ou dificuldades em suas vivências na faculdade mesmo já trazendo em seu corpo as marcas do feminino travesti.

Ela salienta que sua relação com as/os colegas de turma sempre se deu de modo pacífico e que acredita que isso se deva ao fato de ela ser uma das que se destacava na turma seja por conta de suas atitudes, iniciativas e criatividade para a produção das atividades, seja pelo seu jeito alegre e espontâneo que contagia. Por fim acrescenta que a turma era composta em sua maioria por mulheres, contando apenas com dois ou três rapazes e que se dava bem com todxs.

2.2 "*Travesti é isso mesmo e ponto! "* Por que insistimos no consenso?

Não há a intenção com esse tópico do texto em forma de pergunta, encontrar uma resposta definitiva e satisfatória sobre tal questão, mas há antes uma busca e um esforço para problematizar algumas definições que aparecem vindas de pessoas que mantiveram ou que mantêm certa proximidade com alguma travesti, seja no ambiente de trabalho no espaço educacional ou na comunidade em que vive. O trecho aspeado e em itálico que aparece no título deste subcapítulo foi retirado das anotações de algumas falas do diário de campo durante as visitas realizadas nos espaços de convivência da travesti e que serviram como mote para suscitar as discussões.

É importante nos atentarmos para os posicionamentos e para algumas afirmações das pessoas sobre como compreendem as travestilidades, partindo de suas próprias colocações sobre o tema, e assim buscamos pensar nesses lugares em que a travesti é colocada e definida reiteradas vezes pelos mais variados segmentos sociais que fazem parte do seu dia a dia.

Algo que é muito preocupante e que fez parte dos acompanhamentos da presente pesquisa refere-se às definições de o que é uma pessoa travesti defendida por algumas pessoas ao serem estimuladas a falar sobre o assunto. Muitas foram as percepções

captadas durante as visitas e as conversas realizadas, mas o que mais tornou-se enfático é o fato de que, para a maioria, *travesti é homem que quer parecer mulher e ponto*.

Essa simplória e taxativa resposta apontada sem mais nenhuma possibilidade a se pensar é recorrente no imaginário e no campo de compreensão de muitas pessoas quando o assunto é discutir travestilidades, visto que esse processo de atribuição dado por outrem à pessoa travesti não dispõe, utilizando da fala de Pelúcio (2009), de uma profunda genealogia dos termos de que se tem disponibilidade para referirem-se às identidades outras.

Ao afirmar que travesti é homem mesmo e ponto, há uma tendência de legitimação da condição de nascimento da qual essa pessoa provêm e que toma como verdade a biologia imposta para aquele corpo. Há uma essencialização do ser que lhe quer imputar uma identidade e uma delimitação de modo a que se faça crer que esta é naturalmente concebida por meio dos atributos físico-corporais apresentados no nascimento de modo a que qualquer outra possibilidade seja desconsiderada. Não importa se é travesti, afinal de contas o que é travesti quando se quer afirmar, contundentemente que se trata de um homem? Esse ser de corporeidade outra passa a ser um corpo que "não importa", um corpo abjeto (Butler, 2010). A afirmativa dada sobre essa identidade vai reiterar compulsoriamente a heterossexualidade como norma.

Há uma colocação desse corpo e dessa identidade em um não lugar, autorizando os discursos legitimantes e legitimadores a transportarem essa existência para a invisibilidade, para o abjeto, isto é, aqueles corpos que são alocados pelo discurso hegemônico nas "zonas invisíveis e inabitáveis" onde, segundo Butler (2009), estão os seres que não se "materializam" de fato, por isso, não importam.

A necessidade de afirmação da identidade sexual e de gênero daquele corpo por parte de outrem encontra respaldo no discurso "da normalidade, sendo fruto, portanto, desse discurso normatizador que institui a heterossexualidade como natural" (PELÚCIO, 2009, p. 206).

A constatação *é homem que quer parecer mulher e ponto* torna-se limitadora no sentido de que a pessoa seria necessariamente definida (homem) e quer parecer com outra que em certa medida não lhe cabe (mulher). Aqui vale problematizar ainda o binarismo de gênero fortemente arraigado em nossa cultura de forma que o pensamento

sobre tal questão só ofereça duas possibilidades de enquadramento que se quer linear e uniforme, aliás, dentre essas posições apresentadas como únicas possíveis, a pessoa ainda estará sujeita a uma demarcação de acordo com o que lhe foi prescrito, estando subjugada em um único molde: o masculino. A seguir, trago o registro de uma pequena entrevista feita com uma das professoras que compunha o quadro de efetivos da escola e que declarava ser tranquila a presença da travesti como professora na época em que Louranya obteve a sua primeira experiência como docente.

> ***[Pesquisador]*** *Mas então, para você o que é uma travesti?*
>
> ***[Professora]*** *Para mim é* ***um homem homossexual*** *que se veste e se arruma como se fosse uma mulher e gosta de viver assim todo o tempo sem se preocupar com o que os outros vão achar...*
>
> ***[Pesquisador]*** *E você acha que ela faz isso com quais objetivos? Qual a sua opinião?*
>
> ***[Professora]****. Ela quer ser vista como uma mulher bonita e desejada para poder namorar com os homens que deseja, porque tem muitos por aí que se dizem homens e que ficam procurando outros homens por fora. E mesmo que a travesti pareça uma mulher, tem até muitas que ninguém diz tratar-se de um homem, mas ainda assim eles não deixam de serem homens. Travesti é isso mesmo e ponto.*

Em relatos que obtive por meio de conversas com algumas travestis e com pessoas próximas, antes da produção deste trabalho e mesmo durante a realização desta pesquisa, é possível arriscar dizer que para algumas pessoas próximas e de convívio com as travestis, ao se referirem a estas, é recorrente a simplificação das travestilidades em uma homossexualidade masculina. Considero esta uma questão importante a ser trabalhada, pois é necessário que compreendamos que os processos de subjetivação dessas pessoas não são tão simples e que demandam considerações de gênero e sexualidades, em muitos casos, distintas.

Nessa compreensão fragilizada e reduzida, do ponto de vista de dar inteligibilidade ao gênero das travestis, todo o procedimento de configuração e de desempenho de um feminino nos corpos delas não é considerado suficientemente satisfatório para denominar uma identidade ou identificação feminina como assim desejarem. A professora em questão, ao declarar na entrevista que, para ela, travesti é um homem homossexual, reforça a tentativa de colocar como impossibilidade qualquer outra

admissão de reconhecimento e de legitimação desse corpo da travesti no espaço do feminino travesti.

Nessa perspectiva, não se pode pensar na possibilidade de um meio termo ao fazer a definição sobre aquele corpo, pois isso seria a consideração de um não lugar como possível, o que contestaria a própria argumentação defendida como inquestionável, para algumas pessoas, sobre o que é ser travesti. Este corpo é colocado constantemente pelas pessoas em uma norma e uma lógica binária que argumenta em cima de uma sequencialidade que está posta a priori e que deve ser seguida rigorosamente para propiciar inserção e participação nos círculos sociais de normalidade.

As percepções de professorxs e também de outros membros da escola em relação ao que entendem sobre travestis coadunam, em certa medida, com o observado por Andrade (2012, p. 103). Em sua pesquisa com estudantes travestis na educação básica ela pontua que

> a identificação da travesti parte inicialmente de alguns referenciais de gênero utilizados para representar as mulheres. O olhar da maioria dos (as) alunos(as), dos(as) professores(as) e dos(as) gestores(as) se direciona para a vestimenta, não apenas para a roupa em si, mas para os ―adereços que a sociedade convencionou chamar de femininos. Ao mesmo tempo em que a travesti é vista, ou melhor, sentida, pela sua geografia corporal, pela sua cartografia da feminilidade, pela sua engenharia estética e pela sua autocriação poética, é identificada também pela negação de toda essa obra de arte.

A capacidade de algumas pessoas de reduzir as vivências das travestis a mero desejo de "parecerem ser o que não são" produz, em certa medida, um apagamento e uma invisibilidade de outras possibilidades de identificações. Mas ao mesmo tempo em que se busca manter um consenso, uma generalização sobre as identidades travestis, percebemos que várias coisas escapam dessa busca por controle, pois é perceptível, inclusive em algumas falas, que não há policiamento, por exemplo, na utilização do artigo feminino para referir-se à pessoa travesti. E ao pensar sobre o uso da palavra policiamento, nos vemos, em certa medida, capturadxs pelas ideias de crime e criminalidade, de fora da lei e de provocador da desordem e do desrespeito às normas. Será que não estamos caindo no mesmo discurso produtor e fortalecedor daquilo que queremos combater? Em que medida estamos efetivamente contribuindo para que as transformações ocorram? Andrade (2012) continua o questionamento sobre o feminino travesti quando defende que

> As travestilidades não se baseiam na mulher, dita de forma simples e no singular; elas se baseiam nas mulheres, em toda a sua complexidade e pluralidade corporal e sociocultural. É por isso que elas são históricas. A vestimenta e as representações da veste são construídas em tempos e espaços específicos, em épocas e lugares distintos, e podem, dependendo de quando e de onde ela é feita, ganhar uma diversidade de formas e de cores. Porém, essa diversidade poética, essa multiplicidade estética, essa heterogeneidade afetiva e erótica não podem ser relacionadas apenas com a definição de que a maioria dos (as) alunos(as), professores(as) e gestores(as) escolheu. Por mais que haja essa identificação com o traje e com o trajeto feminino, com a trajetória das mulheres, a tendência é buscar uma origem, é perguntar pelo masculino, é violar o corpo e retirar a roupa, no sentido metafórico e, às vezes, no sentido literal, é procurar o macho que se encontra no falo, que se encontra no pênis, que se encontra na ereção e que, segundo nossa cultura, é o símbolo da masculinidade e a essência do ser (biológico) (ANDRADE, p. 103).

Um fator fundamental para a compreensão desses processos está na constituição das normas da linguagem, pois elas:

> Instituem e demarcam os lugares dos gêneros não apenas pelo ocultamento do feminino, e sim, também, pelas diferenciadas adjetivações que são atribuídas aos sujeitos, pelo uso (ou não) do diminutivo, pela escolha dos verbos, pelas associações e pelas analogias feitas entre determinadas qualidades, atributos ou comportamentos e os gêneros (do mesmo modo como utiliza esses mecanismos em relação às raças, etnias, classes, sexualidades etc.) (LOURO, 2007, p. 67).

O ele e o ela tornam-se, em certa medida, unidos, misturados, borrados em suas delimitações e funções de uso de modo a permitir que suas aplicações sejam mais fluidas e correntes nos discursos sem a percepção de uma fixidez. Mas por mais que os mecanismos e os dispositivos de que dispomos tendem a reforçar a colocação dessas pessoas em lugares preestabelecidos, ao mesmo tempo percebemos que essas tentativas insistentes de delimitação não dão conta das pluralidades que são percebidas nas mais variadas vivências.

> As múltiplas diferenças e particularidades vivenciadas pelas pessoas nesse universo social não podem ser reduzidas a categorias ou classificações unificadoras, pois estas, ao tornar equivalentes visões de mundo e identidades às vezes até antagônicas, podem ser arbitrárias... a definição será, antes, uma construção efetuada ao longo do texto (BENEDETTI, 2005, p. 17).

Não busco com isso afirmar que algumas travestis não possam se identificar como sendo isso ou aquilo e ponto final; mas o que pretendo fazer pensar é sobre as complicações que o querer definir algo por meio de uma verdade tida como absoluta pode acarretar nas pessoas como, por exemplo, produzir apagamentos importantes sobre as pluralidades de possibilidades de entendimento dos modos de estar no mundo.

2.3 *"Parece uma mulher, mas é um traveco"*: sobre os usos e atribuições de uma categoria pouco pensada.

Aqui temos outra afirmação, retirada da fala da servidora que exercia o ofício de professora nas séries iniciais na escola municipal em que Louranya trabalhou em sua terceira experiência docente em espaço escolar. Essa colocação da professora apareceu durante visitas feitas à comunidade escolar em que Louranya trabalhava e que nos fez pensar, assim como no tópico anterior, sobre as implicações de tal constatação. Porém olhamos para essa colocação sob outra perspectiva de discussão, tomando a categoria traveco como mola propulsora para as discussões.

Observamos que a categoria é pouco pensada quando não encontramos trabalhos que a tragam para o rol de discussões como possibilidade para problematizações. Pensar no que vem a ser traveco por meio de seus usos e produções de sentido nas vivências das travestis pode remeter para uma grande produção de saberes e de transformações nos mais variados modos das relações sociais.

A proposta neste momento é perceber e problematizar sobre alguns usos e atribuições na utilização da categoria e quais os campos semânticos possíveis e os propósitos de sua inserção nos contextos. A afirmativa apontada no título deste subcapítulo, ao falar sobre travesti, nos remete a fazer algumas perguntas: mas o que é um *traveco?* Como caracteriza? Trata-se de algum xingamento? Elogio? Identidade? Muitos são os questionamentos e talvez as respostas ou possibilidades de explicação também o sejam.

Percebo que, via de regra, há certo estranhamento na utilização da palavra para referir-se às travestis e por conta disso, arriscamos assim como Pelúcio (2009), à possibilidade de uma analogia *queer* para que assim seja possível maior questionamento das expressões. Segundo esta mesma autora,

> O termo *queer*, em português, pode equivaler a esquisito, bizarro, estranho; como também a viado, bicha. Mas sua conotação em inglês é mais ofensiva, tratando-se de uma injúria que identifica o injuriado como "desviante", guardando ainda o sentido de anormal, defeituoso, impuro. O queer tem sido usado como insulto que procura denunciar no insultado sua "esquisitice", estreitamente ligada à sexualidade, assim como a sua detectável "inadequação" de gênero (p. 205).

Talvez essa seja uma possibilidade bem produtiva para se pensar, visto que o que temos observado dos usos a ela atribuídos, muito se aproximam daqueles elaborados pelo *queer,* no sentido de que ao proferir a denominação traveco, em seus meios mais usuais, esteja denunciando no insulto, a condição de pessoa estranha atrelada ao gênero e sexualidade duplamente "desviante". Ao dizer: parece uma mulher, mas é um traveco, percebemos que há uma tentativa, ao menos inicial de se criar outra categoria para este corpo que se insere, por assim dizer no campo da anormalidade.

Considerando os cuidados que devemos ter ao fazer uso do termo *queer* para atribuições e denunciações, corroboramos com Pelúcio (2009) ao perguntar: "Que forças de poder engendram categorias como "*queer*", "gay", "lésbica", a ponto de fazê-las não identidades reivindicadas, mas termos de discursos que imputam, aos assim designados, um lugar marginal?" (p. 206).

Com esse questionamento é possível pensarmos sobre o uso da categoria traveco como um leque de possibilidades para problematizações. Por meio de algumas análises feitas por pesquisadorxs da área percebemos que o uso por parte de algumas pessoas e grupos da citada categoria para referirem-se às travestis e também sendo usada pelos próprios grupos de travestis, tendem, geralmente, a torna-las como tipos de identidades não requeridas e protestadas.

Santos (2015) e Silva (1993) em suas etnografias encontraram e conversaram com alguns rapazes frequentadores e usuários dos serviços de sexo disponíveis em pontos de prostituição de travestis. São perceptíveis as semelhanças presentes nessas pesquisas no tocante ao posicionamento de alguns rapazes ao falarem sobre suas experiências com as travestis, pois ao demonstrarem fúria à negação do sexo por parte das travestis que estes rapazes procuram, eles utilizam de termos como travecos ou travecões com a intenção de diminuírem as qualidades das travestis que se negaram ao sexo.

Há uma constante e reiterada menção às travestis por parte dos rapazes através da utilização da expressão traveco que, segundo xs pesquisadorxs citados, parece que essa utilização tende, na maioria dos casos, a afirmar o lugar de desvalorização mais acentuado dentro já da própria condição marginalizada em que querem colocar as travestis. Falar traveco nessas circunstâncias configura-se uma proposta de hierarquizações e posições sociais e, portanto, refletem-se nos movimentos e grupos de modo geral.

Nesse contexto, os discursos em torno do traveco funcionam como reiterações e materializações de discursos patologizantes e criminalizantes que fazem surgir uma forma mais marginalizada da travestilidade, ficando esta em local 'menos marginal' e gozando de certo prestígio em comparação àquela, ou seja, a travesti, nessas circunstâncias possui um status de maior atribuição valorativa e de qualidade enquanto que os travecos seriam uma espécie de depreciação e decadência da categoria das travestis, pois serve, em muitos casos como uma espécie de xingamento da categoria. Acontece, portanto uma movimentação nos setores de margem que gerenciam os sentidos e significados de determinadas categorias passando a exercer funções das mais diversas no âmbito intencional e contextual.

Para os *t-lovers*[2] pesquisados por Pelúcio (2009), travecos ou travecões são as expressões atribuídas àquelas travestis que por algum motivo não estão dentro das conformidades almejadas e desejadas para relacionamentos sexuais e afetivos. Ser um traveco nesse contexto aponta para o pouco ou nenhum investimento nas fabricações do feminino nos seus corpos, deslegitimando sua condição e colocando-as em um local mais a margem que o lugar das travestis. Traveco é visto assim como uma maior desqualificação da feminilidade e da mulher que uma travesti deve carregar em seu corpo.

Nas relações entre grupos, as travestis utilizam o traveco tanto para as intenções apresentadas anteriormente, como para formas de expressão de identificação de maior intimidade entre si, passando a tomar contornos que mais se aproximam de relações mais amistosas e de consentimento. Nesse contexto o traveco ganha autoridade e legitimidade para estar circulando entre elas e para com elas. Esse contexto se aproxima em certa medida, daquele em que os meninos gays utilizam o *'viado'* como forma de valorização da categoria e de bem estar em suas comunicações. Fora desse contexto passa a possuir uma configuração depreciativa e homofóbica para designar as pessoas de orientação sexual diversificada daquela naturalizada.

---

[2] De acordo com (Pelúcio, 2009, p. 203) são T-lovers apenas os grupos restritos de homens que gostam de fazer sexo com travestis e que vêm se organizando em várias grandes cidades do país e do exterior, em torno de encontros off-line e fóruns de debate via internet, motivados pela atração que sentem pelas T-gatas.

Acontece, em certa medida, uma estratégia importante nas reconstruções identitárias que é a ressignificação interna do grupo sobre a palavra traveco, da mesma forma que as mulheres fizeram com a palavra vadia resultando em uma força política de mudança, de deslocamento conceitual pelo discurso.

2.4 *"Eu tive um filho homem e ele tinha que ser homem"*: a cisnormatividade como norma e suas implicações para a compreensão das fobias

Na busca de compreender a construção da heteronormatividade em nossa sociedade, observamos que ao longo dos tempos houve uma obsessão com a sexualidade normalizante, por meio de discursos que descrevem a situação homossexual como fora do caminho traçado, como desviante. Nesse sentido, propomos a inserção da terminologia cis junto da heteronormatividade para nos referirmos às práticas das normatividades compulsórias voltadas para a produção de homens e mulheres cisgêneras.

O termo cisgênero, de acordo com Santos (2014), foi cunhado para se referir às pessoas que estão em conformidade com o corpo, genitália e gênero; sendo seu par oposto o termo transgênero. Aqui neste trabalho a utilização desses marcadores tem o propósito de problematizar a naturalização da identidade de gênero das pessoas não trans para se referir as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi discursivamente designado/imposto desde o seu nascimento (JESUS, 2012).

O corpo nomeado masculino precisa ser produzido em um homem e quando há algum escape nesse sentido e na manutenção dessa linha de coerência, produzindo uma mulher nesse corpo dito de homem, ocorre a prática de penalizar e de querer reiterar sobre esse corpo desviante o retorno à norma que visa à manutenção e sequência entre corpo, gênero e desejo afetivo-sexual, o que em certa medida caracterizo como cisnormatividade. Sobre referência para pensarmos um pouco mais os conceitos de cisgênero, cisgeneridade e cisnormatividade, trazemos Viviane Vergueiro que em sua dissertação busca, entre outras propostas, a de construir uma breve análise sobre os processos de construção e dos percursos em que vêm sendo produzidas essas categorias.

Para esta mesma autora:

> A cisnormatividade, ou normatividade cisgênera – se exerce através de variados dispositivos de poder interseccionalmente situados, efeitos colonizatórios sobre corpos, existências, vivências, identidades e identificações de gênero que, de diversas formas e em diferentes graus, não estejam em conformidade com seus preceitos normativos (SIMAKAWA, 2015, p. 43).

Desse modo, a utilização do conceito neste trabalho busca problematizar os ideais normativos, buscando se aproximar de uma possibilidade crítica que permita olharmos para além das limitações e reducionismos que insistem em nos rodear.

O trecho aspeado no subtítulo acima se trata de um fragmento de entrevista concedida pela mãe da travesti participante da pesquisa em que ela aborda sobre o conhecimento da travestilidade do/da filho/filha. Proponho nesse momento trazer um pouco mais dessa narrativa com a intenção de pensar sobre que/quais discurso (s) circulam nessas colocações e afirmações das experiências da mãe.

[Pesquisador] *Como era a relação de vocês? O que mudou após a transformação de Antônio para Louranya?*

[Mãe] *Quando eu morava aqui há muitos anos atrás, a gente se dava bem até enquanto eu tinha o meu filho como o Binho, mesmo que foi criado mais pelos avós.* ***Eu tive um filho homem e ele tinha que ser homem***. ***Eu não aceitava de jeito nenhum que o meu filho não fosse homem***. *A tal ponto que eu quando comecei a perceber que ele estava se modificando e ficando com jeito de mulher eu comecei a criar um ódio tão grande e que eu queria saber da boca dele se ele era homem mesmo. Quando ele falou que gostava de outro homem aquilo me deixou furiosa e com vontade de matar ele. Eu estava tão decepcionada, tão transtornada que eu preferia que ele não vivesse a ter que ser desse jeito. Eu preferia um filho bandido, traficante, ladrão do que um filho homossexual. Ainda mais quando se veste de mulher. Na festa de formatura dele eu estava aqui e foi nesse dia mesmo que eu quis saber e eu fiquei tão descontrolada que a minha reação foi de ir pra cima dele com uma faca pra matar.*

Nesse trecho selecionado para discussão, percebemos algumas possibilidades dos discursos que são capturados pela mãe e dentre eles nos atentamos para o discurso embasado pela cisheteronorma que aparece fortemente arraigada em suas declarações. A idealização de um homem de verdade encontra respaldo, em certa medida na construção cultural de um modelo de masculinidade que mostra força, virilidade, resistência e que goste de mulher. A homossexualidade é vista nas colocações acima como o pior caminho para uma pessoa, sem contar que as compreensões entre essa e a travestilidade, no entendimento do senso comum, via de regra, não encontram

distinções que considerem significativas de modo a que modifiquem o olhar deste em relação àquele.

Esses discursos produzem verdades que tomam os espaços e ganham força no sentido de que há uma necessidade de busca de colocação dos corpos masculinos nesse lugar. *'O filho tem que ser homem mesmo'* carrega esse discurso da cisnormatividade em que ele, sendo portador de uma genitália atribuída ao masculino precisa e deve seguir a linearidade proposta por esta norma. A cisnormatividade como a trazemos aqui neste trabalho aparece como uma produção discursiva que constrói sujeitxs de corpos e gêneros em conformidade com processos normativos.

> "[o] primeiro passo que devemos dar em direção ao desmantelamento do privilégio cissexual é eliminar de nossos vocabulários aquelas palavras e conceitos que promovem a ideia de que os gêneros [de pessoas] cissexuais são inerentemente mais autênticos que os [de pessoas] transexuais". O conceito de cisgeneridade, em si, é parte deste exercício, no sentido de problematizar as hierarquias de autenticidade e inteligibilidade entre corpos e identidades de gênero, através de uma proposição conceitual. (SIMAKAWA, 2015, p. 47)

A necessidade de a mãe ouvir o filho dizer que é homem neste caso, se dá pela compreensão de que para ela, o filho homem precisa ocupar uma posição hierarquicamente superior, o lugar do masculino hegemônico e negar tudo o que se aproxima do feminino, ou seja, que possa ser ameaça ao trajeto do caminho tido como natural para o sexo. Nota-se aí a presença de um discurso cisnormativo em que as características socialmente determinadas a partir do sexo biológico sejam as que devam legitimamente orientar a identidade de gênero de acordo com aquilo que lhe é determinado.

Ou se adequa a esse modelo de filho que a mãe deseja fortemente ou então aparece o discurso de ódio ao notar que seu filho não atende à sua demanda social para a manutenção da relação familiar do modo como ela quer, partindo assim para o desejo de eliminação, de extermínio desse corpo que se entende destoante e incoerente para com as normas que toma para si. Será preferível, nesse contexto, que se elimine esse corpo transgressor, que se torna abjeto.

Apesar de a compreensão sobre masculinidade aqui problematizada ser, de acordo com a perspectiva pós-crítica, limitadora, pouco esclarecedora e frágil, o que importa

para a maioria das mães e pais é que seus filhos se tornem homens de acordo com parâmetros preestabelecidos normativamente para os corpos masculinos e para serem assim, os modos de ser dxs filhxs devem estar atrelados aos padrões heteronormativos.

Há aí um entendimento de masculinidade que de acordo com Connell (2013, p. 250):

> é criticado por ter sido enquadrado no seio de uma concepção heteronormativa de gênero que essencializa a diferença macho-fêmea e ignora a diferença e a exclusão dentro das categorias de gênero. Ao conceito de masculinidade é atribuído o fato de esse permanecer logicamente numa dicotomização do sexo (biológico) versus gênero (cultural), dessa forma marginalizando ou naturalizando o corpo.

A permanência nessa lógica binária e estruturante da heteronorma, mesmo que ilusória e limitadora é mantida de modo a que os corpos, os desejos, os prazeres se adequem em classificações apontadas como legítimas e como modelos a serem seguidos por todas as pessoas.

Foucault (2004) questiona e investiga como a sexualidade, desde os primeiros séculos da era cristã, teve uma importância considerável que estabeleceu uma ligação tão fundamental entre sexualidade, subjetividade e obrigação da verdade.

A mãe, ao ouvir o filho dizer que gostava de homens, sentiu-se revoltada e com desejo de ir para cima agredi-lo na intenção de buscar uma correção para esta imperfeição que para ela era inaceitável do ponto de vista materno. Há uma tentativa por parte da representação materna, de disciplinar aquele corpo que foge às regras que lhes são imputadas desde o nascimento.

Essas atitudes visam a aceitação da disciplina como uma ferramenta essencial e para um fim determinado: a produção de corpos dóceis, “é dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado”. (FOUCAULT, 1999, p. 118). A busca pela instauração desse corpo dócil não mede esforços para a sua efetivação, e quando se percebe que as coisas escapam e fogem daquele controle e vigilância e que as técnicas de disciplinamento não são satisfatórias e suficientes, opta se pelo processo de eliminação.

O discurso capturado pela mãe se atrela às práticas de correção do que de acordo com ela não pode ser admitido em nenhuma hipótese: a travestilidade do filho.

O controle dos corpos por intermédio da norma foi validado por um discurso biológico/cientifico, que procurava compreender o "eu" através da compreensão e da regulação do comportamento sexual. Sejam quais forem as possibilidades dos corpos, estas serão atravessadas pela ferramenta analítica que Foucault (1985) vem chamar de dispositivo da sexualidade, prática de captura e normatização dos corpos que visa detalhá–los e controlá-los em sua totalidade.

Após longo período sem conversar entre si e afastadxs por conta das dificuldades de compreensão, a mãe conclui:

> *Recuperada eu decidi voltar aqui na Bahia e foi aí quando já vim preparada para saber lidar com essa situação e hoje nós mais do que mãe e filho nós também temos uma grande amizade. Não tenho mais nada contra o tipo de vida que meu filho leva. Só quero que tenha respeito e continue respeitando aqui os moradores, os vizinhos. Hoje ele tem sua independência, trabalha e conquista suas coisas. Eu amo e tenho orgulho do meu filho por ser uma pessoa batalhadora e que sabe lidar com todo mundo. Estamos vivendo debaixo do mesmo teto e nos damos muito bem em casa.*

As colocações feitas pela mãe nesse segundo momento apontam para pensarmos questões discursivas em torno do que se entende como desrespeito, como falta de respeito. Há uma compreensão de que ser travesti está voltada para a intenção de agredir o outro, de partir para a afronta ao outro como se o propósito em se assumir de determinada forma esteja atrelado ao querer desafiar, por exemplo, a autoridade materna.

Por meio da fala da mãe de Louranya percebemos que houve uma mudança na relação com o filho no decorrer do tempo, porém há uma preocupação em manter outra norma social que se trata aqui da discrição que se quer nas relações e nas vivências de sua filha de modo a que esse comportamento discreto indicará respeito da parte dela para com as demais pessoas.

2.5 *"Eles diziam: já sei que você é do Nordeste, pois a sua cara não nega":* Ser travesti, nordestina e da periferia na relação com a etnicidade.

A etnicidade é uma categoria importante a ser discutida, pois em alguma medida ela está presente em todas as relações e conjunturas sociais existentes em todas

as partes do mundo. São inúmeros os estudos de etnicidade relacionados a grupos humanos de diferentes constituições e localizações. Tomadas de algumas formas e modificadas em outros períodos, a noção de etnicidade passou por várias transformações e reformulações na sua compreensão. Em suas primeiras utilizações comprovadas do termo, a etnicidade se referia a designar "simplesmente a pertença a um grupo outro que não anglo-americano" (POUTIGNAT, STREIFF-FENART, 2011, p.22).

O primeiro autor americano a utilizar-se do termo, o compreende como "uma das características que modificam o sistema social e são modificadas por ele, e as outras características são a idade, o sexo e a religião" (POUTIGNAT, STREIFF-FENART, 2011, p.22). De acordo com estxs mesmxs autorxs, desde o seu aparecimento, o conceito de etnicidade é definido por aqueles que o utilizam pela universalidade de seu domínio de aplicação. (POUTIGNAT, STREIFF-FENART, 2011, p.26). Corroborando com Luvizotto (2009) assumimos que os diversos grupos humanos e suas particularidades existentes, bem como a construção da etnicidade e de uma identidade étnica são realizadas por meio de processos dinâmicos e flexíveis.

> Dessa maneira, a concepção de etnicidade está além da definição de culturas específicas e, portanto, é composta de mecanismos de diferenciação e identificação que são acionados conforme os interesses dos indivíduos em questão, assim como o momento histórico no qual estão inseridos. (LUVIZOTTO, 2009, p. 29-30).

É possível depreender que a etnicidade, sob esta ótica, traz um significado exclusivamente social, pois em alguma medida, ela está mais conectada à cultura, em um sentido mais amplo, do que qualquer outra conceituação como a de raça, por exemplo. A ideia de etnia é um conceito diferente da noção social de raça que se usava até a metade do século XX, e abrange mais aspectos culturais. A identidade étnica, seguindo essa mesma perspectiva, nos possibilita entender e fazer entender que existem as dimensões coletiva e também pessoal de cada um e que estas são constantemente "construídas e transformadas na interação de grupos sociais através de processos de exclusão e inclusão que estabelecem limites entre tais grupos, definindo os que os integram ou não" (POUTIGNAT, STREIFF-FENART, 2011, p.22).

Essas categorias tornam-se imprescindíveis para que possamos pensar as relações entre as particularidades e as coletividades nos processos de organização social por meio dos quais possam ser mantidas as distinções entre "nós" e "os outros" (BARTH, 1998).

São inúmeros os estudos de etnicidade relacionados a grupos humanos diferentes desenvolvidos pelas ciências sociais. Não é o objetivo fazer aqui uma análise exaustiva ou mesmo um histórico do uso do conceito e de como os trabalhos foram e são direcionados, mas intentamos com isso mostrar um pouco das compreensões em torno das conceituações sobre etnicidade e identidade étnica para que seja possível uma identificação destas no contexto das vivências da travesti.

Etnicidade é uma das "características socialmente relevantes dos seres humanos", afirma Rex (1996, p. 282). Ela deve ser distinta da compreensão de raça, de classe, entre outros. Desse modo, compreendemos a etnicidade na construção desse trabalho como um fenômeno que se faz fortemente presente na contemporaneidade como uma entidade relacional e que de modo contrastivo, está sempre em construção e modificação.

Neste trabalho, compreendemos que a etnicidade é definida como uma abordagem interacional uma vez que "é um processo contínuo de dicotomização entre membros e *outsiders*, requerendo ser expressa e validada na interação social" (POUTIGNAT, STREIFF-FENART, 2011, p.111).

Por meio dessa breve introdução em torno da questão da etnicidade, buscamos pensar sobre algumas categorias de análise que de algum modo possibilitam a uma identificação étnica como um produto advindo das relações sociais, lançando mão da compreensão de que esta só é possível considerando a questão da exclusão como fator base para a sustentação das relações da diferença, que em maior ou em menor grau existem entre as pessoas e os grupos que se formam nas sociedades. Os contatos que se constroem entre "nós" e os "outros", dentro da perspectiva de admissibilidade da diferença aqui assumida como mecanismo operante da identidade, confirmam a tese de que esta é sempre relacional.

Ao abordar sobre alguns marcadores étnicos presentes nas vivências de Louranya, podemos compreender que muitos de seus traços e de suas características são confirmados por meio de um conjunto intemporal de crenças, valores, símbolos, regras de conduta, língua, práticas de vestuário, culinárias etc que são transmitidos ao longo da história. Desse modo, a etnicidade pode se definir, ainda que momentaneamente, como uma provocadora de ações e reações entre este grupo e os outros em uma organização social que não cessa de evoluir (POUTIGNAT, STREIFF-FENART, 2011).

Entendemos a complexidade que envolve as questões relativas à identidade social, pois é de se considerar que há aí o envolvimento dos mais variados processos para sua constituição, como por exemplo, os processos psicológicos, cognitivos, sociais, culturais dentre outros que em alguma medida operam nas inúmeras definições e empregos diferenciados para a noção de identidade. Podemos pensar assim, na existência de uma interseção entre o individual e o coletivo que de algum modo opera, articulando essas duas perspectivas tendo por referência um grupo social (PENNA, 1992).

Talvez um dos pontos mais importantes para se pensar sobre a identidade étnica esteja na manutenção das suas fronteiras por meio de critérios utilizados para determinar a pertença ou o sentimento de pertencimento a determinado grupo, tornando manifestas as relações contrastivas de pertença e exclusão (BARTH, 1998). Desse modo, consideramos aqui o fato de que ser travesti professora, nordestina, do interior e de origem familiar humilde e de periferia traz possibilidades para pensarmos sobre as situações de contato social nas construções e manutenções das possíveis fronteiras, que aqui ousamos denominá-las de fronteiras étnicas.

A primeira categoria a ser discutida nesse tópico é a nordestina. Para isso, pensamos em abordar, brevemente sobre a construção imagética do nordeste e da pessoa nordestina de acordo com estudos feitos por Penna (1992). A primeira autora aqui citada trará uma colaboração para pensarmos sobre o Nordeste por meio de um resgate em sua complexidade da "existência" dessa região como uma construção que se passa, necessariamente pelos efeitos da ação do Estado, dos processos econômicos e do regionalismo nordestino.

Para Penna (1992, p. 19) "o regionalismo pode ser considerado como o processo que *torna o espaço significativo".* Há, neste caso, um enfoque dado às questões de região para que elas sejam pensadas enquanto experiência, ou seja, devendo ser obtida "onde ela existe, vista pelos homens", diferenciando-se "por certas representações na percepção dos habitantes e dos estranhos" (COSTA, 1988, p. 20 apud PENNA, 1992, P. 19). São essas percepções que, em alguma medida, fortalecerão o reconhecimento de que são as fronteiras existentes entre o "nós" e os "outros" que farão emergir mais claramente as identificações e diferenciações de membros de um grupo em relação aos demais.

A região nordeste, possuidora de belas riquezas naturais, paisagens e de grande detentora de recursos industriais e de desenvolvimento através do turismo, ainda é estereotipada por meio de imagens e discursos unificadores, como região do atraso e da lentidão em seus mais variados aspectos sociais e culturais. Não podemos deixar de citar a recepção dada aos nordestinos em São Paulo: desde muito tempo atrás até os dias atuais, o recebimento de nordestinos na região sudeste e sul sempre foi, em alguma medida, carregado de muita discriminação e preconceito, estigmatizando-os como "baianos" preguiçosos ou "cabeça chata", por exemplo.

É importante dizer que ao abordar sobre região e regionalismo, podemos tomar diferentes enfoques teóricos e variadas percepções locais e regionais, mas que buscamos pensar a produção e a utilização do espaço regional como exercício de poder, pois

> Infere-se que a materialidade da regionalização é obtida a partir de critérios que destacam a possibilidade de operacionalização de políticas específicas e intervenções planejadas na relação do Estado com a Sociedade, para reprodução e preservação da ideologia dominante. Podemos perceber que essa ideia de região, sob qualquer conteúdo que lhe seja conferido, relaciona-se com a noção de espaço geográfico. É importante chamar a atenção para o fato de que a polissemia da palavra permite uma intricada rede de sentidos apropriados em diferentes acepções, em diversas áreas do conhecimento ou em diversas situações da existência. (PENNA, 1992, p. 47).

Ao pensarmos e discutirmos brevemente sobre isso, compreendemos que é fundamental analisarmos para além da história econômica e social do Nordeste, reconhecer a existência de um espaço geográfico em que a sua riqueza está mais na percepção e captação das diversidades, subjetividades e dos processos dinâmicos presentes nos espaços, principalmente quando se trata de um discurso com a constância e a projeção do nordestino em que se é possível se tomar essa categoria como referencial para atribuições de identidade.

Ser nordestina, afirma Louranya, parece não fazer muita diferença, em um primeiro momento, quando perguntada se já havia percebido algum tipo de preconceito ou atribuição por parte de outrem em suas vivências quando o assunto é este tipo de pertencimento. Segundo ela, ser travesti, ser professora e estar na escola são características que se destacam muito mais e que ela percebe com mais impacto em suas vivências do que necessariamente o fato de possuir uma identidade nordestina. Mas isso parece se modificar em outro momento.

> *Agora assim eu percebo que essa característica sobre ser nordestina aparece mais quando estamos em* ***algum lugar fora do nosso*** *lugar de costume como, por exemplo, quando eu viajo para São Paulo e que chegando lá, mesmo que de forma bem educada por parte de algumas pessoas, eu percebo que existe um estereótipo que eles montam sobre a gente, sabe? Tem coisas que eles querem nos explicar de tal forma como se nós não soubéssemos direito por conta de que* ***para eles somos mais atrasados e temos menos conhecimento das coisas****. Mas eu não fico por baixo não. Mostro que sei sim das coisas e que estou tão antenada quanto eles, meu amor.* ***Eu acho que as pessoas que pensam essas coisas de nós nordestinos é porque se sentem mais próximas das tecnologias e das modernidades que aparecem no mercado. Cidade grande tem dessas coisas, né e como eu sou do interior, as pessoas pensam que estou fora de tudo.*** *Eles diziam: já sei que você é do nordeste, pois a sua cara não nega. Eu não entendia bem como que era essa cara de nordestino. Minhas roupas não eram tão diferentes da de todo mundo e eu andava sempre bem arrumada sem estar inferior a ninguém. Mas eu acho que eles percebem alguma coisa que mostra isso.* ***O nordestino é conhecido.*** *Deve ser o modo de falar ou de se comportar em algum lugar, pela cara mesmo, por alguma característica física, sei lá. Quando estive lá eles elogiaram a minha comida dizendo que eu sabia fazer uma comida muito boa e que só podia ser nordestino pra poder fazer algo de comer tão bom assim. Mas nunca vi isso como um grande problema não, pois sempre soube me dar com essas coisas muito bem. Sou nordestina mesmo e tenho muito orgulho de ser quem eu sou.*

A afirmação feita em um primeiro momento parece se enfraquecer posteriormente quando se começa a perceber que a localidade da qual faz parte, a região em qual está inserida e o grupo ao qual pertence produzem relações sociais específicas e localizadas que geram as diferenças entre esses e os outros e que isso influencia diretamente no acesso a bens materiais e simbólicos que são construídos socialmente.

Ao afirmar que a identidade nordestina aparece mais quando ela está fora do seu lugar, por exemplo, quando viaja para a região sudeste e que lá parece existir um estereótipo nordestino, me questiono: será que há, em alguma medida, uma reiteração das normas? Parece que no caso em questão, as características que a nomeiam como nordestina estão mais voltadas para o modo de falar, para uma espécie de dialeto nordestino restrito a essa comunidade inserida em uma comunidade maior de usuários da mesma língua. Outro ponto que parece caracterizar a nordestinidade de Louranya

está na culinária. Ao cozinhar para pessoas de outra região, acontece uma construção identitária que se mostra por meio do olhar externo sobre um conjunto de alimentos organizados de modo a produzirem características nomeadamente nordestinas.

As características e atribuições dadas às pessoas de determinado grupo e/ou região para a manutenção das fronteiras da diferença podem ser dos mais variados níveis, como por exemplo, no tocante aos modos de ser, de se portar ou de traços físicos considerados caracterizadores de um grupo. Na relação entre quem é identificado e quem identifica é que percebemos a multiplicidade e a variedade da identidade.

> Os traços físicos do nordestino, do índio, do negro, do japonês são frequentemente priorizados, nos esquemas de percepção e de classificação dominantes, como critério para a imputação de identidade – e a consequente qualificação do indivíduo (PENNA, 1992, p. 77).

Um dos principais meios utilizados e até priorizados com frequência para designar as mais diferentes etnias está atrelado a traços físico-corporais diversos que em um jogo de classificação e dominação os utilizam para marcar as identidades e com isso qualificar as pessoas de acordo com esse jogo de poder. Parece haver traços que em algum momento e lugar e de acordo com o que se prioriza, tendemos a achar que se sobressaem sobre outros marcadores como os de gênero e sexualidade, por exemplo. Mas compreender que esses traços e marcadores sociais e corporais estão em alguma medida entrelaçados talvez seja uma possibilidade mais potente para pensarmos as lutas políticas pelo reconhecimento das identidades.

É fundamental que compreendamos ainda que a identidade não está na condição de nordestino, de classe ou de gênero, mas sim no modo como estas condições são apreendidas e organizadas simbolicamente (PENNA, 1992).

Outra categoria importante para pensar as relações e vivências de Louranya trata-se da periferia. Buscamos discutir essa categoria atrelada a uma forma de identificação de um grupo que traz para si a percepção da sua localização na comunidade como um instrumento de reivindicação e de validação da identidade reivindicada. Esta talvez seja das categorias discutidas aqui nesse capítulo, a que mais se produz em torno das vivências da travesti professora, pois se trata de uma demarcação que, em alguma medida, sempre se fez presente no seu espaço comunitário e de trabalho e que em maior ou em menor grau, influencia nas formas de se relacionar socialmente.

Nascida no município de Jequié, ou seja, no interior da Bahia, Louranya sempre viveu na mesma comunidade até os dias atuais no Km 04, bairro periférico da cidade. Mas o que se denomina periferia ou periférico nessas circunstâncias?

> Termos como *favela, cortiço, periferia*, ou mesmo as palavras *gueto e subúrbio*, vez ou outra, são usados para designar o lugar de moradia dos pobres da cidade, tanto pela literatura acadêmica como pelo pensamento do senso comum. Mas, embora pareçam significar a mesma coisa, há entre os diversos modos de habitação popular, expressivas diferenças que variam desde o processo de formação e desenvolvimento desses locais – numa perspectiva mais histórica – até a forma de significação atribuída pelos seus moradores (ÁVILA, 2006, p. 25).

Não cabe, nos limites desta dissertação, fazer uma diferenciação minuciosa sobre a questão até porque este não é o interesse deste trabalho, mas é importante, pelo menos, reconhecermos que existem distinções entre os termos sob os mais variados aspectos e que quando tratamos de pensar sobre a periferia, esta distinção aqui se encontra no reconhecimento de que tratar das diferenças apenas em termos de processos formativos e das configurações dos espaços físicos distintos ou do poder aquisitivo é insuficiente. Por isso, faz-se necessário pensarmos que essa diferença também está no plano simbólico.

A periferia à qual pertence e sempre pertenceu é o lugar onde vive até hoje. Para ela e para outros membros pertencentes à comunidade, há um reconhecimento de que estão em um lugar que ainda é muito esquecido pelas autoridades competentes quando se trata de políticas públicas estruturais para atender a estrutura da comunidade, além de ser mal visto por conta de se encontrar em uma localidade afastada do centro. No Km 04, o acesso à escola é reduzido por conta das poucas existentes na comunidade. Em muitos casos é preciso o deslocamento para bairros vizinhos. No tocante à saúde, também há uma dificuldade maior de acesso aos serviços, tendo em vista que os postos de saúde e/ou hospitais praticamente inexistem nas proximidades.

Mas o que pude observar, consideradas todas as mazelas e dificuldades que ainda assolam as periferias de forma geral, é que os membros dessa comunidade, via de regra, buscam se unir e manter certa lealdade e respeito entre si, principalmente quando se trata de relações com outros grupos de espaços vizinhos ou mais distantes.

Podemos perceber um pouco dessas relações na fala proferida por Louranya quando solicitada a abordar sobre como ela se vê hoje e como se percebe na comunidade:

> ***Pra mim é tranquilo. Sempre vivi aqui. Todo mundo daqui ou do km 03 ou do Mandacaru onde eu trabalho atualmente, as escolas que eu passei todo mundo me adora****. É como eu te digo, a gente dá o respeito. E quando a gente dá o respeito para as pessoas, as pessoas respeitam também, né.* ***Eu nunca tentei é... como se diz... ser melhor que ninguém porque eu não sou de maneira nenhuma, eu sempre vivo na minha. Na comunidade mesmo todo mundo quem perguntar onde é que mora professora, professor Antônio, né que aqui todo mundo me conhece por professor Antônio, eles te trazem aqui na casa, aqui em casa****. Pode perguntar lá nos 03 que todo mundo te informa onde eu moro, então é pra você ver como é* ***o relacionamento da comunidade comigo,*** *mesmo eu tendo a minha opção sexual, sendo travestis, tendo conhecimento, tendo contato com todo mundo porque eu não discrimino ninguém,* ***eu*** *falo com traficante, eu falo com toda a sociedade, ando com todo mundo porque a gente não sabe o dia de amanhã, nem o dia de hoje, então a gente tem que se dar bem com todo mundo.*
>
> ***E por ser uma comunidade periférica, então a gente tem que ter um relacionamento aberto com todos eles, porque já pensou se eu fosse aquela pessoa fechada, que não daria nem um bom dia pra ninguém todo mundo não ia gostar, então todo mundo ia maltratar, ia fazer, ia acontecer e eu não****. Quem quiser e querer, pode perguntar aí pra comunidade, o que acha sobre mim, ou que queira saber porque ninguém tem nada a dizer mal de mim, entendeu? Se tem algo pra dizer mal de mim é sobre quando eu era professora mesmo porque eu pegava muito no pé, mas em questão de sociedade, de convívio com as pessoas não. Eu acho que é tranquilo, me dou bem com todo mundo, tento fazer amizades, não gosto de inimizades, não estou para fazer inimizades com ninguém e assim a gente vai vivendo e levando a vida. Um dia após o outro.*
>
> *Nunca senti essa sensação de ser um monstro ou coisa de outro mundo, por exemplo. A sensação que eu tinha era a sensação que eu sou a pessoa que eu sou. Onde quer que seja. O problema de sexualidade meu não diz respeito e não interessa ao pessoal da comunidade, então eu procuro ficar na minha tranquilo. Nunca deixei ficar achando que eu era um monstro, que eu era isso que era aquilo não. Porque isso não é, essa questão de homossexualidade, de travesti não é monstro. Todos tem essa visão, mas não é, entendeu.* ***Somos pessoas normais: trabalhamos, andamos, passeamos, namoramos, curtimos como qualquer outro ser humano. Então aqui, a comunidade do bairro do km 03, km 04 eles aceitam muito bem e respeitam***

> ***e valorizam, entendeu? Agora em outras comunidades eu já não sei porque eu já passei por algumas comunidades, já fui em questão de trabalho, em questão de curtição e eu percebo a diferença porque todo mundo olha torto né aquele olhar assim torto: Ó o viado que tá chegando, o travesti. Todo mundo olha. Eu já percebi isso em outros lugares, mas não onde eu moro.*** *Onde eu moro o pessoal é bem tranquilo. Respeita mesmo. Nasci aqui, fui me criada aqui e vou morrer aqui! Em nome de Jesus. Não abro mão. Para mim mudar daqui do meu bairro onde moro pra ir morar no centro ou em um lugar que o povo acha que é melhor eu prefiro não ir porque aqui é como eu te digo: se a gente dormir de porta aberta ninguém mexe. Ninguém mexe porque todo mundo conhece, todo mundo respeita, todo mundo valoriza. E se um dia, por exemplo, já aconteceu no centro em festa bebendo mesmo, curtindo, São João mesmo, acontecer alguma coisa e o pessoal tiver eles vão pra junto pra te defender, porque faz parte da comunidade. É assim, é interessante. Já aconteceu isso, eu presenciei. Não comigo, mas já presenciei com colega da gente e todo mundo tá ali do lado na festa pra ajudar pra a pessoa não levar pau. E eu tava junto também, entendeu? Porque eu sou dessas. Então é como eu te digo, a comunidade aqui onde eu vivo, por ser periférica, eles aderem a mim ao meu estilo, do que eu sou muito bem. Não tenho nenhuma desavença com ninguém. Nenhuma, nenhuma, nenhuma. Muito pelo contrário. Sou bem querida por todo mundo, todo mundo gosta de mim, todo mundo admira meu trabalho, todo mundo gosta do que eu faço. E é isso, entendeu? Já em outros lugares eu não me senti muito a vontade como eu sinto no meu bairro. Eu sinto mais retraída. É tanto que a gente fica presa, né um pouquinho assim pra se soltar, porque eu sou muito espaçosa. Então se eu chego em um lugar que o povo me trata bem Ave Maria sai de baixo! Me solto. Já se eu chego em um lugar em que a pessoa é mais retraída eu já ó me fecho mais um pouquinho porque assim, querendo ou não o lugar é novo, pessoas novas, então a gente tem que se identificar e tá no rumo daquelas pessoas que já moram lá, pra não ter problema.*

Consideramos essa parte da narrativa de grande importância para pensarmos,dentre outros fatores, sobre a configuração de comunidade periférica apresentada por Louranya pensando as suas relações com o segmento comunitário. Nesse sentido, pensar periferia está para além dos demarcadores sociais de classe, riqueza material ou pobreza, mas antes, ser periferia, na perspectiva apresentada por ela é ter respeito por todas as pessoas que a compõem, é reconhecer-se não como melhor, nem como pior no grupo, mas como uma peça que compõe e ajuda na manutenção de suas fronteiras.

Ser periferia desse modo ainda é ser conhecidx e reconhecidx pela comunidade em que vive e também pelas comunidades circunvizinhas como uma importante figura de docente e que em alguma medida contribuirá para o desenvolvimento da comunidade. É falar com todxs da comunidade, com traficantes, autoridades ou quem quer que seja, reconhecendo que é preciso se dar bem com todxs, pois não se sabe do futuro; é se dar bem com todo mundo, buscando amizades, evitando inimizades e vivendo um dia após o outro.

Mas ser periferia nessa compreensão é principalmente ser a pessoa que se é, ou que se quer ou que se faz ser onde quer que seja compreendendo que a questão da sexualidade ou de qualquer outra ordem não deve ser vista como sinônimo de desrespeito, mas sim de apoio e de proteção. É não deixar que fiquem achando que é isso ou aquilo, mas que pode ser isso e aquilo ou nenhum dos dois. É aceitar a outra pessoa, respeitando-a e valorizando-a como membro que faz parte da comunidade, mas também é perceber que em outras comunidades pode não ser assim. Ser periferia também é nascer, ser criada, viver e morrer na comunidade sem pensar em se abdicar disso.

É sentir-se satisfatoriamente bem e segura no espaço onde vive a ponto de poder dormir com as janelas da casa abertas se assim desejar e não sentir medo, mesmo diante das adversidades que ocasionalmente afetam a comunidade. É não preferir se mudar para o centro da cidade ou para outro lugar em que as pessoas achem que seja melhor para se viver, afirmando que a periferia se trada de um lugar em que só se observa “um movimento geral de precarização” (GUIMARÃES, 2011, p. 92).

Consideramos que a discussão sobre esses efeitos conjugados de precarização do trabalho, condições de vida e acesso a bens e serviços públicos, além de que tratar desse espaço, nas suas mais variadas formas de existência guarda uma forte dimensão cultural que não por acaso, essas relações têm encontrado, principalmente no contexto latino americano, um terreno fértil de reflexão (GUIMARÃES, 2011, p. 92). Compreendemos que essa categoria, enquanto processo de análise, não se constitui como uma forma finalizada em si mesma, mas que ela é, principalmente, formada por pessoas que enfrentam, entre outras coisas, grandes dificuldades no âmbito econômico, de infraestrutura, violência e preconceitos diversos por viverem nos bairros mais apontados como os piores.

Porém, optamos por tratá-la aqui neste trabalho em uma perspectiva de interesse maior pelo o que ocorre mais em um nível microssocial, ou seja, pensamos periferia nessas circunstâncias a partir de valores próprios apontados na narrativa e que em alguma medida fortalecem os vínculos sociais pautados na cumplicidade, valorização da comunidade por meio dos próprios moradores e das relações entre si.

> ***[...]um dia, por exemplo, já aconteceu no centro em festa bebendo mesmo, curtindo, São João mesmo, acontecer alguma coisa e o pessoal tiver eles vão pra junto pra te defender, porque faz parte da comunidade****. É assim, é interessante. Já aconteceu isso, eu presenciei. Não comigo, mas já presenciei com colega da gente e todo mundo tá ali do lado na festa pra ajudar pra a pessoa não levar pau. E eu tava junto também, entendeu? Porque eu sou dessas! [...].*

Percebemos que há uma produção discursiva que, em certa medida traz uma nova perspectiva de olhar a periferia, ao menos para aquela mencionada na narrativa. Louranya se reconhece como parte da comunidade e mais do que isso, ela traz uma possibilidade de entendimento que toma perspectivas de maior reconhecimento do pertencimento no qual se insere. Desse modo, ser travesti na periferia não é algo perturbador, pelo menos no caso estudado.

Observamos que em alguma medida o grupo se constitui como um intenso campo de comunicação e de interação em que se possuem "membros que se identificam e são identificados por outros como uma categoria diferenciável de outras categorias do mesmo tipo" (POUTIGNAT; STREIFF-FENART 2011, P.190). E são essas categorias diferenciáveis que em alguma medida, fortalecem as relações entre os grupos de modo a manterem uma cumplicidade e defenderem "os seus" dos ataques provenientes "dos outros". Ao abordarem sobre as teorias do grupo de interesse. Poutignat e Streiff- Fenart (2011) esclarecem:

> Essas teorias postulam que as identidades e as ideologias étnicas são mantidas e enfatizadas para exercer uma influência nas políticas sociais e econômicas. A etnicidade é vista como uma solidariedade de grupo emergente em situações conflituais entre indivíduos que possuem interesses materiais em comum (p. 97).

Assim, acreditamos que pensar sobre as questões de sexualidade, gênero identidade e pertencimento devem perpassar por processos que em alguma medida se

entrecruzam e se relacionam, permitindo que possamos perceber que todas essas questões devem, em maior ou menor grau, manterem um diálogo produtivo e enriquecedor de modo a que se compreenda que a potencialidade das relações está justamente em trabalhá-las em sua conjuntura e em seus traços de interseção. A solidariedade e a relação entre membros e grupos levam em conta os traços diferenciadores existentes entre todas as pessoas e que são esses traços que os unem nos interesses que se tornam comuns.

Capítulo 3. VIVÊNCIAS EXPERIENCIADAS NO EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA: LECIONANDO PARA AS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Sobre a sua experiência profissional como professora e que é a que mais nos interessa na produção deste trabalho, é importante dizer que Louranya conta com aproximadamente doze anos de vivências profissionais oportunizados por meio da realização de contratos com a prefeitura municipal após aprovação em seletiva pública simplificada para contratação temporária. Por este motivo ocorreram algumas tentativas de retirá-la de alguns dos espaços escolares em que atuou com as crianças, mas sem sucesso, pois ela encontrava apoio com algumas pessoas da direção da escola e firmava o compromisso em oferecer cada vez mais as melhores aulas para as turmas que lecionava.

3.1 *"Aí a gente veio trabalhando, veio conquistando porque assim a gente tem que conquistar o aluno, tem que conquistar as pessoas pra dar confiança, né":* Sobre os modos de lidar com as situações e exigências normativo-institucionais.

Busco, nesse momento, trazer um pouco mais das narrativas produzidas por Louranya, bem como por algumas pessoas do seu convívio profissional que conhecem sobre as suas experiências e vivências no início da carreira docente para que possamos pensar sobre alguns dos processos que estão envolvidos nas construções. Ao pedir que narrasse um pouco sobre como foram as suas primeiras vivências como professora, ela registra a experiência que teve em uma creche de tempo integral, dos desafios ao ficar sozinha em uma sala com muitas crianças de 0 a 8 anos de idade para cuidar, pois tinha pouca experiência e dos meios que buscou para resolver a situação:

> *[...]. Foi um trabalho muito difícil então pra mim só sozinho. Foi uma experiência que não foi muito positiva. Gostei, mas deixou um trauma, né porque se tivesse outra pessoa pra ajudar era bem mais proveitoso né, porque na realidade a pessoa uma criança, vinte e cinco crianças pra você dar conta, uma pessoa sozinha é meio complicado, então pra um professor é complicado, ainda mais sem experiência. Diante disso eu fui até a secretária de educação, na época chamada professora Graça Bispo, né falei com ela que não tinha condições que a professora saiu pra fazer um exame e que só ia voltar depois de três meses; então não queria ficar naquela escola. Passei, ela*

foi me deu um ofício e eu fui pra outra escola, fui trabalhar de primeira a quarta série, na questão do Eliel Mendes. Na época a diretora Edna Nunes, uma excelente pessoa, uma excelente profissional me recebeu de braços abertos sem me conhecer, né. A gente sentou, conversou ela me deu uma sala de quarta série pra trabalhar essa sala maravilhosa também, a gente trabalhava quarenta horas, né. Lá a escola era pequena, porém tinha anexo, não funcionava só ali na escola. Tinha anexo porque não cabia tanto de aluno, ou seja, eram dois anexos, então se trabalhava em regime de turnão: de sete às onze, de onze às três e de três às sete da noite e eu trabalhava de onze às três e de três às sete da noite, duas turmas. ***Então assim, logo no primeiro dia, de cara né eu peguei uma sala de onze às três muito boa, os meninos eram desenvolvidos, já sabiam ler, já sabiam escrever era interessado; mas a turma do horário de três às sete eu sofri né no primeiro dia mesmo teve um aluno chamado Davi, ele era um aluno que não dava respeito ninguém nem direção nem professor nem a própria mãe, somente o pai. Ás vezes que a mãe conseguia controlar; e no primeiro dia de aula ele pegou um estilete pra me matar e veio pra cima de mim com esse estilete pra me matar, aí eu fui e falei com ele que se ele não me matasse eu tomava o estilete da mão dele e enfiava nele. Peguei ele pelo pescoço e botei. Foi a minha reação né. Diante disso chegou a diretora Edna Nunes e o pastor que era o vice também da escola.*** *Todos os alunos ficaram chocados com a cena, né em questão dele tomar essa atitude de querer vim me matar, né também não entendi o motivo nem por quê, não sabia o motivo e nem entendia o por quê.* ***Só que ele não gostava da escola e não gostava de ninguém, então eu acho que ele se defendia dessa forma, né querendo agredir os outros para se defender.*** *Aí chamamos a mãe dele pra conversar no dia seguinte, a mãe veio e conversou, pediu desculpa, até a mim, pediu desculpa à direção da escola que ele ameaçou tanto a mim, à diretora como o diretor que depois matariam a gente, né.* ***Aí a gente veio trabalhando, veio conquistando porque assim a gente tem que conquistar o aluno tem que conquistar as pessoas pra dar confiança, né*** *pra ter a confiança da pessoa então eu comecei a trabalhar, comecei a envolver, a buscar a interação dele com outros alunos até comigo, até com a diretora da escola e consegui, graças a Deus, hoje, na época o aluno foi um dos melhores alunos que eu tive. Realmente ele se transformou. Virou outra pessoa. Hoje eu encontro, terminou os estudos, se dá muito bem com a mãe, a mãe me agradece muito diz que eu fui muito importante na vida dele.* ***Depois teve outra turma, né também na quarta série onde a mãe não aceitava que o filho dela estudasse com um gay, com um travestis porque o filho dela só estudou até hoje com mulher, né e como é que o filho dela iria estudar com um homem, né que parecia mulher? Pra ela não entrava na cabeça dela. Então ela pediu pra diretora da escola***

> ***essa mesma diretora chamada Edna Nunes que ou o filho dela ou eu na escola****, né. Aí a diretora enquanto diretora não tinha passado o caso pra mim depois ela conversou, ela falou, propôs à mãe que deixasse que o filho dela estudasse comigo pelo menos uma semana pra ver se se adaptasse, se o filho não se adaptaria a mim ela tirava e trocava de sala, né mas que ela no momento ela não ia tirar porque ele foi matriculado e foi encaixado naquela turma então não ia fazer o remanejamento; só depois. A mãe concordou.* ***Então eu preparei aquelas aulas maravilhosas, então o aluno acabou se apaixonando por mim, né, por meu trabalho e a mãe veio até a mim depois pediu desculpa, pediu à diretora desculpa da escola pensou que eu era diferente, né que se eu queria dar em cima do filho só porque eu era travesti e não teria respeito. E não. É tanto que hoje é minha amiga, gosta de mim sempre vem aqui em casa a gente conversa, entendeu? Ela costuma muito muito a me perguntar, a pedir conselhos, fala muito do filho dela que cresceu que tá muito bem na vida, tá trabalhando, entendeu? Pra mim é gratificante como profissional ver o reconhecimento, né do que a gente veio passando até agora, né porque a gente só vê o reconhecimento não no início, mas sim depois, os frutos colhemos depois porque as pessoas vão lhe dar valor, vai lhe dar respeito[...]***

Há nessa narrativa a busca pela realização de um trabalho de excelência como meio para se alcançar a aceitação e, consequentemente, a manutenção do emprego. Os processos de violência vivenciados por Louranya nesse trecho narrado nos possibilita pensar sobre algumas possibilidades discursivas como, por exemplo, a reiterada e repetida ideia de que a travesti por si só já é uma afronta e um desrespeito aos espaços sociais e institucionais em geral e que por conta desse (des) respeito atribuído à presença da travesti professora, seja justificável as reações e constantes perseguições da comunidade escolar para adequá-la aos moldes esperados.

Ao deparar-se com uma tentativa de ataque à sua integridade física por parte de um dos alunos da classe em seu primeiro dia na turma de quarta série, Louranya em um ímpeto de reação faz uso da força física para tentar controlar e lidar com a situação utilizando mecanismos para conter a fúria da criança que possuía um objeto cortante nas mãos. Esse momento em que o aluno quis matar a travesti professora, segundo a narrativa provocou um choque às demais pessoas da sala e também à direção da escola, pois não imaginavam esse tipo de atitude por parte do estudante.

Há ainda, por parte de Louranya, um estranhamento e uma não compreensão de o porquê dessa reação do aluno, de qual seria a razão para tal fim. No mesmo curso da narrativa há uma possibilidade de resposta e que essa seria pelo fato de que o garoto não gostava de ninguém da escola e que já havia feito ameaças para a diretora e o vice. Desse modo, algumas perguntas se fazem pertinentes: Esse aluno, mesmo sendo percebido como alguém que não gostava de ninguém na escola, já havia atacado outrx professorx com a intenção de ceifar a vida como fez com Louranya? Há outras professoras travestis ou transexuais na instituição?

Penso que uma possibilidade para esse tipo de reação do aluno se deva, dentre outros fatores, à presença de uma travesti e que seja professora na escola, justamente pela ideia disseminada de que esse corpo abjeto nessa posição na sala de aula é uma afronta e em certa medida agride o outro que não aceita a fuga da norma e do rompimento com hierarquizações nos espaços educacionais, talvez este não seja o pensamento do aluno em questão, mas é bem possível que se envolva por esses discursos.

Quando a gestão, xs professorxs e algumas mães de alunxs sentem-se ameaçadxs, começam a ver a presença da professora travesti como um problema. Desse modo nos questionamos sobre quais são esses problemas? A escola não pode ter uma professora travesti? Por que não? Quiçá, a travesti desloca a figura da professora tradicional para uma professora que tem uma corporalidade, em especial pelos atributos de gênero e sexualidade (SEFFNER; REIDEL, 2015). Louranya perturba continuamente este lugar da norma e inquieta xs colegas de trabalho.

Havia uma colega de trabalho que, diferentemente de outras pessoas da comunidade escolar, via em Louranya um grande potencial para se problematizar a relação entre xs professorxs e a comunidade escolar como um todo. Essa colega sempre se mostrou próxima e também curiosa na busca por mais conhecimento sobre a temática de modo a reconhecer as singularidades de sua colega de trabalho e, especialmente, ter argumentos para questionar situações de discriminação.

Hoje Louranya exerce a função de pedagoga lotada na secretaria de desenvolvimento social da prefeitura municipal de Jequié. Aprovada em uma nova seleção pública simplificada em 2016, ela mantém as atividades na área educacional, com acréscimo de que tem buscado com o apoio do governo municipal, participar de

eventos locais, regionais e até nacionais em que se discutam e se deem visibilidade às questões LGBT e que com muita dedicação e empenho ela tem trazido a temática para mais próximo das repartições públicas da cidade.

Acredito que pensar o corpo abjeto nessa perspectiva seja o grande potencial problematizador para se deslocar o uso dessa categoria para uma utilização como arma que ao ser retomada e repetida reiteradas vezes possa tomar uma direção que inverta e desestabilize os propósitos originalmente produzidos (BUTLER, 2001).

Seguindo os acontecimentos da narrativa de Louranya apresentada acima, acontece outro episódio em que a mãe de um aluno ao descobrir que seu filho estudaria com uma professora que é travesti, busca meios para tirá-lo da referida turma ou até da escola, se for necessário, e é quando a profissionalidade da docente em questão é posta em xeque, pois é preciso que se mostre competência e qualidade na realização do seu trabalho e que não mostre que possui uma corporalidade e uma sexualidade dentro da escola para que possa continuar exercendo a sua função e ganhando o respeito dxs alunxs e das mães.

Compreendo esse momento como um processo de violência imbricado nas relações de poder, que nomeio aqui de violência simbólica em que a instituição escolar e a instituição familiar idealizada ocupam um lugar na hierarquia que, em certa medida, as autorizam a ditar as normas e as regras para o controle e a vigilância aos corpos fluidos. De acordo com Sardenberg, a violência simbólica se “infiltra por toda a nossa cultura, legitimando os outros tipos de violência” (SARDENBERG, 2011, p. 1).

Desse modo temos um poder simbólico que segundo Bordieu (1989) funciona por meio de sistemas simbólicos em que se constrói a realidade com base em homogeneidades, sejam elas temporais espaciais, entre outras. Bourdieu explica que os sistemas simbólicos são responsáveis por produções simbólicas, que funcionam como instrumentos de dominação.

No momento em que Louranya entra na escola, ela não está servida dos códigos e símbolos que dizem o que se pode ou não usar, fazer ou ser e assim está provocando uma ruptura nesse modelo institucional e que tem como possibilidade de consequência a punição por meio do olhar ou mesmo por outras atitudes dominantes.

Teve ainda o relato de uma mãe de aluno da turma em que Louranya lecionava que criou resistência e não queria aceitar a ideia de que seu filho tivesse aulas com um homossexual. Ao descobrir isso, procurou a instituição, juntamente com outras mães que desejavam reclamar sobre tal situação e que exigiam providências da direção sobre o caso ou retirariam suas crianças da escola.

Procurei meios para me aproximar dessa mãe, em específico, e conhecer um pouco mais da situação sob o seu próprio olhar. Por meio de contatos e após um bom diálogo foi possível a colaboração desta mãe na produção deste trabalho. Rosa[3] se posicionava inicialmente a favor da saída da professora travesti da escola. Eis a transcrição da entrevista feita com Rosa:

> ***[Pesquisador]:*** *O que aconteceu quando soube que a professora do seu filho era uma travesti?*
>
> ***[Rosa]:*** *Olha quando eu soube que o professor do meu filho era homossexual e se vestia de mulher eu achei um absurdo de porque que a escola estava permitindo uma coisa dessas, né. Começou um vuco-vuco danado de falatório na escola e também eu escutava os pais de outros alunos lá da turma do meu filho dizerem que isso era o fim do mundo e que se isso não fosse resolvido que iriam tirar os seus filhos lá da escola. Na época eu ouvi dizer que queriam até fazer um abaixo-assinado para tirarem ela da escola, né. Aí eu me preocupei mais ainda, pois fiquei com medo de que isso influenciasse o meu filho para algum caminho errado depois.* ***Na verdade eu tinha medo de que essa professora travesti pudesse ensinar meu filho a ser como ele no futuro e nenhuma mãe deseja que seu filho que nasceu homem fique querendo ser mulher, usando coisas de mulher, se maquiando, colocando peito essas coisas. Ah Deus me livre de que isso aconteça com meu filho.*** *Aí eu fui na escola conversar com a diretora para saber direito sobre esse negócio, porque os burburinhos estavam demais e isso já tava me abusando.* ***Eu não queria de maneira nenhuma que meu filho fosse ensinado por um travesti. Não via com bons olhos pensar como seria o trabalho dela com as crianças e o que isso poderia trazer depois****. E olha que foram vários pais e mães na escola viu pra reclamar sobre isso e de quererem tirar seus filhos de lá.* ***O vice-diretor mesmo, o pastor Ivan estava se mostrando a favor dos pais para que ele saísse da escola e fosse para outro lugar e ele explicava para os pais que se nada fosse feito nós deveríamos mesmo mudar os nossos filhos para outra escola, pois ter como professor de uma escola de respeito***

[3] Nome fictício.

um gay, um homossexual não seria correto para o desenvolvimento e aprendizado das crianças. E tudo isso acontecendo nos primeiros dias de aula viu. Com isso vários dos pais começaram a cobrar da direção um posicionamento e uma ação sobre o que estava acontecendo. Eu mesmo disse à diretora que se ela não tirasse a travesti da escola que mudasse o meu filho para outra turma, mas tendo aula com ele na sala eu não aceitava*. A diretora disse que a questão da opção sexual do professor Clébeson não interessava ali e sim a sua capacidade e competência para realizar as atividades e o seu trabalho como professor. Disse a mim e a várias outras mães e pais que dessem um tempo para que o professor pudesse mostrar um pouco do seu trabalho com a turma e se depois eles não gostassem poderiam tirar seus filhos da escola. Mesmo assim ainda houve uma ou duas saídas.* ***Olha nos meus primeiros encontros com ela na escola eu não fui muito com a cara não viu e preferia nem falar nada com ela. Eu tinha raiva e não queria meu filho próximo dela.*** *Por isso a insistência para que meu filho mudasse de turma, mas a diretora fez essa proposta e nós aceitamos.* ***Eu decidi deixar pra ver, assim como minhas colegas também deixaram seus filhos por mais um tempo. Foi aí que eu percebi que meu filho, depois de algum tempo estava gostando das aulas e que me falava que o professor Clébeson era legal e as aulas dele eram boas.*** *Acabou que toda a turma que permaneceu na escola começou a gostar do professor depois de um tempo e com isso eu decidi conhecer pessoalmente. Depois que conheci tudo mudou em minha cabeça e eu percebi que ela era uma professora muito comprometida e também muito simpática.* ***Os outros professores também gostavam e todos se davam muito bem. Apenas o vice que continuava batendo na mesma tecla****. Eu acho que ela é filha de deus como qualquer um de nós e quem somos nós para julgar os outros, né? Cada um segue sua vida como quiser e ninguém tem nada a ver com isso.* ***E ela sempre se deu o respeito na escola com as crianças.*** *Hoje nós temos amizade. Mesmo que faz um tempo que eu vi ela, mas sempre que nos encontramos colocamos o papo em dia. Gosto muito dela. Meu filho também sempre lembrando dela, pois ela foi uma ótima professora pra ele. Não tenho nada o que falar de mal dela não viu. Vou na casa dela, ela vai lá em casa.* ***Muito do preconceito que a gente tem é por causa do povo que fica falando e querendo botar coisa na nossa cabeça e a gente acaba se deixando levar. Acho que foi isso que aconteceu comigo e que acontece com muita gente.***

Observo que logo no início da narrativa de Rosa, a sua maior preocupação com a presença de uma professora travesti na escola se dá por acreditar que seu filho possa

querer aprender a se tornar travesti e que acabe encontrando o ensinamento e o incentivo em sala de aula. A ameaça para o filho, na perspectiva dessa mãe, é a de que esse corpo transgressor em sala de aula servirá como um estímulo para as crianças, uma espécie de contágio que precisa ser combatido a todo custo. A existência e a representação da sexualidade em sala de aula, e ainda acrescentada de uma produção tida como dissidência sexual torna-se motivo suficiente para que parte dos familiares e algunxs professorxs sejam capturados por esses discursos heteronormativos.

> A heteronormatividade está na ordem das coisas e no cerne das concepções curriculares; e a escola se mostra como instituição fortemente empenhada na reafirmação e na garantia do êxito dos processos de heterossexualização compulsória e de incorporação das normas de gênero, colocando sob vigilância os corpos de todos/as (JUNQUEIRA, 2012, p. 66).

Seguindo a narração é possível perceber em um momento que a mãe menciona um personagem importante para se pensar sobre a questão de quem está autorizado a falar, de onde fala e para quem fala, por exemplo. Trata-se do vice-diretor da escola que para além de suas atividades e rotinas na organização e andamento das atividades escolares, exerce o ofício de pastor de uma congregação protestante na região. Ser um pastor nessas circunstâncias propicia maior representatividade no sentido de que essa nomeação produz, em certa medida, uma imagem de liderança e de detentor de grandes saberes e que oferece grandes ensinamentos para o seu rebanho.

O pastor, com a propriedade a que está conferida o seu discurso, que fala de um determinado lugar autorizado e, mais do que isso, legitimado por determinada religião, o protestantismo, reitera a heterossexualidade compulsória ao mesmo tempo em que nega outras formas de se conceber a sexualidade/gênero. Dessa forma, quando a fala de autoridade da diretora que não frequenta nenhuma religião se depara com a fala de um vice-diretor que é pastor e tem uma religião com grande número de seguidores/as, fica difícil o confronto, pois o pastor fala de um lugar em que a maioria das famílias da comunidade, segundo observação e anotações que pude fazer, comunga da citada religião.

O discurso religioso nesse contexto passa a reger, em certa medida, os modos e os comportamentos que devem ser adotados por todxs os membros da comunidade escolar a fim de se produzir sujeitxs adequadxs aos valores judaico-cristãos de modo a que se sinta a necessidade de vigiar, corrigir e punir aquelxs que por ventura não sigam os

ensinamentos sagrados. Há uma doutrina que se partilha e se propaga por entre os povos de determinada comunidade os significados que se querem verdadeiros e inquestionáveis do ponto de vista da autoridade divina.

A instituição escolar produz e reifica o discurso cisheteronormativo de modo a capturar professorxs, alunxs, gestorxs e toda a composição de membros da comunidade escolar por meio de discursos e práticas pautadas em um conhecimento tradicionalista, arcaico e conservador sendo reproduzido e repetido incansavelmente. Há uma proposta e um investimento por parte dessas instituições a construir e a perpetuar compreensões de valores com base nos ensinamentos religiosos herdados da cultura judaico-cristã.

Sobre essa partilha doutrinária, Portela (2006, p. 568) com base em colocações de (FOUCAULT, 2000) pontua que "Esta partilha, entretanto, é condicionada pela exigência de que se reconheçam as mesmas verdades e se aceitem as regras de conformidade com os discursos oficiais. Assim, a doutrina liga as pessoas a certos enunciados, lhes proibindo outros". Acontece assim uma espécie de legitimidade normativa que ganha espaço nas produções e discursos da escola e, consequentemente das famílias que de algum modo se encontram ligadas a essas e outras instituições. Há nessas produções discursivas religiosas, milhares de vozes ecoando por meio da imagem e das falas do pastor.

Ademais, para Rosa, para o vice-diretor e para outras mães que têm seus filhos na referida escola, Louranya não é exemplo, pois é possuidora de uma identidade de gênero e sexualidade (des) regrada. Nessa perspectiva, homossexuais, trans, travestis e qualquer segmento que tenha outra variação que não pautada na norma sofrerá sanções, cerceamento, entre outras penalidades e tentativas de correção e coerção. Assim Rosa narra que ela e outras mães que se opuseram ao fato, foram convidadas pela diretora para deixarem xs filhxs mais uma semana para testarem a competência e o trabalho do professor/professora.

As mães aceitaram a proposta com a ressalva de que se não fosse satisfatório o trabalho de Louranya, tirariam as crianças da escola. Essa negociação serve para exemplificar uma realidade que acontece com várias outras professoras e estudantes travestis e transexuais por todo o país, como bem mostram pesquisas como as de (REIDEL, 2013), (ANDRADE, 2012) e (FRANCO, 2014). Há uma cobrança excessiva para quem é abjeto de modo a que seja necessária a comprovação de outras

competências e habilidades para haver uma aceitação, uma manutenção do emprego, uma respeitabilidade na posição de professora etc.

Na parte final das colocações da mãe o discurso nos possibilita pensar o preconceito como uma construção social que necessita de empenho e de convencimento das pessoas para se efetivar. É preciso que os discursos imbuídos de ideias preconceituosas sejam constantemente reiterados e fortalecidos nas relações para que haja transmissão entre todxs os segmentos alcançando assim sua manutenção e efetividade. Fica evidente o caráter investidor no qual está inserido o preconceito.

O tempo todo ela é cobrada e vigiada pelas instituições que fazem uso do poder para adestrar aquele corpo que se quer separado e diferente. Há um disciplinamento, há uma relação de poder. Esse poder é segundo Foucault:

> "um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior 'adestrar'; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor. A disciplina 'fabrica' indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício" (FOUCAULT, 1999, p. 201).

Esse poder é institucionalizado, ele sanciona, ele determina o que se deve ser e como ser, como agir e como se vê perante as demais pessoas. Esse poder mais do que oprimir sujeitos ele xs produz e é isso que o torna tão eficiente, pois a partir do momento em que xs sujeitxs são produzidxs, não se tem a necessidade de buscar a repressão e a opressão por processos outros que mais se tornariam cansativos e em muitos casos ineficientes (FOUCALT, 1999).

Trago ainda a narrativa da servidora Flora que era diretora na época em que Louranya iniciou os trabalhos na escola. Essa diretora é a mesma mencionada na narrativa anterior e que tinha como vice o pastor. Esses dados, assim como os demais, foram construídos por meio da minha busca por pessoas que em alguma medida tinham uma relação no tocante às vivências profissionais da pesquisada. A minha aproximação à Flora[4] se deu por intermédio da própria Louranya que por conhecê-la bem e manterem uma relação de amizade muito próxima, facilitou o meu contato.

> ***[Pesquisador]:*** *Como foi para você a chegada de Louranya para lecionar na escola? O que você percebia como reação da comunidade escolar?*

[4] Nome fictício atribuído à diretora da escola na época.

[Flora (diretora)]: *Rememorando assim algumas coisas que eu te falei da última vez. Com a chegada de Antônio, do professor Antônio na escola à qual eu estava como diretora: pra mim normal, professor, a escola estava necessitando, mas não só porque a escola estava necessitando, mas também pelo profissional.* ***Sei que naquela época fui até chamada a atenção pelo vice-diretor na época que me questionou em relação a ter um professor homossexual, minha filha ter um professor homossexual o que é que eu achava?*** *No entanto eu não busquei o lado pessoal, a vida pessoal de cada um, o que é de cada um, mas eu vejo o lado profissional.* ***E como profissional, como professor, é o professor Antônio ou Louranya seja lá como ele se identificar melhor, ele se destacou entre os demais. Isso eu posso garantir. Falo com ele tranquila que naquela época ele realmente se destacou. Os alunos obedeciam e respeitavam****. Claro que houve rejeição por parte de alguns pais, mas com o passar do tempo, decorrer do tempo, dos meses foram percebendo que não se tratava apenas de uma pessoa homossexual. Tratava-se de um profissional e de muita competência. Alguns alunos eu acredito que até hoje que ele é relembrado por alguns alunos falam o professor Clébeson, professor Antônio.* ***Outros até tratam como a gente costuma ouvir, pejorativamente aí professor bicha, porque infelizmente ainda há esse preconceito na nossa sociedade ainda há esse preconceito de não respeitar o outro como o outro é sem querer, sem perguntar, mas, é por parte dos colegas ele foi bem recebido sim, muito respeitado, trabalho normal, trabalho tranquilo.*** *Uma pena que hoje eu falo assim com ele: eu não sei onde te vejo, se te vejo na educação, se te vejo como cobrador num caixa de supermercado, como caixa de banco, como ramarim eu não vejo, não sei onde é que eu te vejo. Agora voltou, fez o Reda[5] e tá aí no Cras[6]. Já teve aqui essa semana, inclusive. Mas é uma pessoa, independente da escolha sexual dele, da ideologia sexual dele é uma pessoa fantástica.*

ANTÔNIO[7] prefiro chamar assim de ANTÔNIO.

A questão da posição do meu vice na época eu acredito por ele ser pastor ele teria esse pensamento que me questionou. Chegou até a ser meio grosseiro. Ele disse: olha Flora a senhora tem uma filha, sim, tem uma filha. E a senhora gostaria que a sua filha tivesse um professor gay na sala? Eu olhei pra ele, analisei a pergunta e respondi pra ele que eu não estava apenas buscando o lado da situação se era homossexual ou bissexual, mas que eu estava vendo um profissional e é o

[5] Processo seletivo para contratação de profissionais por tempo determinado em regime administrativo.

[6] Centro de Referência em Assistência Social.

[7] Nome fictício.

> ***profissional que a gente deveria estar analisando e não a questão pessoal.*** *Porque isso aí como eu já falei é uma questão muito pessoal. Você é aquilo que você é. Pode andar junto o profissional com o pessoal? Pode. Mas você também pode separar as coisas, entendeu****? Nada assim em termos de vestimenta, de comportamento em sala de aula eu tenho assim a dizer que possa estar denegrindo a imagem dele.*** *Tenho nada nada nada. Os colegas de sala, os colegas de trabalho também o apoiaram, receberam bem; Pessoas que têm uma mentalidade mais aberta, né, na época não tinha tanta ênfase na situação da sexualidade como se está discutindo hoje a ideologia de gênero, na época, naquela época em 2005 não tinha essa discussão ampla que está havendo hoje. Então essas pessoas antes tinham as mentes mais fechadas. Mas graças a deus* ***eu, particularmente não tenho nenhum preconceito. Eu sempre trabalhei com inclusão. Claro que o meu trabalho com a inclusão não partiu daí, da questão de ser homossexual, trans ou bi, mas surgiu por pessoas especiais com cegueira, com deficiência física, mental, então a gente já começa a trabalhar. Já trabalho há muito tempo na área da inclusão, porém nunca trabalhei assim com pessoas transexuais ou bi ou homossexuais não.*** *Antônio pra mim foi o primeiro que apareceu assim, ele caiu. Eu dizia pra ele: você caiu de paraquedas aqui porque a escola estava precisando de professor, né e realmente ele mostrou que ele gosta de fazer. Ele é muito competente mesmo. No profissional ele não deixa a desejar. Eu fiquei triste quando eu saí da direção da escola, porque já quando eu saí da escola foi a época em que eu vim assumir a direção na outra escola. Então os professores que tinham lá que eu via que eu podia trazer comigo eu trouxe e um desses professores foi Antônio, né. Só que é como você sabe cargos passam e quando chegou o meu período eu saí por questões políticas vamos dizer assim, porque não assumia a bandeira do prefeito, então eu tive um afastamento.* ***E ao chegar aqui, a nova direção já você percebia que olhava pra ele com diferenças, mas mesmo assim ele não deixou de ir até o final do ano com a turma. Fez uma festa de formatura muito linda, que ele tem uma capacidade muito grande pra organizar essas coisas e saiu.*** *E chegou de novo e hoje está lá no Cras como pedagogo.*

Considero importante a colocação de toda a parte das narrativas como tenho feito até aqui, no sentido de que desse modo as possibilidades para se pensar e se contextualizar os discursos possam cada vez mais favorecer a produção das análises, mesmo que hajam marcações em negrito e das quais faço uso com mais atenção e afinco.

Nas primeiras marcações da narrativa de Flora, observo que há uma retomada, em alguma medida, dos discursos que já haviam sido notados em narrativas anteriores e que aqui se utilizam do processo da repetição. Aparece novamente a figura do pastor fazendo um questionamento para a diretora se ela gostaria que sua filha tivesse um professor homossexual. Quando nos deparamos com discursos como esses, precisamos refletir sobre suas origens.

Nesse sentido é necessário que nos atentemos a esses discursos que, para além de quem fala, representam outras tantas vozes e discursos sócio historicamente construídos e legitimados, discursos que se formam no seio da cultura e que são aprendidos, apreendidos e reproduzidos. Pensando desta forma, poderíamos considerar que esse tipo de discurso muitas vezes está normatizado, enraizado nos pensamentos de muitas pessoas e permeia os espaços e as relações quase que de forma invisível, mas estão lá e é quando eles vêm à tona a partir da fala de uma única pessoa que nos damos conta (ou não) que eles existem para além de quem os enuncia. Louranya tem de provar o tempo inteiro que é competente para que o fato de ser uma travesti ganhe alguma amenização no espaço institucional.

Novamente o que aparece na narrativa é a idealização de que essa pessoa que leciona na escola é possuidora de uma sexualidade disparatada, sem regras e nem prescrições, como manda a instituição escolar, sendo a professora travesti considerada como uma forma anormal para ocupar esse espaço e para ensinar as crianças. Para Junqueira (2012, p. 68) isso acontece porque "O aporte da escola, com suas rotinas, regras, práticas e valores, a esse processo de normalização e ajustamento heterorreguladores e de marginalização de sujeitos, saberes e práticas dissidentes em relação à matriz heterossexual é crucial".

As rotinas, práticas e valores da escola em questão ganham um reforço advindo de uma representação religiosa que se utiliza de verdades tidas como oficiais em que se tem como consequência uma espécie de institucionalização da legitimidade dos discursos oficiais. O pastor ainda conta com o amparo de um material potencialmente significativo com relação à influência que exerce sobre xs fiéis que é a bíblia, preenchendo ainda mais de autoridade o lugar de onde fala. Surgem desse modo, os discursos do pecado, daquilo que é contra a vontade de Deus.

Sobre essa questão valorativa em relação ao pecado, ao antinatural, Foucault (1985) traz pontuações pertinentes, relacionando, em certa medida, a ideia da sodomia com a do pecado. Dialogando com o autor, e a par de alguns momentos e contextualizações da história, somos convidadxs a rememorar que a sodomia durante uma época, de acordo com o discurso religioso cristão, foi considerada não apenas como pecado, mas como um pecado nefando, passando a ser tratada, na perspectiva católica apostólica romana como heresia, sacrilégio, o pior dos pecados. "Na lista dos pecados graves, separados somente por sua importância, figuravam o estupro (relações fora do casamento), o adultério, o rapto, o incesto espiritual ou carnal, e também a sodomia ou a "carícia recíproca" (FOUCAULT, 1985, p. 38-39)".

Este mesmo autor sinaliza ainda que a sodomia, vista como prática sexual ilegítima era considerada também com anormal, como antinatural, desrespeitando as leis da natureza e o sagrado matrimônio, assumindo uma marca particular de abominação comparada com os outros pecados que eram, junto com ela, considerados também como graves. Colocar a sodomia como algo contra a natureza nos remete a ideia de que ela estaria indo também contra Deus que é a representação personificada da natureza, daí a condição de colocá-la como um pecado hediondo.

Nessas perspectivas e práticas discursivas aqui suscitadas, percebo nas colocações da diretora por meio de suas falas que mesmo tentando "remar contra a maré" que se instaurou na escola, Flora em vários momentos também é capturada pela norma, por exemplo, quando enfatiza a preferência em tratar a professora travesti no masculino. Mesmo que isso não seja e nunca tenha sido um problema para Louranya, segundo colocações da mesma, mas torna-se importante discutir essa resistência em tratá-la no feminino mesmo percebendo que as configurações corporais salientam esse aspecto.

Ao mencionar *"não ter nada a dizer sobre as vestimentas, o comportamento em sala de aula ou de outra coisa que possa estar denegrindo a imagem dele"* a diretora acaba por cair em um lugar que podemos perceber que há, em certa medida, uma intensificação da vigilância sobre o corpo que de algum modo possibilitou essa produção discursiva. Flora não está dissociada quando o assunto são as relações de poder, os jogos de poder, os chamados micropoderes que perpassam todo o corpo social e entendo corpo social aqui como as relações que se estabelecem entre as instituições,

os seus valores norteadores e os membros que as compõem, provocando transformações e modificações de condutas individuais (FOUCAULT, 2004).

Em outro momento da narrativa Flora salienta que ao ser substituída na direção, percebia que essa nova gestão olhava com reservas, com uma espécie de desaprovação para a presença de um corpo estranho na escola, mas que mesmo assim a professora travesti não deixou de ir até o final do ano com a turma e realizando uma festa de formatura com a turma. Esse momento da narrativa parece e me faz pensar que de acordo com as mudanças de gestão escolar, surgem novos desafios e enfrentamentos em que Louranya precisa lidar. Aliás, surgem os velhos desafios e enfrentamentos, pois a situação parece se repetir continuamente em um contexto que só se mudam xs personagens.

Mas Flora não é capturada o tempo todo. Ela também realiza seus escapes quando, por exemplo, declara que sempre trabalhou na perspectiva da inclusão social e que isso a preparou melhor para lidar com determinadas situações. Ela ainda questiona as colocações do vice-diretor, além de buscar negociar com as mães dxs alunxs uma forma mais pacífica e desafiadora para concordarem com a permanência de Louranya na escola. Desse modo, Flora questiona, de alguma, forma as normas.

Faço necessário justificar que a proposta abraçada por este trabalho de pesquisa não é a de atacar a escola enquanto instituição permeada por relações de poder, mas sim de analisar os discursos correlatos a uma forma de poder que se exerce sobre os sujeitos em sua vida escolar, até porque o fato de existirem processos de disciplinamento demonstra justamente que os sujeitos se insurgem e que muitas vezes acabam por criar alternativas para burlar o sistema de observação constante.

Fato notável ocorreu ainda em uma das escolas que fui levado por Louranya onde ela teve vivências como educadora. Sempre que saíamos juntos para ir a essas escolas e ela me levando em sua moto, notava os olhares atentos e vigilantes sobre nós nas ruas e até mesmo chegando à escola. Todo esse processo me fez perceber os níveis de vigilância que estavam presentes a todo o momento.

Dentro dos muros dessa escola, que fica no bairro Km 03, também considerado periférico e que fica próximo ao Km 04, foi possível perceber que, ao chegarmos, alguns dos alunos/as e ex-alunos/as de Louranya se aproximaram para cumprimentá-la e

para saudarem-na, pois, os comentários que apareciam neste momento eram os de que o professor ‘Binho’ como era chamada pelas colegas mais próximas e pelos seus alunos, fazia muita falta na sala de aula e que deveria voltar. A intenção inicial era conversar um pouco com alguém da direção ou da administração da escola que conhecesse Louranya no momento em que esta foi professora na instituição.

Sobre esta nomeação de “Binho”, isso ocorria tanto nas conversas com alguns membros da comunidade em que ela morava como nas escolas em que atuava. Durante as visitas e as conversas com colegas de trabalho e moradores do Km 04 pude notar a resistência das pessoas em chamá-la pelo nome feminino. Os argumentos eram, em sua maioria, voltados para a ideia de que este era um nome estranho para ser direcionado a ela, pois mesmo que ele se vestisse com “roupas de mulher” e fosse uma travesti, continuava com o nome que todas as pessoas a conhecem desde sempre.

Para alguns dos seus alunxs, chamá-lo de professor Binho seria mais tranquilo de modo a que ele não se tornasse motivo de gozação na escola por parte de outras pessoas e outros grupos da comunidade escolar. As nomeações no masculino atribuídas à professora travesti no espaço institucional da escola são utilizadas como recursos de “proteção” e “preservação” à imagem de professor que ela deve ter no trabalho. Há, de certo modo, uma inversão nos sentidos de proteger e preservar as pessoas.

Ainda neste dia direcionamo-nos para a sala da direção em busca de alguém que pudesse conversar um pouco comigo sobre o período em que ela trabalhava na escola. Encontramos com a diretora e a coordenadora pedagógica da escola na sala e imediatamente as cumprimentamos e Louranya me apresentou para elas. Logo em seguida eu me apresentei para todas as pessoas presentes na sala e expliquei o que eu pretendia fazer. Sentamos e começamos a conversar de modo mais descontraído, apesar de eu ter notado as feições um tanto tensas e preocupadas da diretora naquele momento, pois Louranya estava com um short curtinho, exibindo suas pernas e a tatuagem que tem em uma das coxas.

A imagem do “corpo sem escolarização” provoca incômodo, pois “A escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui” (LOURO, 2007, p. 58). Desse modo o que acontece no momento em que ela entra na escola com pouca roupa é que no momento não está servida dos códigos e símbolos que dizem o que se pode ou não e está

provocando uma ruptura nesse modelo institucional e que tem como possibilidade de consequência a punição por meio do olhar ou mesmo por outras atitudes.

Durante os momentos de conversas e descontração, a coordenadora pedagógica, que parece ter certa proximidade e intimidade suficiente com Louranya, faz comentários sobre algumas fotos postadas na rede social facebook em que ela esbanja sensualidade e exibe o seu corpo coberto apenas por biquíni. Os comentários feitos pela coordenadora pedagógica são mais voltados para o fato de que ela estava lindíssima e exibindo muita beleza, mas bem que poderia usar um pouco mais de roupas. Podemos notar que há, em certa medida, uma interdição dos corpos que aparecem ou querem aparecer.

Nos comentários da coordenadora pedagógica, podemos notar isso, pois a beleza pode ser admirada e mostrada, mas desde que se utilize de recursos de vestimentas que cubram o corpo, principalmente no espaço escolar de trabalho, visto como um lugar de 'respeito'. Não se pode mostrar o corpo e a sensualidade nesses lugares. O não mostrar o corpo, neste caso aqui apresentado, pode se referir à ideia de que professoras e professores, ao menos em boa parte nos dias atuais, não devem parecer pessoas dotadas de sexualidade(s), mas que, pelo contrário, devem inibir e coibir todo e qualquer tipo de reação e de conversas que propiciem a esse tipo de direcionamento.

Nesse momento, Louranya rindo e descontraída responde que a intenção era essa mesma de mostrar que é linda e gostosa e que se sente bem desta maneira e precisa mostrar isso na rede. A diretora não se manifesta em momento algum e opta unicamente pela observação. No momento em que estou explicando a intenção da pesquisa e da importância da participação de algumas pessoas da escola na construção dos dados, sou interrompido pela coordenadora pedagógica que pede para fazer uma 'pequena observação', pois, segundo ela, sem preconceito algum, mas que acharia muito mais interessante se L se portasse de maneira parecida com a minha. Quando pergunto a ela qual é a maneira que me porto ela diz:

> *"Por exemplo, Danilo, eu acho você um rapaz muito bem composto e elegante que tem uma orientação sexual gay, mas que não precisa vestir roupas de mulheres para sair nas ruas e eu acho isso muito legal. Nada contra sua forma de vestir viu Binho, mas eu prefiro quando é assim mais comportado e que*

não precisa ter que se vestir com roupas femininas e nem modificar o corpo".

A transfobia aqui aparece nitidamente via processo de orientação de como as pessoas devem se portar nos lugares, como devem se vestir de acordo com o gênero que outras pessoas lhe atribuem. O gay pode ser "elegante e bem composto" na medida em que mantenha seus traços de masculinidade visivelmente palpáveis. Em contrapartida a travesti que faz usos, abusos e extravagâncias com as suas vestimentas deveriam ser mais comportadas e que não há necessidade de vestir roupas femininas para sair pelas ruas.

Há um processo de violência incutido nesse comentário que atesta para a falta de entendimento de como se configuram as vivências de travestis e transexuais na sociedade em geral. Existe o direito de ser gay, desde que esteja bem composto, seja elegante e não necessite vestir roupas consideradas para mulheres para sair nas ruas. A atribuição do que se entende legal para seguir nesse modelo está atrelado ao constante vigiar-se para que não sofra de punições sociais. Se quiser ser bem visto e benquisto por todas as pessoas deve aderir a um jeito "comportado" de ser.

O dizer não ter nada contra a forma de se vestir de Louranya, seguido do uso da conjunção *mas* confirma toda a oposição ao que foi dito anteriormente. Ou seja, se diz uma proposição e logo em seguida a desconsiderar e até a contestar. O dizer *"não ter nada contra a forma de vestir, mas"* produz e reitera todo um discurso transfóbico que deslegitima as formas de se vestir e de portar-se que não estão obedecendo a regras impostas pelos padrões heteronormativos.

A utilização do nome Binho é enfática no sentido de reforçar a ideia de que a travesti professora é um homem e que na escola deve ser chamado pelo nome no documento ou pelo seu apelido no masculino. É inadmissível, do ponto de vista das normas institucionais e também, em certa medida internalizada pela coordenadora, que se chame de Louranya o professor Binho. Há aí uma negação do direito de utilização do nome social, o que constitui outro ato de violência e cerceamento dos direitos de as pessoas serem nomeadas como desejam nos espaços de trabalho e sociais em geral.

Independentemente de haver uma regulamentação na instituição para a utilização do nome social, há a resistência, a vigilância e a punição às individualidades e

particularidades da travesti professora que é evidenciado o tempo todo na escola e também nos espaços da comunidade. A transfobia desse modo encontra ‘respaldo’ nos argumentos produzidos sobre como deve ser um professor e uma professora e como devem agir nos espaços da escola e na produção dos conhecimentos e nas suas relações com os alunos.

Discutindo e problematizando na perspectiva dos corpos e de suas performances no rol de atribuições e de papéis sociais é importante ressaltar que as discussões aqui suscitadas buscam problematizar e questionar sobre o valor e a presença real que o corpo tem e que representa nos espaços, e, como nos apresenta Butler (2003, p 63.):

> Não se pretende, com isso, negar a materialidade dos corpos, mas enfatizar os processos e as práticas discursivas que fazem com que os aspectos dos corpos se convertam em definidores de gênero e de sexualidade e, como consequências acabem por se converterem em definidores dos sujeitos.

Aguardei, silenciado e observador, o momento em que a coordenadora parasse e permitisse que eu continuasse com a explicação sobre a pesquisa e de que maneira ela e a diretora poderiam colaborar por meio das nossas conversas. No momento dessas colocações por parte da coordenadora pedagógica, Louranya argumenta:

> *“ah depende do ponto de vista de cada um né. Danilo se sente bem da forma como ele se apresenta socialmente e isso é o que importa. Devemos entender que cada pessoa é um ser diferente e que vê o mundo de uma forma diferente e que por isso buscam meios para viver do modo que melhor se sentirem bem consigo mesmas. Eu me sinto bem sendo assim e ele se sente bem dessa maneira e eu acho que é isso o que importa”.*

A todo o momento Louranya parecia bem confiante e convicta do que dizia. Após as suas colocações e mais algumas conversas com a coordenadora, optou por se retirar e voltar para casa para que eu pudesse ficar “mais a vontade” com as representantes da instituição durante as nossas conversas e que ainda teria que ir resolver algumas coisas. Devo dizer que neste momento eu percebi que a diretora ficou um tanto desejosa para que isso acontecesse

3.2 Nem tudo é intimidação: sobre as resistências à ordem normativa

Ao discutirmos sobre travestilidades e identidades na interface com os espaços formais de educação e com o espaço da comunidade, para além de pensarmos sobre os processos discriminatórios vivenciados pela professora travesti nas suas vivências profissionais, faz-se fundamental que salientemos também, ainda que de modo breve, sobre as resistências protagonizadas por esta professora.

Louranya vivenciou diversos processos de violência durante os mais de 10 anos em que esteve em sala de aula como professora e isso pode ser percebido em algumas das narrativas que trouxemos aqui neste trabalho. Porém, a forma como ela lidava e lida até hoje com as situações mais adversas no campo de trabalho mostram que ela se colocava diante das situações e uma das maiores armas utilizadas para o enfrentamento às adversidades era não mostrar-se intimidada ou sentindo-se inferior perante aos comentários e/ou direcionamentos ao seu modo e configurações corporais.

Era ainda de utilizar de estratégias que mostrassem o seu potencial e capacidade para conquistar alunxs, mães de alunxs, gestão e colegas de trabalho por meio da autoconfiança e do entendimento de que questões de outra ordem não deveriam interferir nas relações de trabalho e de desenvolvimento das atividades. Ao ser questionada pela direção e coordenação pedagógica de uma das escolas, por conta das roupas mais feminina , Louranya afirma que sua posição era a de argumentar que esses tipos de observações não deveriam ser discutidos, pois segundo ela, o que ela fosse ou deixasse de ser para além dos portões da escola não dizia respeito a ninguém ali dentro.

A professora travesti era vista por algumas pessoas colegas de trabalho como uma ameaça ao bom andamento das atividades. Por conta disso, instalava-se um medo por parte dxs professorxs de que Louranya pudesse influenciar xs alunxs a, por exemplo, sentirem desejos e a quererem conhecer mais sobre a travestilidade e que isso se intensificasse nas discussões no espaço da sala de aula e da escola como um todo. Conforme Seffner e Reidel (2015, p. 446).

> Esta é a dimensão menos desenvolvida no debate, em especial por conta do pânico moral que domina as discussões, e que de imediato coloca as professoras travestis e transexuais na posição de pessoas pouco confiáveis para servir de exemplo às novas gerações, portanto, inadequadas para estarem em sala de aula, frente às “inocentes” crianças e jovens.

Mas esse medo para ela era irrelevante, pois nada a impedia de continuar com as discussões de temas voltados para a sexualidade humana, pensando em aspectos para além das limitações binárias que as escolas insistem em reproduzir nos seus espaços. Ao trabalhar com turmas do ensino médio em outra escola, ela desafiava o cronograma escolar por conta própria, e mesmo correndo riscos quanto à continuidade dessas atividades na escola, incluiu em algumas de suas aulas, as discussões sobre sexo, sexualidade, gênero e travestilidades.

Ela argumentava no sentido da importância de se discutir sobre os temas para xs alunxs da turma, mesmo para aquelxs que afirmavam não gostar do tema ou que estivessem sentindo algum incômodo. Todxs, inclusive aquelxs que disseram não concordar inicialmente, mudaram de opinião após acompanharem as primeiras discussões em sala. Ela insere e defende as discussões sobre gênero e sexualidade pontuando que é um assunto de extrema importância e que todxs devem buscar conhecer mais para lidar de maneira mais educada e respeitosa com as pessoas na escola e fora dela.

Essas formas de intervenção da professora também contribuíam para que xs alunxs compreendessem e reconhecessem a travestilidade enquanto uma possibilidade de expressão de gênero tão legítima como qualquer outra, inclusive alguns/algumas disseram a princípio que entendiam Louranya como homem, do sexo masculino e que gostava de se vestir de mulher. Portanto, foi uma experiência relevante para que também ela problematizasse a cisgeneridade enquanto norma que invisibiliza as outras configurações de identidades.

Acreditamos que as vivências profissionais e sociais da professora em questão servem para pensarmos e repensarmos um pouco mais sobre as nossas práticas e nossas formas de relacionamento com os mais variados segmentos da sociedade. Apresentamos neste momento um texto escrito pela participante da pesquisa quando a ela foi solicitada que escrevesse, espontaneamente, sobre o que entende por ser travesti. Concomitante à escrita dela, teço algumas considerações:

"Ser travesti e descrever como você é visto perante os outros travestis não é tarefa fácil. Assim como o preconceito ainda reina contra essas minorias por parte da classe heterossexual, dentro do mundo gay, especificamente na classe de travestis, o preconceito também acontece. E acima de tudo é constante a rivalidade entre os

membros desse grupo, principalmente na disputa por territórios nos quais realizam suas atividades, isso quando se tratar de travestis que se prostituem para sobreviver.

Um ponto citado nas colocações acima diz respeito a algumas disputas existentes entre os mais variados grupos de travestis. Há uma competitividade constante entre elas, seja no tocante aos investimentos corporais e estéticos, seja na busca por espaço e território para desenvolver as atividades como profissional do sexo, no caso das que realizam este trabalho.

A prostituição entre travestis acontece na maioria das vezes pela falta de oportunidades imposta pela sociedade dita normal, que por sua vez marginalizam esses cidadãos (ãs), apenas por apresentarem características peculiares. No entanto, não levam em consideração o que essas pessoas têm de melhor, ou seja, assim como um cidadão hétero pode contribuir para o crescimento da sociedade, seja no âmbito econômico, cultural etc., o cidadão (ã) travesti também tem seu grau de importância. Portanto, ser travesti é acima de tudo ser humano, um cidadão (ã) em gozo de direitos e deveres, tais como quaisquer outros membros da sociedade.

Neste caso percebemos uma produção discursiva que remete ao lugar da prostituição nas vivências das travestis em que, reconhecendo a existência de exceções à regra, coloca que ainda na maioria dos casos a busca pela citada profissão se dá pela falta de oportunidades para a qualificação e para a formação em outros segmentos profissionais e que não podemos fingir que seja algo superado.

Diante da marginalização da homossexualidade é que surgiu a necessidade de travestis, gays, lésbicas e simpatizantes lutarem constantemente por um mundo melhor para se viver e consequentemente garantir seu espaço no mercado de trabalho, seja nas instituições públicas ou privadas, assim como em qualquer outro ambiente.

Ao contrário do que muitos pensam, travesti não é simplesmente um objeto de desejo sexual de muitos indivíduos amantes do sexo não convencional, porém, um sujeito munido de sentimentos e que também está disposto a fazer a diferença em nosso meio. Entretanto, a falta de oportunidade e o medo da sociedade perversa e insensível faz com que esses (as) cidadãos (ãs) se isolem do mundo real criando um mundo cada vez mais à margem da sociedade. Mundo esse marcado pela prostituição e como consequência a intensificação dos atos discriminatórios. Ser travesti já é complicado,

além disso, aquelas que fazem programas tornam-se alvos perfeitos para a marginalização e para as violências física e psicológica, quando em casos extremos não são mortas (os).

A travesti é carregada de sexualidade de modo que em muitos dos casos são resumidas a essa categoria.

Entretanto, apesar das dificuldades decorrentes da marginalização que por sua vez tem seus aspectos positivos e negativos, pois muitas travestis são motivadas a buscarem condições de vida melhor, eis aí um dos pontos positivos, enquanto que outros se aproveitam da situação e mergulham nesse mundo sombrio e desolador. E assim, diante da exclusão social, essas travestis acabam migrando para as periferias das cidades vivendo muitas vezes às margens da sociedade. Em virtude dessa segregação, é que muitas se sentem estimuladas para buscar melhorias, contribuindo para um mundo mais justo, com menos violência e acima de tudo menos discriminatório.

A luta e a resistência ao sistema impositivo são processos que estão constantemente presentes nas rotinas das travestis e em alguma medida são essas bandeiras que as mantêm protagonistas de suas histórias.

A condição de travesti muitas vezes acompanhadas das intempéries da vida nos tem dado forças para continuarmos constantes em nossas lutas. Lutas essas que são praticadas diariamente, pois em todos os momentos, e em algum lugar existe alguma travesti experienciando algum tipo de preconceito. Devido a isso, muitas travestis são consideradas verdadeiros exemplos nas comunidades onde vivem, justamente porque superam muitas dificuldades e ainda contribuem de forma significativa para que as outras pessoas na mesma condição ou em condições parecidas se sintam estimuladas a lutar pelos seus objetivos.

Em decorrência de tantas dificuldades, sentimos a necessidade de fazermos a diferença, porém, embora sejamos rotulados como seres diferentes, em hipótese alguma deveríamos nos considerarmos como tais, pois acima de tudo somos seres humanos, temos sentimentos e somos portadores de direitos e deveres, assim como quaisquer cidadãos.

Em suma, precisamos entender que, para mudarmos o mundo, precisamos mudar a nós mesmos. Sendo assim, as coordenadas para que essas transformações aconteçam é investir em educação, pois, o conhecimento nos permite argumentar diante das injustiças que nos acompanha ao longo da nossa caminhada. Além do que, o ensino nos proporciona outras possibilidades para que possamos ter uma condição de vida melhor.

PARA NÃO CONCLUIR...

É preciso discutir sobre as particularidades, sobre as especificidades, sobre as peculiaridades nos mais diversos arranjos sociais e subjetivos existentes. Ao discutirmos sobre questões de identidade, gênero, pertencimento, precisamos compreender que os mecanismos a serem utilizados devem dar conta principalmente do micro a ser investigado para que esse seja mais um contributo para entendermos o macro. Pensar sobre as travestilidades nos seus mais variados ângulos e possibilidades permitiu compreender que tratar da temática na contemporaneidade não é tão simples e requer um cuidado especial, visto que as identificações em suas particularidades ou em grupos abarcam uma infinidade de mecanismos que operam, simultaneamente e que é preciso estarmos preparados para detectá-las em sua diversidade.

Os processos de cerceamento, de proibição e de escolarização dos corpos ainda tem espaço prioritário nas instituições. A configuração escolar como instituidora de normas colabora, em certa medida, para a inviabilidade das discussões sobre gênero e diversidade sexual em seus espaços. Desse modo, a presença da travesti professora provoca ameaças e inseguranças a esse sistema vigente. Há uma vigilância maior do trabalho de Louranya em relação à outrxs educadorxs pelo fato de ser travesti.

Quando ser travesti se entrelaça com características como ser nordestina e de periferia é que podemos perceber um sentimento de pertencimento nas relações e da crença em uma origem comum do grupo ao qual está inserido. Os marcadores étnicos são construídos, nomeados e caracterizados por meio dos diversos dispositivos dos quais dispõem determinadas comunidades ou grupos. Ao se deslocar para a região sudeste, características como a culinária, a língua e ainda alguns traços físicos da travesti professora ganham formatos e características nomeadas por outrxs como sendo de nordestinas.

Já inserida em sua comunidade, o sentimento de reconhecimento e de pertencimento é apresentado fortemente quando em contato com outras comunidades circunvizinhas ou mais afastadas. Ser travesti na periferia em que vive, mais do que não ser algo perturbador para Louranya, torna-se algo que ganha potência no sentido de tomar outras configurações mais construtivas para a categoria. Ela se reconhece na comunidade de periferia em que nasceu e vive até hoje. Eu arriscaria dizer que os marcadores étnicos em questão mais do que influenciarem nas vivências da pesquisada,

potencializam essa crença na origem de um grupo comum, no caso o da periferia do interior.

Louranya produz deslocamentos de muitas certezas afirmadas pelo senso comum e pelas idealizações tradicionalistas, além de mostrar por meio das suas vivências que as compreensões sobre etnia, gênero e diversidade sexual podem ser muito mais potentes quando consideradas as suas várias condições de possibilidade.

Dessa maneira, os achados do presente trabalho de pesquisa, ainda que amparados na provisoriedade nos permite, em alguma medida, pensarmos e (re) pensarmos sobre reconstruções identitárias e nas significações e ressignificações construídas ao longo das experiências nos espaços sociais e educacionais de modo geral.

Acredito que ainda tragam contribuições para acreditarmos que estamos aos poucos, vencendo barreiras, superando obstáculos e nos libertando de algumas amarras, ainda que momentaneamente nos amarremos em outras. É possível fazer história com as próprias histórias e fazer disso uma arma eficaz para a libertação daquelas amarras que só nos fazem mal e se aproximar daquelas que mais busquem o conhecimento como forma de transformação social, de respeito à todxs as formas de ser e de estar no mundo.

Para além das formalizações e tecnicismo presente nos textos científicos, este trabalho propiciará a pensarmos sobre novas formas de debates e novas propostas sociais sejam no campo pedagógico e social nos espaços da escola ou fora dela.

A realização deste trabalho não encerra e nem responde precisamente a questões teórico-conceituais e/ou empíricas de modo demarcado e preciso, mas possibilita antes, a realização de uma infinidade de questionamentos e de dúvidas que se querem necessárias na abordagem de temas tão complexos e tão diversos. Deste modo, compreendemos a necessidade de trabalhos que visem a uma perspectiva mais de produzir perguntas e fazer questionamentos do que necessariamente buscar respostas unívocas e/ou consensuais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Luma Nogueira de. **Travestis Na Escola**: **Assujeitamento ou Resistência** à **Ordem Normativa**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação. Fortaleza. Rev. Estud. Fem. vol.19 no.2 Florianópolis May/Aug. 2011. 2012. Disponível em:< http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2011000200016>. Acesso em: 15 dez. 2015.

ÁVILA, Milene Peixoto. **"Periferia é periferia em qualquer lugar?" Antenor Garcia: estudo de uma periferia interiorana**. São Carlos: UFSCar, 2006.

BAUER, Martin W.; JOVCHELOVITCH, Sandra. **Entrevista narrativa**. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes. 2014. p. 90-113.

BENEDETTI, M. **Toda feita:** o corpo e o gênero das travestis. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BENTO, B. **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

_____.**Na escola se aprende que a diferença faz diferença**. Estudos Feministas, Florianópolis, 19(2): 336 maio-agosto/2011. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v19n2/v19n2a16.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2015.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A, 1989.

BRAGA, José Luiz. **"Lugar de Fala"** como conceito metodológico no estudo de produtos culturais. In: Mídias e processos socioculturais. São Leopoldo: UNISINOS, 2000.

BRITO, Camila Pina. **"Já é negro e ainda quer ser travesti?" – experiências trans de mulheres negras**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. 128 p. Julho de 2016.

BUTLER, Judith. **Desdiagnosticando o gênero**. Physis Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 19 [1]: 95-126, 2009. Tradução: André Rios. Revisão Técnica: Márcia Arán. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-73312009000100006&script=sci_arttext>. Acesso em: 12 dez. 2014.

_____.**Problemas de gênero**: Feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

_____.**Corpos que pesam**: sobre os limites discursivos do sexo". Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001.

CAMPOS, Alexandra Resende. **Problematizando a família sob novas lógicas de constituição e interação.** Revista Pedagógica - UNOCHAPECÓ - Ano 14 - n. 26 vol.01 - jan/jun 2011.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

CONNELL, Robert; MESSERSCHMIDT, James. "**Masculinidade hegemônica**: repensando o conceito". Revista Estudos Feministas, CFH/CCE/UFSC, v. 21, n. 1, p. 241-252, 2013.

CORAZZA, Sandra Mara. **Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos**. In: COSTA, M. V. (Org.).Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação. 3 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2007. p. 103-127.

CORNEJO, Giancarlo. "**La guerra declarada contra el niño afeminado**: una autoetnografía *queer*". Iconos: Revista de Ciencias Sociales, n. 39, p. 79-95, 2011.

COSTA, Marisa Vorraber; GRÜN, Mauro. **A aventura de retomar a conversação - Hermenêutica e pesquisa social**. In: COSTA, M. V. (Org.).Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação. 3 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2007. p. 83-102.

DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais**. 3a Ed., São Paulo, Atlas, 1995.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **Planejamento da pesquisa qualitativa** – teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. Trad. Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 2004.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Foucault e a análise do discurso em educação**. Cadernos de Pesquisa. Caderno de Pesquisa, n. 114, p. 197-223, novembro/2001. Disponível em: < http://www.scielo.br/pdf/cp/n114/a09n114.pdf >. Acesso em: 24 out. 2016

FOUCAULT, Michel. .**História da sexualidade I**: A vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

_____.**História da sexualidade**: o cuidado de si. 10 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

_____.**A ordem do discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 11. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004

_____.**Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 20 ed. 1999. 288 p.

FRANCO, Neil. **Professoras trans brasileiras: ressignificações de gênero e de sexualidades no contexto escolar.** Tese (doutorado) – Universidade Federal de Uberlândia - UFU, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2014, 266p.

GILL, Rosalind. **Análise de discurso**. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes. 2014. p. 244-267.

GONÇALVES, Elisa Pereira. **Iniciação à pesquisa científica**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2001.

GROSSI, M. P. . **Identidade de Gênero e Sexualidade**. Estudos de Gênero - Cadernos de Área 9, Goiânia, v. 9, p. 29-46, 2000.

GUIMARÃES, Iracema Brandão. **Periferias e territórios sob efeitos conjugados de precarização: algumas tendências.** CADERNO CRH, Salvador, v. 24, n. spe 01, p. 89-104, 2011.

HALL, Stuart. **Quem precisa da identidade? In:** SILVA, Tomaz Tadeu da (org.); WOODWARD, Kathryn; HALL, Stuart. Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos culturais. 14. ed. Rio de Janeiro: Vozes. 2014. p. 103-133.

HARAWAY, Donna. **Saberes localizados**: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. v.14, n.3, 1988. Cadernos Pagu, Campinas, n.5, p.7-42, 1995b.

JESUS, J. G. de. **Identidade de gênero e políticas de afirmação identitária**. In: ABEH. Congresso Internacional de Estudos sobre a Diversidade Sexual e de Gênero. Salvador, 2012.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **Pedagogia do armário e currículo em ação: heteronormatividade, heterossexismo e homofobia no cotidiano escolar**. MILSKOLCI, Richard (Org.). Discursos fora da Ordem: deslocamentos, reinvenções e direitos. São Paulo: Annablume, 2012. (Série Sexualidades e Direitos Humanos).

LOURO, Guacira Lopes. **Pedagogias da sexualidade**. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). o corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

_____ .**Teoria queer - Uma política pós-identitária para a educação**. Revistas Estudos Feministas. ISSN 0104-026X. Vol. 9. Florianópolis. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2001000200012&script=sci_arttext#b15>. Acesso em: 19 jan. 2016.

_____ .**Currículo, gênero e sexualidade**: O “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre. Corpo, gênero e sexualidade: Um debate contemporâneo na educação. 9. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013a.

_____.**Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LUVIZOTTO, Caroline Kraus. **Etnicidade e identidade étnica**. Cultura gaúcha e separatismo no Rio Grande do Sul. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009, 93p.

MANZINI, Eduardo José. **Entrevista Semi-estruturada: Análise de Objetivos e de Roteiros**. Depto de Educação Especial do Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Estadual São Paulo (UNESP), Marília, SP. 2004. Disponível em:[http://www.sepq.org.br/IIsipeq/anais/pdf/gt3/04.pdf]; acesso em 16.12.16.

MISKOLCI, Richard. **Um corpo estranho na sala de aula**. In: ABRAMOWICZ, Anete; SILVÉRIO, Valter. Afirmando diferenças. Campinas: Papirus, 2005.

_____.**Reflexões sobre normalidade e desvio social**. In: Estudos de Sociologia, Araraquara, 13/14: 109-126 2002/2003.

_____, Richard; SIMÕES, Júlio Assis. Dossiê: **Sexualidades disparatas**. Cadernos pagu (28), janeiro-junho de 2007:9-18. 2007. Disponível em: < http://www.scielo.br/pdf/cpa/n28/02.pdf>. Acesso em 14 abr. 2016.

PELÚCIO, Larissa. **Abjeção e desejo**: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids. São Paulo: Annablume-Fapesp, 2009.

PENNA, Maura. **O que faz ser nordestino**: identidades sociais, interesses e o "escândalo" Erundina. São Paulo: Cortez, 1992.

PORTELLA, Rodrigo. **Discurso religioso, legitimidade e poder: algumas considerações a partir de Bourdieu, Foucault e Heller**. Fragmentos de Cultura, Goiânia, v. 16, n. 7/8, p. 567-576, jul./ago. 2006.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade**: Seguido de os Grupos étnicos e Suas Fronteiras. São Paulo: UNESP. 2011.

REX, John. Etnicidade. In: **___Dicionário do Pensamento Social do Século XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996, p. 284 a 286.

SALES, Shirlei Rezende. **Etnografia + análise do discurso**: articulações metodológicas para pesquisar em Educação. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes. 2014. p. 244-268.

SANTOS, Ailton. **Transexualidade e travestilidade**: conjunções e disjunções. In: Transexualidades: um olhar multidisciplinar/ Maria Thereza Ávila Dantas Coelho, Liliana Lopes Pedral Sampaio, Organizadoras; prefácio, Miriam Chnaiderman. - Salvador: EDUFBA, 2014. 272p.

SANTOS, Rafael França dos. **As aparências enganam?** : a arte do fazer-se travesti. 1 ed. Curitiba: Appris, 2015.

SANTOS ANDRADE, Sandra dos. **A entrevista narrativa ressignificada nas pesquisas educacionais pró-estruturalistas**. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (org). Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014. p. 175-196.

SARDENBERG, C. M. B. **A violência simbólica de gênero e a lei "antibaixaria" na Bahia**. OBSERVE: NEIM/UFBA, 2011.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. **"A epistemologia do armário".** In: cadernos pagu. Tradução de Plinio Dentzien. Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, 2007.

SEFFNER, Fernando; REIDEL, Marina. Professoras travestis e transexuais: saberes docentes e pedagogia do salto alto. **Currículo sem fronteiras**, v. 15, n. 2, p. 445-464, maio/ago. 2015.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **A produção social da identidade e da diferença**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org); WOODWARD, Kathryn; HALL, Stuart. Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos culturais. 14. ed. Rio de Janeiro: Vozes. 2014. p. 73-102.

SIMAKAWA, Viviane Vergueiro. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes**: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Salvador, 2015. 244fls.

TRIVINOS, A.N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

PERES, Wiliam Siqueira. **Travestilidades nômades**: a explosão dos binarismos e a emergência queering. Rev. Estudos Feministas, Florianópolis, maio-agosto 2012. p 539-547.

APÊNDICES

Apêndice A: GLOSSÁRIO

ABALAR – fazer algo bem feito

ABUSADA – bicha que não fala com ninguém

ADÉ – homossexual masculino; bicha

ALICE – bicha tola que vive no país das maravilhas

AMAPÔ OU AMAPOA – mulher; menina

AXÓ – roupa, produção de show.

BATALHAR – se prostituir

BIZU-(PA) – fofoca

CHUCHU – barba mal feita ou que cresce durante a noite de montação

COIÓ – bater em alguém, xingar alguém

COSIBOTÓ – bicha analfabeta; ignorante.

CUÃ – casa, apartamento.

CU PRESO – bicha enrustida

DAR O TRUQUE – enganar, dar o EQ.

DAR UMA BEIÇA – dar um golpe para arrumar dinheiro ou não pagar a dívida

DESAQUENDAR – deixar de lado; deixar em paz; esquecer

DRAGA – pessoa que come demais

EDÍ – ânus

EKÊ – pênis; a mala do bofe; o ekê do ocó; 2 problema; deixa de ekê!

ELZA – roubo

EQ (equê) – o mesmo que truque; engano; coisa falsa

ERÊ – 1 bofinho adolescente; 2 criança, jovem.

FAZER A GONDA – chupar, fazer felação

JACIRA – bicha quaquá, bagaceira

LAQUAQUA - o contrário de bibita; piroca grande

LARICA - fome

LARUÊ -(do bajubá) fofoca.

LASH - (do bajubá) jogar o picumã, fazer a egípcia, virar a cara, dar rabissaca, com a intenção de tombar alguém.

LESADO - 1 bêbado e/ou drogado; 2 bobo; 3 desencanado, aquele que não leva nada a sério.

LEVAR COIÓ - apanhar; ser xingado por alguém.

LINHA - pode ser usado de várias formas tipo: ô bicha faça a linha amiga.

MEU CU – que se dane

NECA - pênis.

NECÃO - pênis grande; avantajado; pauzão.

NEIDE - bicha burra.

OCÂNI - pênis

ODARA - bonito, elegante, vivaz (grande).

ORUM - céu; firmamento.

OTÉ - malcheiroso no corpo; chulé; ofofi

OTIM - bebida alcoólica.

OXANA – cigarro

TRAVA – travesti

TRANS – travestis ou transexuais

UÓ – tudo de mal – ex: O local é uó (o local não é legal).

VARAJÃO – fazer preço baixo no programa

XUXAR - fazer fofoca

Apêndice B: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO- TCLE

Prezada participante, eu Danilo Dias, mestrando em Relações Étnicas e Contemporaneidade, estou realizando a pesquisa intitulada "Travestilidades, marcadores étnicos e docência: um estudo com base em narrativas de uma travesti professora do interior baiano", com o intuito de investigar tópicos importantes e significativos, norteando o tema das travestilidades, transversalizando com outros temas como Educação, Sexualidade, gênero, Identidades, violência e preconceito.

Sabendo de sua longa experiência como professora e que se autodeclara como sendo travesti, venho através desta carta convidá-la a participar como voluntária da referida pesquisa. Informo que sua participação se efetivará por meio de conversas, visitas e entrevistas realizadas com o uso de anotações e de um gravador de voz durante momentos de conversa tendo como base algumas perguntas iniciais para que possa ir abordando sobre as suas vivências como travesti e professora, propiciando relatar os saberes construídos a partir da sua participação nos espaços institucionais da escola. Fica acordado que seu nome será inteiramente preservado e que as informações fornecidas serão transcritas na íntegra e exclusivamente utilizadas para fins de pesquisa científica em âmbitos acadêmicos, tais como congressos, publicações científicas e/ou publicações de modo geral.

O risco mínimo que poderá ocorrer em participar desta pesquisa, além da recordação de suas lembranças, será o desconforto de responder algumas questões a titulo de colaboração acadêmica. Caso ocorra algum desconforto, poderá informar a mim a qualquer momento e conversaremos sobre a situação. Você poderá decidir por desistir de participar da pesquisa ou remarcar a entrevista. Quanto aos benefícios dessa participação, os mesmos serão voltados para repensarmos sobre muitas práticas dentro do âmbito das relações sociais e da diversidade, bem como a problematizar sobre a fixidez das identidades e das formas de vivências.

Ressalto que não será disponibilizado nenhum valor financeiro como forma de pagamento pela sua participação, entretanto, eventuais despesas geradas em decorrência dessa participação, serão custeadas pela pesquisadora, cabendo ao participante apenas o investimento de parte de seu tempo em alguns minutos de conversa. Este é um convite e não implica a obrigatoriedade de sua participação na pesquisa.

Saliento que o presente termo será instituído em duas vias, ficando uma em posse do participante e a outra da pesquisadora.

Jequié-BA, 10 de novembro de 2016.

Participante da pesquisa	Pesquisador responsável

Para maiores informações, você poderá entrar em contato com o pesquisador através dos contatos:

E-mail: daniloduesb@gmail.com
Telefone: (77) 99117-7997

Ou, se preferir, entrar em contato com o Comitê de Ética e Pesquisa – CEP/ UESB, através dos endereços:

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
CAP - 1º andar
Av. José Moreira Sobrinho, S/N - Bairro: Jequiezinho
CEP: 45.206-510
Jequié – Bahia.
Telefone: (73) 3528 – 9727.

Apêndice C: TERMO DE CONSENTIMENTO DO NOME SOCIAL

Cara docente_____você que foi convidada a participar da pesquisa intitulada “Travestilidades, marcadores étnicos e docência: um estudo com base em narrativas de uma travesti professora do interior baiano” e que solicitou que constasse seu nome social na entrevista, bem como nas abordagens dos textos fragmentados agora é convidada a assinar este termo, ciente de seu pedido tendo em vista também a luta pela visibilidade.

Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato comigo, Danilo Dias, telefone: (77) 99117-7997/ (77) 98168-3054 ou o Prof. Dr. Marcos Lopes de Souza, telefone: (73) 99141-1558, orientador deste projeto de pesquisa.

JEQUIÉ, _____de_____de 2016

_____

Assinatura